SOB O CÉU ESTRELADO



Andressa Sousa

SOB O CÉU ESTRELADO

Andressa Sousa

Copyright © 2024 Andressa Sousa

SOB O CÉU ESTRELADO

Todos os direitos reservados.
É proibida a reprodução total ou parcial desta obra
sem a autorização prévia da autora.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S725s SOUSA, Andressa, 2000-
Sob o céu estrelado / SOUSA, Andressa. - Maracanaú : Da autora, 2024.

1. Ficção cristã. 2. Literatura infantojuvenil brasileira.
I. SOUSA, Andressa II. Título.
CDD 869

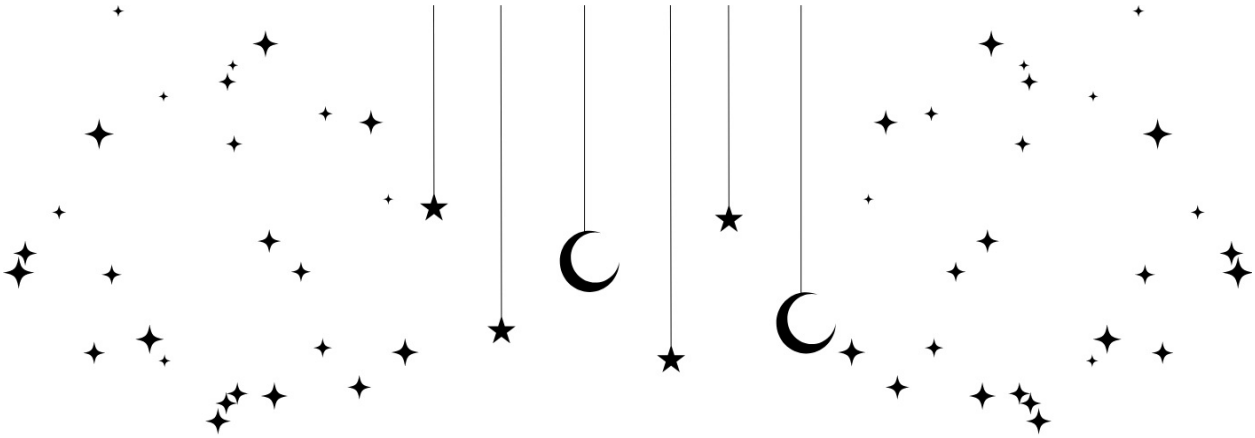
"Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito."

ROMANOS 8:28

CONTENTS

Copyright
Epigraph
Prólogo
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19

Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Epílogo
Agradecimentos
Sobre a autora
Notas



PRÓLOGO

A casa onde cresci sempre foi um lugar repleto de silêncios. Silêncios que, com o tempo, tornaram-se insuportáveis, pesados como uma tempestade prestes a desabar. Mas havia algo naquele silêncio que parecia manter tudo no lugar, como se romper com ele significasse desmoronar. E talvez tenha sido isso que aconteceu comigo.

No dia em que saí de casa, as paredes brancas, que um dia foram meu refúgio, pareciam mais frias do que nunca. Passei horas arrumando minhas coisas, dobrando cuidadosamente cada peça de roupa, como se o simples ato de organização pudesse me dar alguma sensação de controle. Mas, por dentro, eu estava em ruínas.

Minha mãe, Helena, estava na cozinha quando desci as escadas com a mala. A chaleira assobiava no fogão, enchendo o ar com o cheiro familiar de café fresco, mas, dessa vez, não havia conforto naquele aroma, apenas uma dor que eu sabia ser difícil de apagar.

— Você realmente vai fazer isso? — A voz de minha mãe veio baixa, quase um sussurro. Ela não se virou para me encarar, continuando a mexer o café na xícara, como se fosse a coisa mais importante do mundo naquele momento.

— Vou, mãe. Eu preciso.

Ela finalmente se virou, seus olhos encontrando os meus com uma intensidade que me fez estremecer. Eu queria que ela dissesse algo, qualquer coisa que quebrasse a tensão sufocante entre nós. Mas, tudo o que ela fez foi

balançar a cabeça lentamente, como se já tivesse desistido de tentar me entender.

— Lá fora, o mundo é diferente, Liz. Não é fácil, como você imagina — disse ela, como um aviso.

— Eu sei. Mas preciso tentar, mãe. Preciso descobrir quem sou longe daqui.

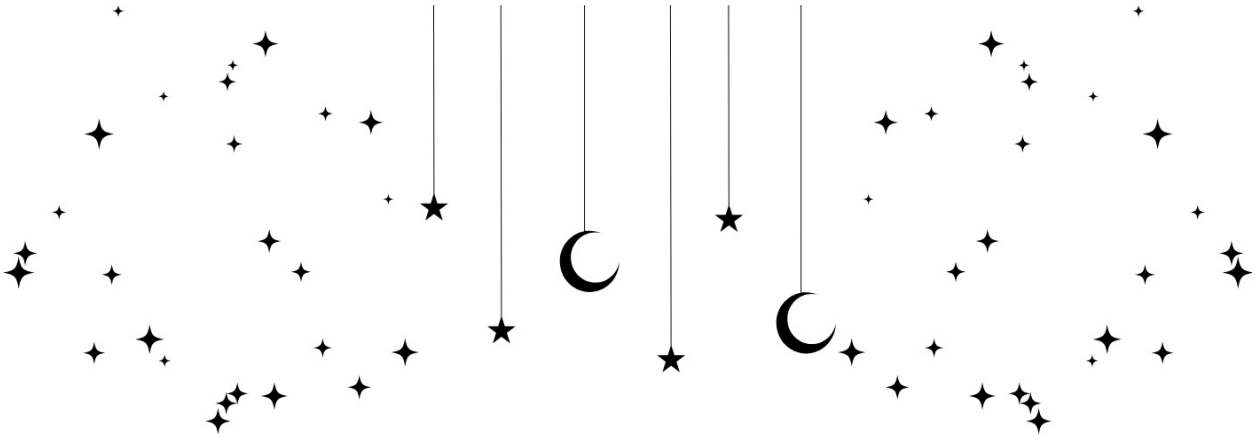
Houve um longo silêncio, durante o qual me perguntei se ela diria algo mais, se tentaria me convencer a ficar. Mas, então, ela se virou de volta para o café.

— Se é isso que você quer... — Sua voz soou distante, quase resignada.

Peguei a mala e caminhei até a porta. O ar do lado de fora estava fresco, um contraste gritante com a atmosfera pesada dentro da casa. Respirei fundo, tentando me convencer de que estava pronta para dar aquele passo.

Quando a porta se fechou atrás de mim, a sensação foi de um alívio tão profundo que quase me fez chorar. O que antes parecia uma prisão agora estava para trás, e tudo o que me restava era a incerteza do que viria a seguir. Mas, naquele momento, essa incerteza era tudo o que eu precisava.

Peguei o primeiro ônibus para São Paulo, deixando para trás não apenas uma casa, mas uma parte de mim que eu não estava pronta para confrontar. A cidade grande seria o cenário para minha nova vida, longe dos olhos controladores de Helena e das memórias que ainda assombravam cada canto daquela casa.



CAPÍTULO 1

"Ohana quer dizer família. Família quer dizer nunca abandonar ou esquecer."

— Lilo & Stitch

— Tem certeza de que não quer ir com a gente? — Clara me pergunta pela décima vez naquele dia. Respondo com a mesma calma de todas as outras vezes.

— Sim, Clara, já disse que tenho alguns trabalhos para finalizar. Além disso, quero começar aquele livro novo.

Ela suspira, cruzando os braços enquanto me observa do sofá.

— Você sabe que precisa sair e socializar um pouco, né? Se divertir, ver outras pessoas.

Mantenho os olhos fixos na tela do notebook, resistindo à tentação de ceder ao seu apelo.

— Estou bem assim. Além disso, o que representa toda a interação que tenho com você e a Nina?

Clara revira os olhos antes de se levantar e caminhar em direção ao banheiro, aceitando a derrota.

— Só para constar, a Nina não conta, ela é uma gata! — grita do banheiro.

O tom exagerado de sua voz me arranca uma risada. Clara é minha melhor amiga, e dividimos este pequeno apartamento em São Paulo há três anos. Difícil acreditar que já se passou tanto tempo desde que vi seu anúncio na internet.

Eu era nova na cidade e estava desesperada por um lugar para morar. O anúncio dela era objetivo: "*Procura-se inquilina para dividir apartamento. Pré-requisitos: organizada, tranquila e, preferencialmente, com hábitos cristãos.*"

Aquela descrição logo me chamou a atenção, pois eu facilmente cumpria todos os itens da lista. Hoje, olhando para Clara, vejo como aquela decisão mudou tudo para melhor. Desde então, ela se tornou mais do que uma colega de apartamento; é como a irmã que nunca tive.

Desde aquela época, socializar nunca foi algo que eu procurasse por prazer. As interações sociais, para mim, são complicadas e cansativas. Elas me lembram da imprevisibilidade da vida com Helena, onde cada palavra ou gesto poderia desencadear uma nova tempestade. Em contraste, os livros são minha âncora; eles me permitem fugir para mundos onde eu controlo o ritmo e a intensidade das emoções.

Clara sai do banheiro minutos depois, vestindo um vestido azul-marinho que lhe cai até os joelhos, com uma toalha enrolada na cabeça. Ela está radiante, como sempre. Eu, por outro lado, estou com uma camiseta larga e um moletom surrado, meus cabelos cacheados presos em um coque frouxo no topo da cabeça, enquanto pego um lanche na cozinha para continuar o resumo de uma das aulas da próxima semana.

— O Caleb vem te buscar? — pergunto, enchendo um copo de suco e pegando alguns biscoitos.

— Vem sim! — responde animada. — Na verdade, ele já deve estar quase aqui. Preciso correr para secar o cabelo e terminar de me arrumar.

Estou prestes a me sentar novamente quando a campainha toca. Vou até a porta e, por uma questão de hábito, olho pelo olho mágico. Caleb está do outro lado, sorrindo pacientemente.

— Liz, minha favorita! — Caleb me cumprimenta com um abraço caloroso e exagerado assim que abro a porta, como se não nos víssemos há anos. — Como você está? Sobrevivendo à vida adulta?

— Estou bem, só um pouco atarefada.

— Ah, a vida adulta... sempre arruinando nossos planos. A Clara me contou que tentou de tudo, mas você resistiu bravamente à nossa persuasão para sair hoje.

— Ela tentou bastante, pode acreditar. Quer entrar? Ela já está quase pronta. Aceita algo para beber?

— Ah, não. Se eu beber qualquer coisa, vou acabar grudado nesse sofá até amanhã de manhã — responde com um sorriso brincalhão, jogando-se dramaticamente na poltrona em frente à TV. — Agora, vamos falar de coisa séria. Alguma maratona de filmes planejada para o fim de semana? Preciso das suas dicas, senhorita expert em filmes de animação.

— Sempre! Só não decidi o que assistir ainda, mas animações definitivamente estarão no topo da lista.

— Sabia! Aposto que você vai assistir a algum filme de animação, seguido por uma nova ordem aleatória para reassistir "*Crepúsculo*". Tipo, sei lá, começar pelos créditos finais. Estou errado?

— Culpada! — admito, levantando as mãos em rendição. — Animações são meu porto seguro, então não consigo passar muito tempo sem ver alguma. E só para constar, o discurso do Edward no casamento vai ser minha inspiração. Pode anotar.

Ele ri alto, balançando a cabeça com aquela expressão de quem acha a ideia absurda. Mas é exatamente isso que faz de Caleb um amigo tão incrível. Ele nunca julga, só se diverte com minhas loucuras.

Clara aparece na sala, os cabelos perfeitamente arrumados e o batom impecável.

— Oi, amor! Vamos? Estou pronta. — Ela se vira para mim com uma expressão de desaprovação e carinho. — E você, Liz, pelo amor de Deus, coma algo além de biscoitos e, por favor, não passe a noite inteira em frente ao computador. Senão, vou ter que te arrastar para fora de casa à força da próxima vez.

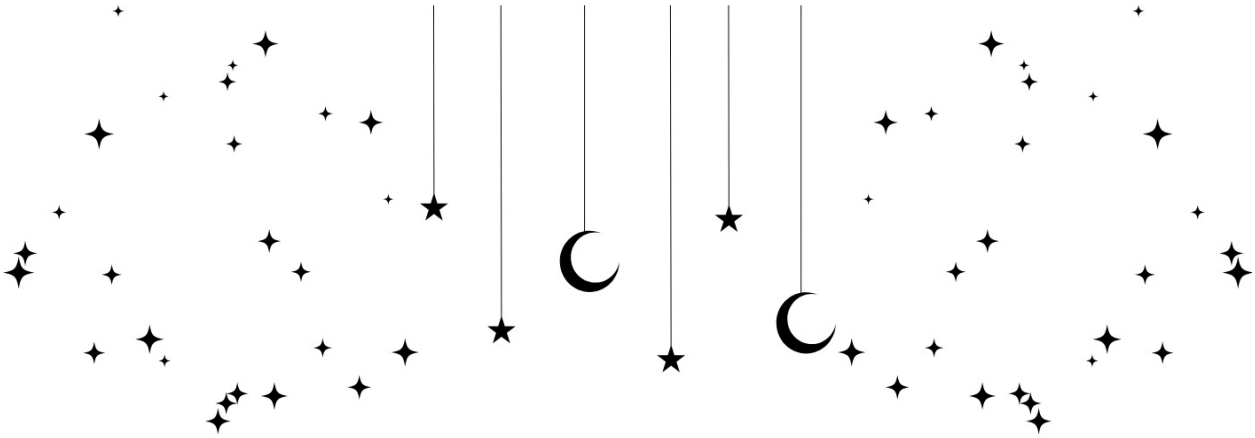
— Sim, senhora! — brinco, fazendo um sinal de continência.

— Tchau, Liz! Até domingo. — Caleb acena enquanto a segue em direção à porta.

— Até — respondo, observando-os sair.

Depois que a porta se fecha, tranco-a e olho ao redor. A tranquilidade do apartamento é quase reconfortante. Tenho a noite toda para mim, sem interrupções, apenas eu, meu trabalho e o livro que estou ansiosa para começar. Decido deixar os trabalhos acadêmicos de lado e escolho me perder na leitura.

A solidão, por escolha, nunca foi um problema. É o espaço onde me sinto mais segura, onde posso ser eu mesma, sem julgamentos, sem expectativas. É o meu refúgio, o que me permite recarregar e enfrentar o mundo lá fora, mesmo que, por enquanto, eu prefira que ele fique bem distante.



CAPÍTULO 2

"Me prometa só uma coisa? Que você nunca, nunca vai esquecer o que é realmente importante."

— A Princesa e o Sapo

— Bom dia, flor do dia! — Clara me cumprimenta com sua habitual animação matinal, brilhando como sempre. Ela está usando seu pijama de margaridas, que já se tornou o uniforme oficial dos finais de semana.

— Bom dia... — tento responder, mas um longo bocejo interrompe minhas palavras. — Como foi o cinema ontem? — pergunto enquanto me sento à mesa, servindo-me do café que Clara já havia preparado. Decidi ficar um pouco mais na cama hoje para compensar as noites insones da semana, resultado de trabalhos acumulados e prazos apertados. Finais de semestre são sempre caóticos, e meu perfeccionismo, claro, não ajuda em nada.

— Foi simplesmente perfeito! — Clara responde com entusiasmo, os olhos brilhando. — Assistimos a um filme incrível e depois ficamos conversando na praça de alimentação. Sério, você devia ter ido. Eu teria arrastado você, mas, como sou uma amiga caridosa, te dei uma folga desta vez. — Ela pisca, enquanto morde uma fatia de pão.

— Quem sabe na próxima... — respondo, tentando soar desapontada, embora ambas saibamos que dificilmente mudarei de ideia.

Um silêncio confortável se instala, quebrado apenas pelo som suave da chaleira na cozinha. Clara termina de mastigar antes de mudar de assunto, direta como sempre.

— Vai ligar para sua mãe hoje? — Ela pergunta com aquela leveza de

quem já sabe a resposta, mas não deixa de se importar.

Suspiro internamente. — Acho que sim. Tenho algumas coisas para resolver, então ligo assim que puder. — Tento soar despreocupada, mas o peso da tarefa já começa a se acumular sobre mim.

Por mais que eu evite, há sempre aquela sensação de obrigação. A relação com minha mãe é algo que prefiro enfrentar em pequenas doses, e a ligação semanal tornou-se um compromisso que cumpro mais por dever do que por vontade. Mas não posso ignorá-la, especialmente depois de tudo que passamos. Clara sabe disso e, embora ela não entenda completamente a complexidade da situação, tenta me incentivar a manter o contato.

— Você sabe que precisa fazer isso, Liz. Ela é sua mãe, independentemente de qualquer coisa — Clara comenta, querendo me lembrar do que já sei, mas que prefiro não ouvir.

A conversa começa a seguir um rumo desconfortável. Sinto a tensão no ar, a sensação de que estamos prestes a entrar em território perigoso. Antes que isso aconteça, decido mudar o foco rapidamente.

— Vou ao centro da cidade. Quer que eu traga algo para você? — pergunto, levantando-me da mesa e levando minha xícara até a pia, esperando que a mudança de assunto alivie o clima.

— Estou bem, obrigada! — Clara força um sorriso, percebendo que insistir nesse assunto não nos levaria a lugar algum. — Mas, se encontrar algo interessante, eu não vou recusar!



Enquanto me arrumo para um dia no centro de São Paulo, o sol da manhã entra pela janela, iluminando meu quarto. Escolho um vestido branco de renda fluida, com babados, que realça minha pele morena e, nos pés, sandálias rasteiras de couro marrom. Meus cabelos cacheados, naturalmente volumosos, estão presos em um coque despojado no alto da cabeça. Algumas mechas soltas emolduram meu rosto, e o batom rosa suave, junto com o rímel nos cílios,

finalizam a produção.

Já pronta, pego minha ecobag e confiro se tudo de que vou precisar está nela. Fecho a porta do quarto e vou em busca de Clara para avisar que já estou de saída. Escuto o som da água do chuveiro, o que indica que ela deve estar se arrumando para ir ao trabalho. Mando uma mensagem e saio.

Decido ir a pé, já que o centro não fica tão distante assim do meu apartamento. O ar fresco invade meus pulmões enquanto caminho pelas calçadas movimentadas, observando o ritmo acelerado da cidade, que já desperta para mais um dia.

As pessoas apressam o passo, carregando pastas, mochilas e seus sonhos. O aroma de café fresco toma conta do ar, misturando-se com o cheiro de pão quente que sai das padarias. As lojas abrem suas portas, revelando vitrines coloridas e cheias de novidades.

Caminho sem pressa, aproveitando cada segundo da manhã. Assim, me pego refletindo sobre a correria do dia a dia. Somos como engrenagens de uma máquina gigante, sempre em movimento, sempre buscando algo mais, algo além. Mas, nessa busca incessante, muitas vezes esquecemos de apreciar as pequenas dádivas que o Senhor nos concede a cada instante.

O sol radiante que aquece nossa pele, o canto dos pássaros que alegram nossos ouvidos, o aroma do café fresco que invade o ar... São pequenos detalhes que, muitas vezes, passam despercebidos em meio à nossa correria. Mas são esses detalhes que tornam a vida tão bela e tão especial.

Sempre que tenho a oportunidade, faço um esforço consciente para prestar atenção nesses pequenos detalhes. Observo o sorriso tímido de uma criança, a gentileza de um senhor que me cede passagem, a beleza das flores que enfeitam uma praça. E, a cada detalhe que eu observo, meu coração se enche de gratidão.

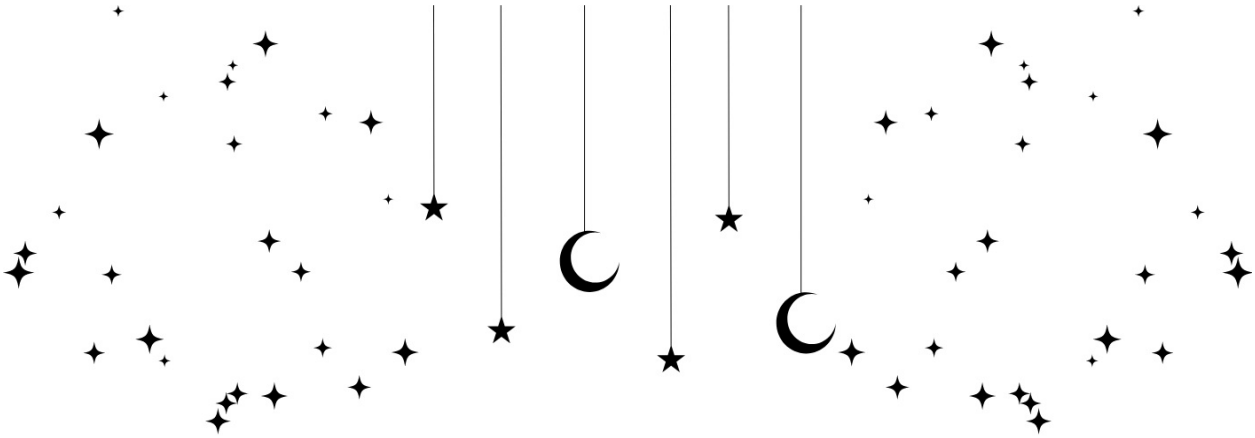
É verdade que a vida em São Paulo é agitada e frenética. Mas, mesmo em meio ao caos, podemos encontrar pequenos momentos de paz e beleza. Se pararmos por alguns instantes para observar o mundo ao nosso redor, com o coração aberto e o olhar atento, podemos encontrar a felicidade nas coisas simples da vida.

Sigo em frente, me deixando levar pelo fluxo da multidão. Entro em uma padaria charmosa e peço um café com leite e um pão de queijo. Sento-me em uma mesa perto da janela e observo o movimento da rua enquanto saboreio meu café. A vibração da cidade me fascina, mas é nos momentos de pausa, como este, que encontro verdadeira satisfação.

Com as energias renovadas, continuo minha caminhada. Passo em uma farmácia e compro alguns produtos de higiene pessoal que já estavam acabando.

Em seguida, vou à papelaria renovar meu estoque de *post-its* e sigo para meu local favorito da cidade.

Sempre que vou ao centro, passar na minha livraria favorita é obrigatório. A livraria é um lugar aconchegante, com estantes de madeira que vão do chão ao teto, repletas de livros de todas as épocas e gêneros. O ar é perfumado com o cheiro de páginas antigas e novas. Sinto-me como Lúcia ao atravessar o guarda-roupa para *Nárnia*, entrando em um mundo mágico onde o tempo parece correr de maneira diferente.



CAPÍTULO 3

"Bela: Você leu mesmo todos esses livros?
Fera: Não, não li todos. Alguns estão em grego.
Bela: [rindo] Isso foi uma piada? Você está fazendo piadas agora?"

— A Bela e a Fera

Ao entrar na livraria, o sino da porta tilinta suavemente, como se saudasse a minha chegada.

— Bom dia, Liz! — diz o Sr. Roberto, o dono do lugar, com um sorriso caloroso. Ele é um senhor de cabelos grisalhos, de óculos redondos que parecem emprestar-lhe um ar sábio, e um suéter de lã, independentemente da estação.

— Bom dia, Seu Roberto! — retribuo o sorriso. — Alguma novidade interessante?

— Sempre temos algo novo para você. Acabei de receber uma coleção de clássicos que acho que vai adorar. Venha, vou mostrar.

Sigo o Sr. Roberto até uma das estantes no fundo da loja, sentindo a familiar excitação que sempre surge ao descobrir um novo tesouro literário. O cheiro de livros antigos misturado com o perfume suave do Sr. Roberto cria um ambiente que me faz sentir em casa.

Mal percebo que, em minha pressa de alcançar os clássicos, esbarro em um jovem que carregava uma pilha de livros. Eles balançam perigosamente e,

por um momento, parece que tudo vai desabar.

— Desculpa! — exclamo, tentando desesperadamente ajudar a equilibrar os livros, mas acabo derrubando um deles no chão.

— Sem problemas — ele ri, tentando se agachar para pegar o livro. — Acho que esses livros estão tentando sabotar meu dia.

Dou uma risada enquanto pego outro livro caído e aproveito para observar melhor o rapaz. Ele é alto e magro, e eu pareço pequena ao lado dele, mesmo com meus 1,67. Seus olhos castanhos penetrantes, pele clara e cabelos levemente bagunçados só aumentam seu charme despretensioso.

— Bem, eu pareço ser especialista em esbarrar nas pessoas. Pode me chamar de Liz, a Desastrada.

— Matias, o Equilibrista — ele brinca, segurando a pilha de livros como se fossem super leves. Não consigo evitar uma risada, apreciando a leveza da situação.

— Ah, Liz, pelo visto já conheceu meu neto, Matias — diz o Sr. Roberto, colocando a mão no ombro do jovem. — Ele veio morar comigo recentemente e está me ajudando na livraria.

— É uma honra conhecer a tão famosa Liz — diz Matias, por cima dos livros. — Meu avô fala muito de você.

— Espero que apenas coisas boas — sorrio timidamente.

— É claro que sim, minha querida — responde o Sr. Roberto. — Como eu poderia falar mal da minha cliente mais fiel?

— Que bom. De qualquer maneira, não seria fácil o senhor se livrar de mim. Futuramente, posso até me tornar sua sócia.

Lembro-me da primeira vez que encontrei essa livraria, quase como um destino selado. Eu estava em uma de minhas caminhadas sem rumo pelo centro da cidade. A fachada antiga e charmosa, adornada com trepadeiras, parecia me chamar, e a placa de madeira desgastada pelo tempo anunciando "*Livros Novos, Usados e Raros*" foi o convite que eu precisava. Naquele dia, uma conexão especial foi criada com este lugar e, claro, com o Sr. Roberto.

— Aqui estão os livros que você vai adorar, Liz — diz ele, com um brilho nos olhos. — Acabei de colocá-los na prateleira.

Passo os dedos pelas lombadas dos livros, sentindo a textura das capas. Matias deposita a pilha que estava carregando sobre uma mesa próxima e se junta a mim, observando com curiosidade.

— Você gosta de clássicos? — ele pergunta, se aproximando um pouco mais, e noto que há um genuíno interesse em seu olhar.

— Adoro — respondo, folheando um dos livros. — Eles têm um jeito único de nos transportar para outras épocas e lugares.

— Concordo — diz Matias. — E é incrível como as histórias antigas ainda podem nos ensinar tanto sobre a vida e a fé.

Fico surpresa e impressionada com sua resposta. É raro encontrar alguém que compartilhe meu interesse por livros e, ainda mais, pela fé. Enquanto continuo explorando as prateleiras, o Sr. Roberto nos deixa sozinhos, mencionando que precisa atender um novo cliente.

— Então, Matias, qual é o seu clássico favorito? — pergunto, há algo em sua presença que desperta minha curiosidade de uma maneira inesperada.

— Difícil escolher, mas eu diria "*Os Miseráveis*". A jornada de redenção de Jean Valjean é incrivelmente poderosa — seus olhos brilham com uma paixão que me deixa admirada.

— Uma excelente escolha — concordo, apreciando o peso de suas palavras.

— E o seu? — ele pergunta, com um interesse genuíno que faz meu sorriso se alargar.

— Essa é uma pergunta perigosa de se fazer, a não ser que você deseje me ouvir falando por horas. Mas, respondendo à sua pergunta, "*As Crônicas de Nárnia*" têm todo o meu coração — confesso com entusiasmo.

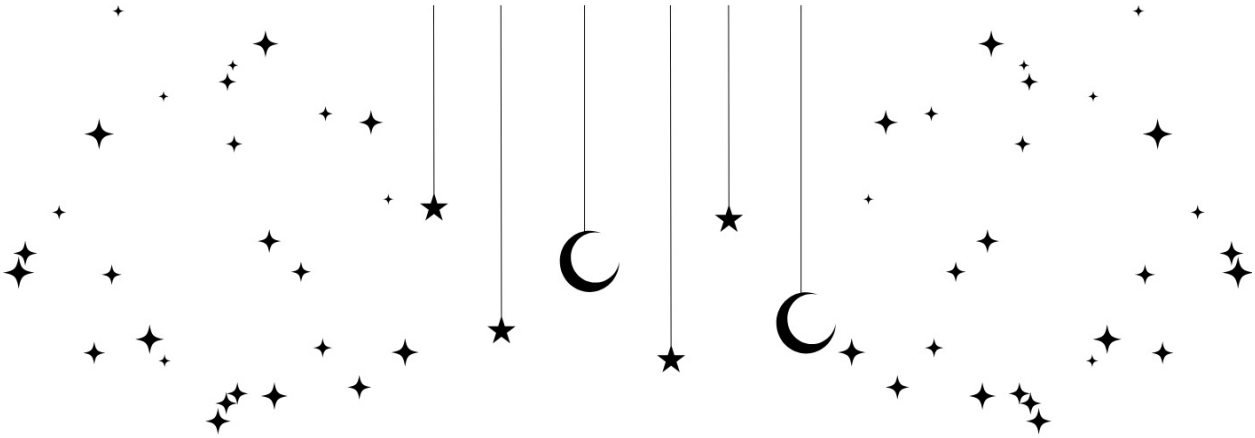
Sempre me encantei com a magia de Nárnia, um mundo onde animais falam, criaturas fantásticas vagam livremente, e a batalha entre o bem e o mal é épica. Cada livro da série me transporta para um universo diferente, com aventuras emocionantes e personagens inesquecíveis. É mais do que apenas uma história; é uma parte de quem eu sou.

— Uau, pelo visto terei que perguntar mais sobre seus livros favoritos — ele diz com um sorriso de lado, que faz meu coração acelerar.

Sinto como se várias borboletas tivessem acabado de ser soltas em meu estômago. Tento disfarçar o efeito que aquela simples frase teve sobre mim, então apenas sorrio timidamente e respondo:

— Parece que sim.

Ao nosso redor, o tempo parece desacelerar, e a livraria, com sua tranquilidade quase mágica, se transforma em um cenário perfeito para essa nova descoberta. Estou curiosa para saber mais sobre Matias e, de repente, o pensamento de passar mais tempo aqui, talvez até mesmo ajudando o Seu Roberto, começa a parecer muito mais interessante.



CAPÍTULO 4

"Nossas terras estão em guerra desde que conseguimos nos lembrar. Nosso povo nunca entra em acordo."

— Raya e o Último Dragão

Ao sair da livraria, o céu está de um azul brilhante, e o sol já está alto, indicando que passou do meio-dia. Com o clássico recém-comprado guardado na bolsa, dou os primeiros passos para fora, ainda com o encontro com Matias fresco em minha mente. O leve burburinho de fome em meu estômago me traz de volta à realidade. Decido almoçar por ali mesmo, já que o bairro é conhecido por seus pequenos e acolhedores restaurantes. Caminho algumas quadras até encontrar um estabelecimento chamado “Receitas da Vovó”. A fachada simples, com cortinas floridas nas janelas e o letreiro em madeira envelhecida, me lembra as casas de interior que eu costumava visitar quando criança.

Ao entrar, sou envolvida pelo aroma irresistível de comida caseira, uma mistura de temperos que imediatamente me faz sentir em casa. O lugar está cheio, e as conversas animadas formam um pano de fundo acolhedor. É difícil encontrar uma mesa vaga, mas avisto uma nos fundos e rapidamente me dirijo até lá. Mal sento, e uma garçonete de sorriso amigável aparece ao meu lado, segurando o cardápio.

— Boa tarde! — diz ela, me entregando o menu. Pelo bordado em seu uniforme, vejo que seu nome é Laura.

— Boa tarde! — respondo, dando uma olhada rápida. — Acho que vou querer uma porção de arroz, feijão, salada e bife acebolado.

— Ótima escolha! — diz ela, anotando o pedido. — Já volto com seu prato.

Laura se afasta, e, enquanto espero, meus pensamentos me levam de volta ao encontro inesperado com Matias. Um sorriso escapa pelos meus lábios ao lembrar de seu jeito descontraído e de como conversamos com tanta facilidade. Mas, como um balde de água fria, a lembrança da ligação que preciso fazer para minha mãe surge em minha mente. Sinto um aperto no peito, mas sei que não posso adiar esse momento por mais tempo.

Procuro meu celular na ecobag, faço uma busca rápida nos contatos e clico em "*ligar*". Respiro fundo, tentando preparar meu coração para o que vem a seguir. No terceiro toque, a chamada é atendida.

— Alô? — A voz familiar da minha mãe soa do outro lado, fria e carregada de ressentimento.

— Oi, mãe. Tudo bem? — Tento manter a voz neutra, sem deixar transparecer a ansiedade que me invade.

— Ah, você sabe, todo dia a mesma solidão. Mas isso não é problema seu agora. — O tom passivo-agressivo dela me atinge como uma lâmina afiada.

— Fico triste que se sinta assim. Queria poder estar mais presente, mas a vida está bem corrida com a faculdade. A senhora sabe como sempre sonhei com isso.

— Claro, seu curso dos sonhos. Enquanto isso, estou aqui sozinha, sem ninguém para me ajudar...

— Estou realmente fazendo o meu melhor. Eu me importo muito com a senhora e estou tentando equilibrar tudo. — Tento soar firme, mas a insegurança infiltra-se em minha voz.

— Equilibrar... Claro. Enquanto isso, fico aqui, tentando sobreviver, me sentindo abandonada. Mas não se preocupe comigo, Liz. — O veneno nas palavras dela é inconfundível, fazendo meu estômago revirar.

— Só estou tentando explicar que... — tento mais uma vez, mas sou interrompida antes de poder completar a frase.

— Já estou cansada dessa conversa. Você sempre tem uma desculpa — diz ela, agora irritada, como se cada palavra fosse uma sentença.

Respiro fundo novamente, tentando manter a calma, mesmo que cada fibra do meu ser esteja em alerta. Mais uma vez, ela está moldando a situação da maneira que deseja, me fazendo sentir pequena e culpada.

— Mãe, sinto muito se parece que estou distante. Vou me esforçar mais para estarmos em contato, prometo. Mas preciso que entenda que minha vida

aqui é muito exigente e, às vezes, fica difícil.

Há um momento de silêncio do outro lado da linha antes de minha mãe suspirar profundamente.

— Faça como quiser, Liz. Já aceitei meu lugar em sua vida.

— Não fala assim, mãe. Você sabe que eu te amo.

— É, tá bom. Agora preciso ir.

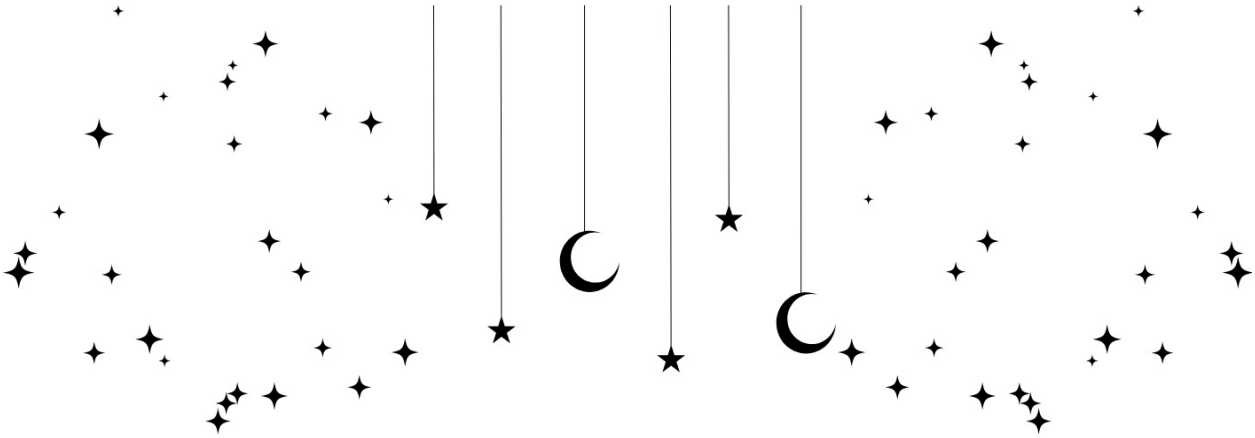
Antes que eu possa responder, ela desliga. Fico olhando para o telefone por alguns segundos, tentando processar o turbilhão de emoções que me invade. A tristeza se mistura à sensação de alívio, deixando um gosto amargo na boca. Alívio por ter cumprido a obrigação, mas tristeza por, mais uma vez, a conversa ter seguido o caminho desgastado e previsível.

Olho ao redor, tentando focar em algo que me distraia. As paredes do restaurante, pintadas em tons de terracota e verde-musgo, são adornadas com quadros rústicos que retratam cenas da vida rural e utensílios antigos de cozinha. As mesas e cadeiras de madeira maciça complementam o ambiente acolhedor, e as pessoas ao meu redor conversam animadamente. Tento absorver a energia positiva do lugar, mas a nuvem de melancolia ainda paira sobre mim, difícil de dispersar.

Laura volta com meu pedido, interrompendo meus pensamentos. Agradeço e dou uma mordida no bife acebolado, tentando saborear a comida e afastar a tristeza que se alojou em meu peito. O bife está suculento, preparado com esmero, mas cada mordida parece um pouco mais difícil de engolir, como se o peso das palavras da minha mãe ainda estivesse ali, pairando sobre mim, me fazendo sentir culpada por ser uma filha tão negligente.

Termino a refeição sem muito entusiasmo e pago a conta. Ao sair do restaurante, o sol da tarde ainda brilha intensamente, aquecendo minha pele. Caminho em direção a minha casa, mas a luz parece não conseguir penetrar a nuvem de melancolia que me envolve. Minha mente volta a percorrer os caminhos tortuosos da minha relação com minha mãe, um labirinto emocional do qual eu gostaria de encontrar uma saída.

Minha gata siamesa, Nina, me recebe com um ronronar acolhedor quando entro em casa. Seus olhos azuis brilham enquanto ela se esfrega em minhas pernas, como se tentasse me consolar. O silêncio familiar do lugar me envolve, já que Clara só chegará à noite. Deixo a ecobag no chão, tiro as sandálias e vou em direção ao armário da cozinha. Retiro o pote de ração e coloco um pouco na vasilha da Nina, que mia agradecida. Em seguida, me jogo no sofá, sentindo uma onda de cansaço me invadir. Fecho os olhos, permitindo que a quietude e a exaustão me dominem, e lentamente adormeço, esperando que o sono leve embora as emoções conflitantes que o dia trouxe.



CAPÍTULO 5

"Olhe para dentro de si mesmo e reconheça que a mudança começa com você."

— Zootopia

O relógio na parede marca sete da noite. A sala está mergulhada em uma penumbra suave, com as luzes da rua entrando pelas janelas, projetando um brilho fraco e difuso. Esfrego os olhos, ainda pesados do cochilo no sofá, e me espreguiço, sentindo os músculos tensos relaxarem lentamente. Nina, enrolada ao lado do meu pé, ronrona suavemente, trazendo um pouco de paz à minha mente ainda confusa.

Sento-me devagar, tentando me orientar enquanto observo a familiaridade do meu apartamento. O silêncio que me cerca é quase palpável. Clara ainda não voltou do trabalho, e a ausência de barulho só reforça a solidão do momento. Pego meu celular e verifico as mensagens. Há algumas notificações de amigos e uma mensagem de Clara, avisando que vai demorar um pouco mais no trabalho.

Com um suspiro, levanto-me e vou até a cozinha, abrindo a geladeira em busca de algo para comer. Opto por um sanduíche rápido. Enquanto o preparo, minha mente começa a vagar novamente. O encontro com Matias retorna aos meus pensamentos, e um sorriso involuntário aparece em meu rosto. Ele foi, sem dúvida, uma surpresa agradável — alguém que compartilha meu amor pelos livros e pela fé. Sua presença trouxe uma leveza inesperada ao meu

dia. Será que voltarei a vê-lo na livraria? Será que ele se interessaria por uma amizade?

Depois de comer, sinto a necessidade de relaxar completamente. Decido tomar um banho quente. Enquanto a água escorre por meus ombros, sinto o peso do dia escorrer junto com ela pelo ralo. Fecho os olhos, concentrando-me no som do chuveiro e permitindo que ele limpe não apenas meu corpo, mas também minha alma cansada.

Ao sair do banho, visto meu pijama mais confortável e volto para a sala, acomodando-me no sofá com a Bíblia nas mãos. A correria do dia me fez negligenciar o momento mais importante: meu encontro com o Pai. Faço a leitura bíblica do devocional e, em seguida, pego o celular e abro o aplicativo de músicas, buscando a playlist que criei especialmente para esses momentos. Sei exatamente qual música tocar.

"*Aquieta minh'alma*"[1], ecoa a melodia familiar, enchendo o ambiente com uma paz que só o Senhor pode proporcionar.

Pai, venho a Ti neste momento com o coração ainda agitado pelas tempestades do dia. Foi um dia longo, cheio de altos e baixos, onde minhas emoções me levaram a diversos lugares. Peço que o Senhor acalme esse turbilhão dentro de mim.

"*Faz meu coração ouvir Tua voz*."

Neste instante, meu único desejo é focar na voz do Senhor. Que todas as outras vozes se silenciem e que eu possa ouvir Seus sussurros de amor e paz.

"*Me chama pra perto, só assim eu não me sinto só.*"

Senhor, me traga para perto de Ti. Quero sentir Teu abraço acolhedor e saber que não estou sozinha nessa caminhada.

"*Porque, na verdade, eu descobri que tudo o que eu preciso está em Ti*."

Hoje, mais do que nunca, reconheço que toda a felicidade e plenitude que procuro está em Ti, Senhor.

"*Mas meu coração é teimoso demais pra admitir.*"

Sei que muitas vezes, meu coração teima em se afastar, buscando soluções em lugares errados. Mas, neste momento, entrego a Ti toda a minha teimosia e me rendo ao Teu amor.

"*Sei que depender é como viver perigosamente, mas eu preciso acreditar e confiar no que Você me diz.*"

Mesmo que seja difícil, escolho acreditar e confiar em Ti, Senhor. Sei que Teus planos para mim são infinitamente melhores do que qualquer coisa que eu possa imaginar.

"*Aquieta minh'alma, faz meu coração ouvir Tua voz.*"

Que minha alma seja verdadeiramente aquietada e que eu possa ouvir Tua voz, guiando-me e consolando-me.

Com lágrimas nos olhos, sinto a paz que excede todo entendimento acalmar meu coração. Aquele que nunca me deixa só está me dizendo que não preciso carregar esses fardos sozinha. Basta me achegar a Ele em oração, levando todas as minhas angústias e deixando que Ele cuide de mim.

Depois de refletir um pouco mais sobre a leitura bíblica, faço uma última oração em agradecimento. Com as energias renovadas, decido preparar o jantar.

O som familiar da porta abrindo me avisa que Clara chegou. Ela entra na sala com seu jeito habitual, jogando a bolsa no chão e me cumprimentando com um sorriso cansado.

— Oi, Liz! Espero que essa lasanha seja boa, porque eu tô precisando de um milagre! — diz ela, jogando-se no sofá dramaticamente.

— Como foi seu dia? — pergunto, enquanto coloco a lasanha no forno, já esperando por uma história.

— Dizer que foi cansativo é pouco! O funcionário da noite ficou doente e adivinha quem teve que cobrir o horário dele? — Ela joga as mãos para o alto, como se estivesse prestes a desabar ali mesmo. — Se eu não fosse tão resistente, já estaria no chão!

Dou uma risada e me aproximo, abraçando-a de lado.

— Acho que acertei no prato para o jantar, então. Vai lá tomar seu banho e depois nos jogamos no sofá para maratonar séries até não aguentarmos mais.

Clara me abraça de volta e me puxa mais para perto, exagerando no carinho.

— Só depois que você me contar tudo sobre seu dia — ela insiste, mesmo enquanto tenta se recuperar do cansaço.

Sorrio, tentando organizar os pensamentos, e começo a contar sobre meu encontro com Matias, deixando de fora as partes mais complicadas do dia.

Clara me olha com um sorriso malicioso no rosto, um brilho curioso nos olhos.

— Parece que você teve um dia cheio de surpresas, hein? — ela provoca, arqueando as sobrancelhas.

Concordo com um aceno de cabeça e um sorriso tímido nos lábios.

— Sim, acho que podemos dizer isso.

Clara se afasta do abraço, mas continua me estudando com aquele olhar curioso.

— Então, esse tal de Matias... ele é interessante? — A provocação em sua voz é clara, mas também vem carregada de interesse.

Meu sorriso se alarga um pouco mais, e não consigo esconder o brilho nos meus olhos.

— Sim, ele é. E, além de interessante, ele parece ser alguém com quem eu poderia realmente me conectar.

Clara ri, me dando um leve empurrão no ombro, divertida.

— Hmmm, conexão profunda! Gosto disso. Vamos ver onde isso vai dar, hein? Agora, vou tomar aquele banho prometido, e depois... a noite é nossa! — Ela finaliza, com um entusiasmo renovado, já caminhando em direção ao banheiro.

Enquanto espero a lasanha assar, reflito sobre como a vida, às vezes, tem uma maneira engraçada de nos surpreender, trazendo novas pessoas e novas possibilidades quando menos esperamos.

A campainha do forno me tira dos pensamentos. Abro a porta do forno e sou recebida pelo cheiro reconfortante da lasanha. Clara retorna do banho, vestindo seu pijama, e se junta a mim na cozinha.

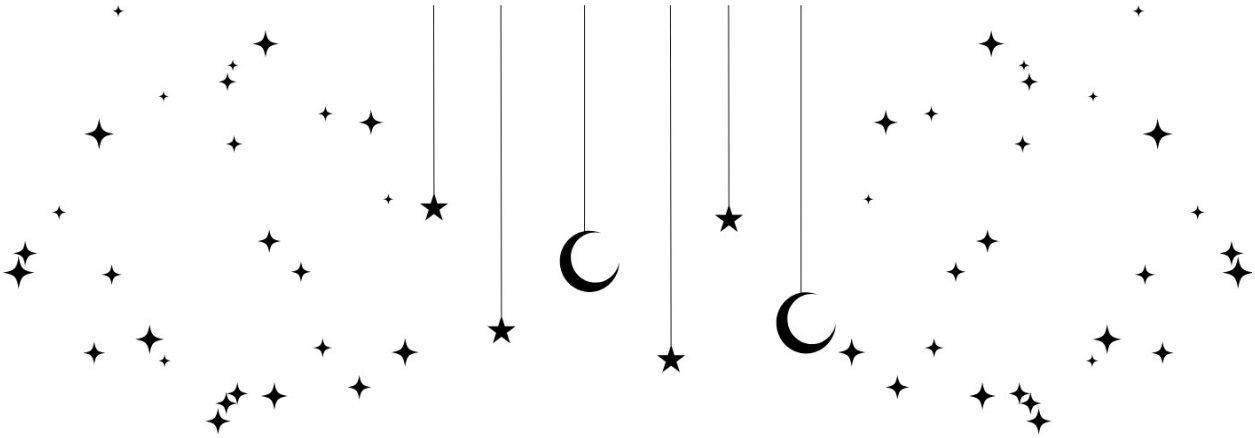
— Pronta para a melhor lasanha da cidade? — pergunto, enquanto sirvo as porções.

— Óbvio! — ela responde, pegando um prato.

Nos acomodamos no sofá com as porções de lasanha fumegantes em nossas mãos. A televisão ligada em "*Gilmore Girls*"[2], nossa série favorita. A sensação de conforto e amizade preenche o ambiente. Enquanto rimos e comentamos sobre a trama, sinto que, apesar dos desafios, sempre há coisas boas para serem aproveitadas.

— Obrigada por isso, Liz — Clara diz, com um sorriso sincero.

— Sempre — respondo, retribuindo o sorriso.



CAPÍTULO 6

"Somente o necessário
O extraordinário é demais
Eu digo necessário
Somente o necessário"

— Mogli

Acordo com Nina miando insistentemente perto da minha cabeça e cutucando meu rosto com sua pata macia. Ela está claramente impaciente, querendo sua ração matinal. A luz suave da manhã se insinua pelas frestas da cortina, e, mesmo relutante, abro os olhos lentamente, ainda sentindo o peso da noite anterior. Maratonas de séries, como a que Clara e eu fizemos ontem, sempre me deixam com uma sensação de cansaço. Fui dormir tarde, e apesar de ter tido uma noite tranquila, sem sonhos perturbadores, sinto-me um pouco resistente em começar o dia.

Por um momento, penso em não ir ao culto matutino. O conforto do meu quarto me chama de volta, mas sei que essa preguiça é apenas uma tentativa de fuga. Decido deixar o cansaço de lado e me levanto, determinada a não ceder.

Faço um carinho rápido na Nina, que ainda está perto da minha cama, e vou para a cozinha. Coloco a ração na tigela dela, que me olha satisfeita e começa a comer. Com isso resolvido, sigo para o banheiro e tomo um banho revigorante, deixando a água morna afastar o cansaço restante.

O domingo sempre traz uma dualidade. É um dia de descanso, de

aproveitar a liberdade antes da rotina recomeçar, mas também carrega a sombra iminente da segunda-feira, lembrando as responsabilidades que me aguardam. Tento me concentrar no lado bom do dia, nos momentos de paz e reflexão que ele pode trazer.

De volta ao quarto, escolho um vestido floral leve, perfeito para o calor da manhã, e calço sandálias confortáveis. Decido prender meus cachos em um penteado meio solto, que dá um toque de “elegância sem esforço".

Enquanto termino de me arrumar, Clara aparece na porta do quarto, já pronta e segurando uma caneca de café.

— Bom dia, dorminhoca! — diz ela, animada, balançando a caneca como se fosse uma saudação especial.

— Bom dia! Pronta para o culto? — pergunto, aceitando a caneca que ela me oferece com gratidão.

— Sempre! — responde Clara, com aquele entusiasmo contagiante, como se cada domingo fosse uma nova aventura. Dou um gole no café quente, sentindo a energia fluir imediatamente. Ela sempre sabe escolher o café certo para cada humor.

— O Caleb já está vindo? — pego minha bolsa e minha Bíblia, me preparando para sair.

— Sim! Ele mandou uma mensagem dizendo que chega em cinco minutos. E, prepare-se, parece que ele vai trazer um amigo junto! — Clara diz, pegando suas coisas na sala e me lançando um olhar de expectativa.

— Uau, o círculo social do Caleb expandiu? Achei que ele se limitasse a nós — brinco, trancando a porta do apartamento.

Clara ri alto e me empurra de leve.

— Como se eu fosse me cercar só de introvertidos, Liz! Nós somos o equilíbrio perfeito, você deveria saber disso! — Ela pisca para mim, e rimos juntas enquanto descemos até a entrada do prédio.

Ao chegarmos ao portão, avistamos o carro de Caleb virando a esquina. Ele estaciona na frente do prédio e sai do carro com seu sorriso inconfundível, quase exagerado, mas totalmente sincero.

— Bom dia, senhoritas! — exclama ele, vindo em nossa direção com os braços abertos como se estivesse pronto para um abraço coletivo.

— Bom dia, Caleb! — respondo, rindo enquanto me afasto estrategicamente para evitar o papel de vela.

Clara se adianta, dando-lhe um abraço rápido antes de comentar, brincando:

— Pronto para liderar nosso pequeno comboio até a igreja, comandante?

Caleb faz uma pose dramática, batendo continência e respondendo com entusiasmo:

— Sempre pronto, *milady*! Agora, todos a bordo! — Ele gesticula em direção ao carro.

Quando me aproximo do carro, percebo que há alguém no banco de trás. Assim que abro a porta, dou de cara com Matias, o jovem da livraria. Ele me olha surpreso.

— Matias? — digo, espantada.

— Liz, a desastrada! Que coincidência! — ele exclama. — Não sabia que você vinha também.

— Eu que o diga. — me acomodo ao lado dele e acabo soltando uma risada nervosa. — Sem uma pilha de livros hoje?

— Sim, mas bom saber que não preciso deles para conversar com você. — Ele me olha, e mesmo sendo apenas a segunda vez que nos vemos, aquela sensação familiar me invade de novo. As borboletas no meu estômago, que eu pensei ter silenciado, voltam a agitar-se, como se algo em sua presença as despertasse toda vez que ele está por perto.

Clara entra no carro logo depois, sempre atenta às pequenas dinâmicas ao seu redor. Ao perceber a situação, ela se vira para trás, sorrindo de maneira travessa.

— Olha só! Parece que nosso círculo social é maior do que pensávamos, hein? — Ela comenta, rindo, claramente adorando a pequena surpresa do dia.

Eu tento disfarçar meu constrangimento, sentindo minhas bochechas corarem levemente. Faço o comentário mais óbvio que consigo naquele momento, tentando manter a compostura.

— Não sabia que vocês se conheciam... — digo para Caleb, em um tom acusatório.

Caleb solta uma risada leve enquanto dá partida no carro.

— Ah, eu e Matias nos conhecemos há algumas semanas — responde ele, casualmente, como se fosse a coisa mais natural do mundo. — Ele se mudou para o prédio ao lado do meu. A gente acabou se trombando na academia do condomínio e, entre um exercício e outro, puxamos papo. Descobrimos que temos várias coisas em comum.

Clara faz uma expressão de quem claramente sabia que algo assim ia acontecer.

— Eu sabia que você ia acabar expandindo seu território, Caleb. Você e essa sua capacidade de fazer amigos em qualquer lugar... — Ela brinca, dando uma leve cutucada no ombro dele.

Matias sorri e complementa:

— Pois é, estava me sentindo meio deslocado. Caleb me convidou para vir hoje, já que ainda estou me adaptando à nova cidade e não conheço muita gente por aqui.

Clara se vira para mim com um olhar divertido.

— Uau, esse mundo é realmente minúsculo! — Ela diz, rindo levemente. — Mas fico super feliz que vocês já estejam se enturmando.

Eu também sorrio, sentindo que tudo faz sentido agora.

— Parece que Deus gosta de criar essas coincidências maravilhosas, não é? Bem-vindo ao nosso grupo, Matias.

Chegamos à igreja e o estacionamento já está quase lotado. As pessoas começam a se reunir, cumprimentando-se com sorrisos e abraços. Há uma sensação de expectativa no ar, como sempre acontece nos cultos matutinos de domingo.

Saímos do carro, e peguei minha bolsa e minha Bíblia, ajustando meu vestido enquanto Clara fazia o mesmo com sua saia. Matias e Caleb caminharam na frente, conversando animadamente sobre algo que parecia ser uma história engraçada da academia. Ao nos aproximarmos da entrada, o som dos hinos já podia ser ouvido, criando uma atmosfera acolhedora e reverente.

— Parece que o louvor já começou — disse Clara, apressando o passo.

Entramos no saguão da igreja, onde fomos recebidos por um caloroso "Bom dia!" de uma das voluntárias. O cheiro familiar de café e bolos frescos vindos da cantina misturava-se ao som das conversas. Fizemos nosso caminho até o salão principal, onde o coral já estava no palco, cantando um hino que aquecia nossos corações.

Caleb nos guiou até um banco próximo ao corredor, e todos nos acomodamos. Sentei-me ao lado de Matias, ainda me sentindo um pouco nervosa com a presença dele, mas tentando focar na razão principal de estarmos ali. O pastor subiu ao púlpito, começando a oração inicial, e eu senti uma paz interior se espalhar.

Matias parecia à vontade, seguindo o culto com atenção. Era reconfortante ver que ele se sentia tão conectado à nossa comunidade, apesar de ser novo na cidade. Olhei para Clara, que estava com os olhos fechados em oração, e senti uma onda de gratidão por ter amigos tão bons e por estar em um lugar onde a fé nos unia.

O culto prosseguiu em um clima de fervor, com cânticos exaltantes e uma profunda meditação no Salmo 136. A pregação, inspiradora, nos convidou a refletir sobre a imensa bondade divina. Ao final, unidos em espírito, nos levantamos para uma comovente oração final.

Ao sairmos, o aroma de café e bolos recém-assados nos conduziu ao saguão, onde a comunidade se reunia para um momento de confraternização. Matias se aproximou de mim, com um sorriso no rosto.

— Foi um culto maravilhoso. Obrigado por me acolherem tão bem.

Sorri de volta, sentindo que ele já fazia parte do nosso pequeno círculo.

— Estamos felizes que você veio. Espero que seja o primeiro de muitos.

— Eu também — diz, pegando um prato para nós e servindo-se generosamente de bolo. — Este bolo está com uma cara ótima.

Aproveito o momento de descontração para expressar minha curiosidade.

— Sabe, ainda estou curiosa sobre como você veio parar aqui ajudando o Sr. Roberto.

Matias riu, servindo o café antes de responder.

— Entendo a curiosidade. Na verdade, eu morava em outra cidade e estava procurando um novo começo. Meu avô me ofereceu a chance de vir para cá e ajudar na livraria, o que foi o encaixe perfeito, considerando minha formação em Biblioteconomia. Ele sempre foi uma figura muito importante para mim, então decidi aceitar.

— Que legal! — disse, olhando para ele com interesse. — Ser bibliotecário deve ser incrível! Eu sempre admirei quem trabalha rodeado de livros, parece um sonho. E não sabia que o Sr. Roberto tinha uma ligação tão forte com você.

— Sim, ele é um dos motivos pelos quais tenho essa paixão por livros. Quando eu era criança, ele sempre me enviava livros de presente e me incentivava a ler. Vir para cá e trabalhar na livraria dele pareceu uma boa forma de retribuir todo o apoio que ele sempre me deu.

— Deve ser muito gratificante! — comentei, ainda impressionada. — É um privilégio poder transformar uma paixão em profissão, ainda mais em um lugar que tem tanto significado pra você. O Sr. Roberto é uma pessoa muito especial. Fico feliz em saber que ele tem alguém da família por perto. Ele nunca mencionou você antes; na verdade, ele quase não fala sobre a família.

Matias suspirou, ficando um pouco mais sério.

— É verdade. Acho que ele não gosta muito de falar sobre a família porque houve algumas desavenças no passado. Minha mãe e ele não se falavam há anos. Acho que ele se sentia triste e culpado por isso e preferia evitar o assunto. Mas quando ela faleceu, nós nos reaproximamos. Ele me pediu para vir para cá, e eu achei que era a hora certa de mudar de ares e estar mais perto dele.

— Sinto muito pela sua mãe — disse Clara com empatia, ela e Caleb haviam se aproximado de nós com seus lanches.

— Obrigado — Matias respondeu, com um sorriso triste. — Mas tem sido bom estar aqui. E, honestamente, trabalhar na livraria tem sido uma experiência muito enriquecedora. Conhecer pessoas novas, como você, Liz, tem sido uma das melhores partes.

Senti minhas bochechas esquentarem com o elogio e me concentrei em mexer meu café.

— Fico feliz em ouvir isso. Quem sabe você não acaba gostando tanto daqui que decide ficar de vez?

— Quem sabe? — ele disse com um sorriso, antes de dar mais uma mordida no bolo.

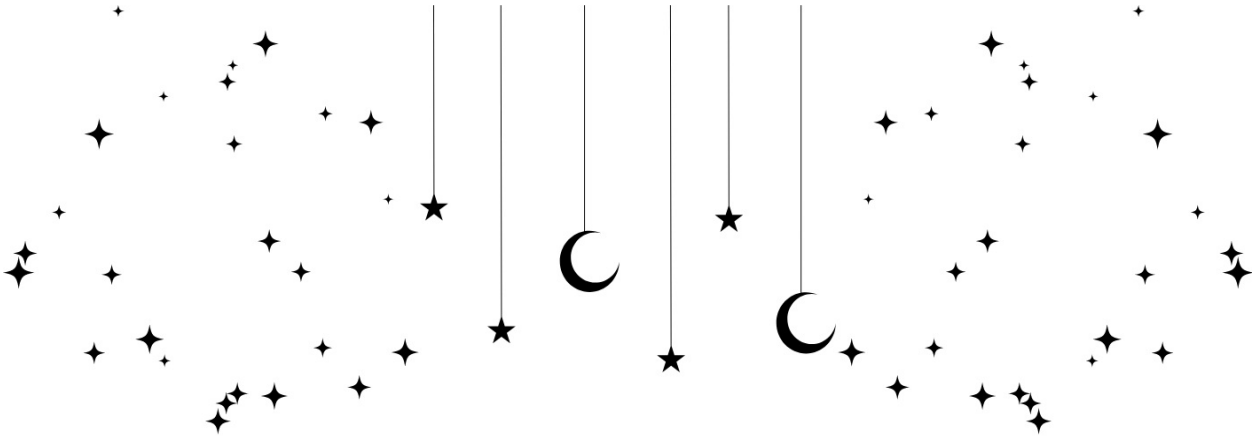
Caleb, que estava ouvindo atentamente, finalmente entrou na conversa.

— Então, Matias, além de livros, o que mais você gosta de fazer?

— Bem, gosto de esportes, especialmente corrida e ciclismo. Também adoro música, toco um pouco de violão.

— Sério? — perguntei, surpresa. — Seria legal te ouvir tocar algum dia.

— Com certeza, podemos marcar isso — respondeu, animado com a ideia.



CAPÍTULO 7

"Eu não quero sobreviver. Eu quero viver!"
— Wall-E

A conversa continuou animada enquanto nos despedíamos dos outros membros da igreja. Decidimos prolongar o tempo juntos, aproveitando o clima agradável, e sugerimos uma parada no parque. No caminho, passamos por um pequeno restaurante de esquina, simples, mas conhecido por sua comida deliciosa. Pegamos algumas marmitas com pratos caseiros: salada, arroz, feijão e frango grelhado. Eram escolhas básicas, mas que combinavam perfeitamente com o ambiente descontraído de um piquenique ao ar livre.

Quando chegamos ao parque, encontramos um lugar perfeito à sombra de uma grande árvore. A grama estava macia e convidativa, e o som das folhas balançando suavemente com o vento criava uma trilha sonora relaxante para nossa tarde. Sentamos em círculo, abrindo as marmitas e compartilhando a comida. O cheiro do frango grelhado e do feijão temperado logo nos envolveu, aumentando nosso apetite.

Enquanto comíamos e conversávamos, um grupo de crianças passou correndo perto de nós, rindo e jogando uma bola de futebol entre si. A bola acabou escapando e rolando até o nosso grupo, parando perto de Caleb. Ele rapidamente a pegou e, com um sorriso, a jogou de volta para as crianças.

— Vocês querem jogar? — uma das crianças perguntou, seus olhos brilhando de expectativa.

Matias, que parecia sempre disposto a uma nova aventura, levantou-se animado.

— Por que não? Vamos nos divertir um pouco — disse ele, incentivando Caleb a fazer o mesmo.

Clara e eu rimos enquanto os meninos se juntavam ao grupo de crianças, começando uma partida improvisada de futebol. Logo estavam todos correndo e rindo, completamente absorvidos pelo jogo. O clima descontraído era contagiante, e mesmo sem participar diretamente, eu me sentia leve, observando a alegria inocente das crianças e o entusiasmo de Caleb e Matias.

Depois de alguns minutos de intensa corrida, os meninos voltaram para onde estávamos sentadas, ofegantes e suados, mas com sorrisos largos nos rostos.

— Vocês deveriam ter jogado também, foi bem divertido — disse Matias, ainda recuperando o fôlego.

Eu ri, balançando a cabeça.

— Não sou muito fã de esportes — admiti, lembrando de uma antiga experiência desastrosa. — A última vez que tentei jogar futebol, chutei a bola tão torto que acertei o lanche do professor. Ele ainda tinha maionese no cabelo quando deu a última aula do dia. Desde então, decidi que assistir é mais seguro do que participar.

Clara, tentando segurar a gargalhada, não resistiu e entrou na conversa:

— Ai, Liz, você e esportes são uma combinação perigosa! Eu me lembro de quando tentei jogar vôlei na escola e bati a bola com tanta força que quebrei a janela da sala dos professores. Passei uma semana inteira fazendo trabalhos extras! Nunca mais fui a mesma depois daquele trauma.

Todos rimos juntos das nossas desventuras esportivas. Matias, intrigado, perguntou casualmente:

— Então, vocês são daqui mesmo? Como se conheceram?

Clara foi a primeira a responder, com seu típico entusiasmo:

— Eu sou a autêntica paulistana aqui! Caleb, por outro lado, é nosso importado de Pindamonhangaba. E adivinha onde nos conhecemos? Na cafeteria onde eu trabalho. Destino ou café? Ainda estou decidindo.

Caleb assentiu, com um sorriso descontraído, e completou:

— Eu tinha acabado de chegar na cidade e, enquanto explorava, dei de cara com um anúncio de um evento dos jovens de uma congregação. Resolvi entrar para perguntar mais, e quem estava no balcão? Clara. E, para completar, a congregação era a dela!

Clara, com um olhar apaixonado, prosseguiu sem perder o tom brincalhão:

— Depois disso, o Caleb virou cliente *VIP*, e entre uma xícara de café e outra, a gente foi se conhecendo. Como frequentávamos a mesma igreja, não demorou muito para... bem, você já sabe o resto!

— Tá vendo o que preciso aguentar? — brinquei, revirando os olhos, provocando mais risadas no grupo.

Matias olhou para mim, ainda curioso.

— E você, Liz?

Meu coração acelerou um pouco, mas tentei manter o tom leve.

— Eu não sou daqui. Me mudei há alguns anos por causa da faculdade. Foi uma mudança necessária — respondi, desviando o olhar para um ponto distante.

Matias assentiu, compreensivo.

— Às vezes, mudar de ambiente é a melhor coisa que podemos fazer.

— Foi difícil no começo, mas encontrei amigos incríveis, como Clara e Caleb, que me ajudaram a me adaptar — disse, com gratidão evidente na voz.

O sol começava a se pôr, pintando o céu com tons quentes de laranja e rosa, quando decidimos que era hora de ir embora. Clara e Caleb foram os primeiros a se levantar, as mãos entrelaçadas de forma natural e amorosa.

— Vamos dar uma volta antes de irmos? — sugeriu Clara, olhando para Caleb com um brilho no olhar.

— Claro, amor — respondeu ele, apertando levemente a mão dela.

Matias e eu os seguimos, caminhando lado a lado pelo parque. A tranquilidade do fim de tarde nos envolvia. Enquanto o dia se transformava em noite, Matias se aproximou um pouco mais e falou baixinho, apenas para mim:

— Obrigado por hoje. Foi um dia incrível.

Senti meu coração aquecer com suas palavras e sorri, genuinamente tocada.

— Eu que agradeço. Foi realmente especial.

— Quando pretende passar um tempo na livraria novamente? — perguntou, demonstrando curiosidade.

— Provavelmente na quarta-feira à tarde. Um passeio pela livraria do Sr. Roberto é sempre um item na minha lista semanal — respondi, sentindo a familiaridade reconfortante da rotina.

Matias riu, surpreso.

— Você tem uma lista pra tudo que pretende fazer durante a semana?

— Claro! — respondi com um sorriso, defendendo meu hábito. — Gosto de ter tudo planejado. Isso me dá uma sensação de controle, sabe?

Ele balançou a cabeça, ainda rindo.

— Eu sou o completo oposto. Prefiro viver um dia de cada vez, sem

muita programação. Nunca sei o que vai acontecer amanhã.

— Isso me deixa ansiosa só de ouvir! — brinquei, incrédula. — E se você esquece algo importante?

— Eu anoto algumas coisas no celular, tipo reuniões ou compromissos inadiáveis. Mas, no geral, gosto de deixar a vida me surpreender. — Ele olhou para o céu, onde as primeiras estrelas começavam a aparecer. — Hoje, por exemplo. Não planejei nada, mas acabou sendo um dos melhores dias que já tive.

Não pude evitar sorrir. A simplicidade com que Matias via a vida era algo admirável, e fiquei refletindo sobre como essa abordagem poderia me ensinar a ser menos rígida.

— Acho que podemos aprender um com o outro, então. — sugeri, imaginando uma vida sem listas e planejamentos meticulosos.

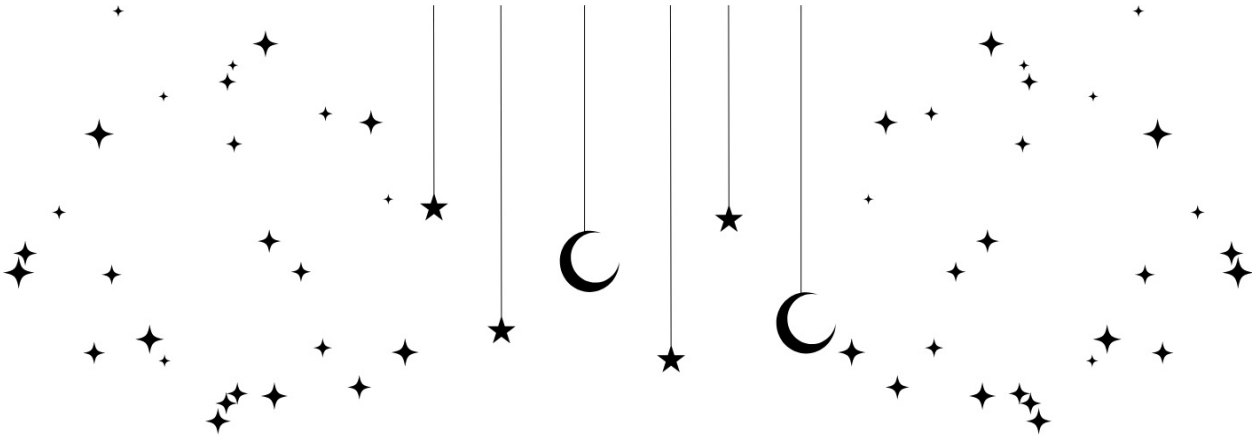
— Pode ser. — Ele concordou, com um sorriso. — Talvez eu precise de um pouco mais de estrutura, e você de mais espontaneidade.

— Fechado. — Senti um alívio inesperado ao pensar nisso. — Vamos fazer um trato: eu te ajudo a ser mais organizado, e você me ensina a aproveitar mais o momento.

Matias estendeu a mão, selando o trato.

— Combinado — disse ele, com um brilho de excitação nos olhos.

Apertei sua mão, sentindo que aquele simples gesto poderia ser o início de algo significativo. Mesmo sendo tão diferentes, talvez essa amizade fosse exatamente o que eu precisava para aprender a viver a vida de maneira mais leve e espontânea.



CAPÍTULO 8

"Tento obedecer, não olhar para trás. Sigo meu dever, não questiono mais. Mas para onde vou, quando vejo estou onde eu sempre quis."

— Moana

O edifício da universidade erguia-se imponente à minha frente, um gigante de tijolos e vidros que abrigava sonhos e aspirações. Ao cruzar as portas e entrar nos corredores, fui imediatamente envolvida pela familiaridade dos rostos, o burburinho das conversas, o som dos passos apressados e o tilintar das mochilas sendo ajustadas. Cada detalhe me lembrava da minha jornada até ali, das escolhas difíceis e dos obstáculos superados.

Lembro-me como se fosse ontem do momento em que escolhi cursar Psicologia. A decisão não veio fácil; foi um processo marcado por dúvidas e muitas noites de insônia. Minha mãe nunca entendeu minha paixão pela mente humana. Para ela, Psicologia era coisa de gente "doida".

— Psicologia? — repetiu a palavra com um tom de desdém, como se estivesse provando algo amargo. — Por que você não escolhe algo mais útil, como administração ou direito? Isso sim é profissão de verdade.

Respirei fundo, buscando a calma que parecia escapar a cada segundo.

— Mãe, eu realmente quero entender as pessoas, ajudá-las a superar suas dificuldades. Sinto que é meu propósito — disse, tentando transmitir a convicção que sentia em meu coração.

Ela bufou, cruzando os braços em um gesto de pura descrença.

— Propósito? — repetiu a palavra como se fosse uma ideia ridícula. — Você vai acabar desperdiçando sua vida com isso.

Foi uma batalha constante tentar fazer com que ela entendesse, ou pelo menos aceitasse, minha escolha. Quando finalmente decidi que iria me mudar de cidade para cursar Psicologia, o conflito atingiu seu auge.

— Você vai mesmo abandonar sua família para seguir esse capricho? — perguntou, me encarando com os olhos estreitados, como se procurasse em mim alguma hesitação.

Respirei fundo mais uma vez, lutando para manter a voz firme.

— Não estou abandonando ninguém, mãe. Estou seguindo meu caminho.

Essa decisão de mudar de cidade foi tão difícil quanto escolher o curso em si. Deixar para trás amigos, a rotina familiar, e encarar o desconhecido exigiu uma coragem que eu nem sabia que tinha. Mas, no fundo, eu sabia que era o que precisava fazer.

A fé sempre foi meu alicerce. Acreditava que Deus tinha um propósito para mim nessa jornada. E, a cada dia que passava, essa certeza se fortalecia. A ideia de poder ajudar as pessoas a superarem suas dificuldades e encontrarem sentido na vida me enchia de esperança e motivação.

Caminhando pelos corredores agora, sentia que cada aula, cada desafio enfrentado, era uma confirmação de que estava no caminho certo. A universidade não era apenas um lugar de aprendizado acadêmico, mas também de crescimento pessoal. E, apesar das dificuldades e das dúvidas que surgiram ao longo do caminho, minha paixão pela Psicologia e pela fé que me sustentava nunca vacilaram.

Ao me aproximar da sala de aula, percebi que, apesar do cansaço evidente nos rostos de muitos colegas, a sala já estava lotada, ainda assim vibrando com uma energia contagiante. Era como se, mesmo exaustos, todos ali compartilhassem o mesmo desejo de aprender e crescer. Entrei e encontrei um lugar disponível, sentindo a excitação de mais uma aula começando.

O professor, um homem experiente e de olhar penetrante, adentrou a sala e, sem rodeios, lançou a pergunta que ecoou pelos quatro cantos:

— O que nos torna humanos?

A pergunta pairou no ar como uma névoa, desafiando cada um de nós a buscar sua própria resposta. Um silêncio respeitoso se instalou, interrompido apenas pelo som suave de canetas raspando no papel, enquanto todos refletiam sobre a profundidade daquela questão. Olhei ao redor, observando os rostos pensativos dos meus colegas, cada um imerso em suas próprias perspectivas e

experiências.

Levantei a mão, sentindo um leve tremor, mas prossegui com determinação. Quando comecei a falar, minha voz estava firme, embora houvesse uma leve hesitação no início:

— Acredito que o que nos torna verdadeiramente humanos é a nossa capacidade de amar, de nos conectar com os outros e de buscar um propósito maior em nossas vidas. É essa busca incessante por significado que nos impulsiona a crescer, a evoluir e a fazer a diferença no mundo.

A sala permaneceu calada, todos aguardando que eu continuasse. Inspirei fundo, sentindo o peso da responsabilidade em expressar algo que fosse autêntico e significativo.

— Para mim, esse propósito maior está intrinsecamente ligado à nossa espiritualidade, à nossa crença em algo superior. Acredito que fomos criados à imagem e semelhança de Deus, e que essa conexão divina nos confere uma dignidade única e nos impulsiona a buscar o bem.

Quando terminei, senti os olhares se voltarem para mim. Alguns rostos mostravam sorrisos de aprovação, enquanto outros refletiam curiosidade. Um ou outro, entretanto, me fitava com um olhar de desdém, como se estivesse diante de uma ideia antiquada e ultrapassada. Sabia que minha resposta poderia gerar debates e diferentes interpretações, mas também sabia que ela era autêntica e refletia minha própria visão de mundo.

A discussão que se seguiu foi enriquecedora. Ouvimos diferentes perspectivas, desde as mais científicas até as mais filosóficas. E, no final, cada um de nós saiu daquela sala com uma nova compreensão sobre o que significa ser humano.

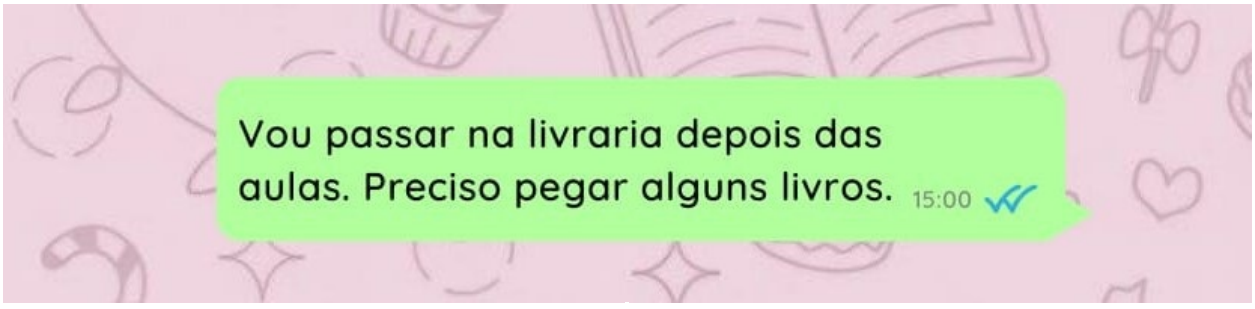
À medida que a aula terminava e o burburinho das conversas retornava, percebi que aquela troca de ideias tinha sido mais do que apenas um debate acadêmico. Ela reafirmou minha crença de que a busca por propósito e sentido é uma das jornadas mais humanas que podemos empreender. E, enquanto eu seguia meu caminho de volta pelos corredores da universidade, sentia-me mais convicta do que nunca de que estava exatamente onde deveria estar.

CAPÍTULO 9

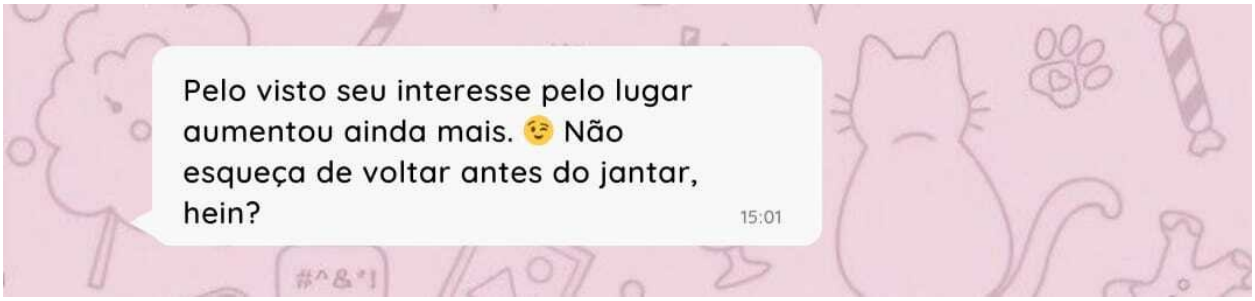
"Minha opinião profissional é que é hora de entrar em pânico!"

— Monstros S.A.

Como prometido, na quarta à tarde, depois de uma longa sequência de aulas sobre teorias da personalidade, saí da universidade e segui direto para a livraria do Seu Roberto. Antes de sair, enviei uma mensagem para Clara, avisando sobre meus planos.



A resposta de Clara chegou quase instantaneamente:



Ri sozinha ao ler a mensagem de Clara, imaginando seu sorriso brincalhão. Continuei meu caminho, ansiosa para me perder entre as prateleiras de livros.

Quando cheguei à livraria, o aroma familiar de livros e café me envolveu como um abraço reconfortante. O sino sobre a porta soou suavemente ao abrir, e o calor acolhedor do ambiente me fez relaxar imediatamente. Acenei para o Seu Roberto, que estava atrás do balcão, organizando alguns volumes com o cuidado de quem ama o que faz.

— Seu Roberto! — cumprimentei com entusiasmo, parando em frente ao balcão.

— Liz! Como foram as aulas hoje? — ele perguntou com um sorriso, sempre interessado em saber sobre meu dia.

— Cansativas, mas produtivas — respondi, colocando minha mochila em uma cadeira próxima. — Tivemos uma discussão interessante sobre Jung e a psicologia analítica.

— Isso é ótimo. — Seu sorriso se alargou. — Mas tenho um favor a pedir, se não for muito incômodo.

— Claro, o que precisa? — perguntei, curiosa e pronta para ajudar.

— O Matias está organizando um evento literário aqui na livraria para o próximo sábado — explicou, com uma expressão um pouco preocupada. — Mas acho que ele precisa de uma ajudinha para manter tudo nos trilhos, principalmente com um prazo tão curto. Você poderia ajudá-lo a se organizar?

Sorri ao me lembrar da nossa conversa no parque sobre listas e planejamento. Era incrível como, em tão pouco tempo, eu já me sentia tão à vontade ao lado dele.

— Claro, Seu Roberto. Será um prazer.

— Ótimo! — Ele se inclinou para mais perto e falou em um tom quase conspiratório. — Ele está lá nos fundos, tentando fazer uma lista, mas não está indo muito bem.

Com um aceno de cabeça e um sorriso divertido, fui para os fundos da livraria. Encontrei Matias sentado em uma mesa, cercado por papéis espalhados

por todos os lados e com uma expressão confusa.

— Ei, Matias! — cumprimentei, tentando conter o riso.

— Liz! — Ele sorriu, parecendo aliviado ao me ver. — Preciso de ajuda. Tentei fazer uma lista como você, mas está um desastre completo. Organização nunca foi o meu forte, nem no curso de biblioteconomia. Eu sempre fui melhor no estudo de usuários, compreender e interagir com as pessoas, do que em colocar as coisas em ordem.

Olhei para a bagunça na mesa e não consegui evitar soltar uma risada.

— Ok, vamos lá. — Sentei-me ao lado dele e comecei a organizar os papéis. — Primeira regra: uma lista de cada vez. O que precisa ser feito?

— Bom, tem os convites, a organização dos livros, a divulgação... — ele começou a enumerar, enquanto eu anotava tudo de forma ordenada.

— Viu? Não é tão difícil — disse, satisfeita ao terminar a lista. — Agora, vamos dividir as tarefas. Eu cuido dos convites e da divulgação, e você organiza os livros. Pode ser?

— Pode — ele assentiu, agora com um sorriso mais confiante. — Obrigado, Liz. Você realmente sabe como colocar as coisas em ordem.

— De nada — respondi com um sorriso. — Mas lembre-se do nosso trato. Você também tem que me ajudar a aproveitar mais o momento.

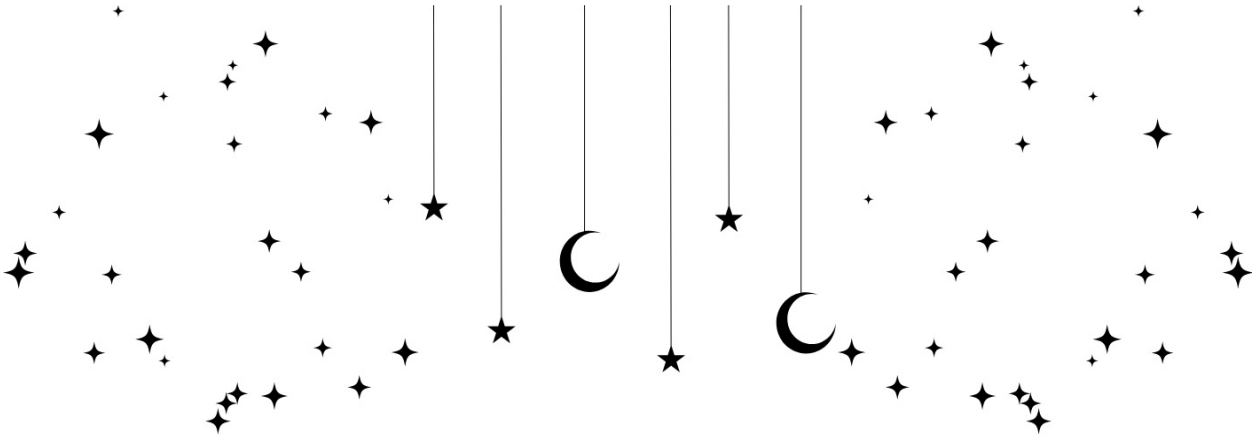
— Claro, claro — ele riu, relaxando um pouco mais. — Aliás, você vai adorar uma das surpresas que estou preparando para o evento.

— Surpresa? — perguntei, sentindo a curiosidade despertar.

— Sim — ele piscou, claramente se divertindo com o suspense. — Mas você vai ter que esperar para ver.

O brilho nos olhos dele me deixou intrigada, mas decidi não insistir. Sabia que, qualquer que fosse a surpresa, seria algo especial. Enquanto terminávamos de organizar os detalhes, percebi como aquele momento era uma combinação perfeita de nossas personalidades. Eu com meu planejamento meticuloso e Matias com sua espontaneidade encantadora.

Pela primeira vez em muito tempo, eu me permiti simplesmente aproveitar o presente, sem me preocupar tanto com o que viria a seguir.



CAPÍTULO 10

"Ninguém ia me entregar o meu futuro de mão beijada, alcançar o meu sonho dependia de mim, segurá-lo com força e torná-lo realidade."

— Viva - A Vida é uma Festa

Nos dias que se seguiram, além das aulas na universidade, passei muito tempo na livraria ajudando Matias com os preparativos para o evento. Parecia que o tempo voava enquanto nos perdíamos em meio a papéis, livros e conversas descontraídas.

Começamos a trabalhar nos convites, uma tarefa que se mostrou mais difícil do que parecia. Matias estava sentado ao meu lado, com a caneta na mão, tentando encontrar as palavras certas para o texto do convite.

— Como isso soa? "*Venha participar de um evento literário inesquecível!*" — perguntou, olhando para mim com expectativa.

— Hmm, parece um pouco clichê — respondi, pensativa. — Que tal algo mais pessoal, como: "*Junte-se a nós para uma tarde de histórias e diversão na livraria do Seu Roberto*"?

— Gostei! — exclamou, anotando a sugestão rapidamente. — Você realmente tem talento para isso. Quem diria que, além de leitora ávida, você também é uma especialista em *marketing*?

— Obrigada. — Senti minhas bochechas esquentarem levemente, desviando o olhar para a lista de convidados. — Agora só precisamos garantir

que todos recebam seus convites a tempo.

— Ah, então além de marketing, também vai cuidar da logística? Você é mesmo uma mulher de muitos talentos, Liz — provocou, lançando-me um olhar divertido.

Passamos o resto da tarde preparando os convites e rindo das dificuldades de Matias em lidar com cola e papéis. Ele fazia piadas sobre ser "completamente desajeitado", e cada tentativa desastrada de colar um convite acabava em risadas.

Depois seguimos para a organização dos livros que seriam apresentados no evento. Enquanto Matias arrumava uma pilha de romances, eu cuidava dos livros infantis, sentindo uma onda de nostalgia ao passar os dedos pelas capas coloridas.

— Sabe, nunca pensei que organizar livros pudesse ser tão complicado — comentou Matias, tentando equilibrar uma pilha de livros que ameaçava desmoronar a qualquer momento.

— É uma arte — respondi com um sorriso travesso. — E você está indo muito bem para um novato.

— Obrigado, professora. — Ele fez uma reverência exagerada, arrancando uma risada de mim.

Enquanto organizava os livros, meus olhos se fixaram em um exemplar de "*As Crônicas de Nárnia*". Passei a mão pela capa, lembrando-me das boas memórias que aquele livro trazia.

— Já te falei que esse é um dos meus favoritos? — perguntei, segurando o livro com cuidado.

— Sim, no nosso primeiro encontro — ele respondeu, aproximando-se. — Na primeira vez que nos vimos, quis dizer — corrigiu-se, coçando a nuca, visivelmente constrangido.

Sorri, sentindo-me um pouco nostálgica. — Foi meu pai quem me apresentou a esses livros. Ele adorava ler para mim à noite. Sempre dizia que a imaginação era a chave para mundos incríveis.

O sorriso em meu rosto se tornou melancólico enquanto as lembranças do meu pai surgiam em minha mente. Matias percebeu a mudança no meu tom de voz e me olhou com mais atenção.

— Parece que ele era um grande homem — disse ele, com suavidade.

— Ele era — concordei, sentindo um nó se formar na garganta. — Meu pai sempre teve um jeito especial de transformar qualquer história em uma aventura mágica. Foi ele quem me incentivou a gostar tanto de livros. Tento me concentrar nas boas lembranças e nas lições que ele me ensinou. Ele me deixou um legado de amor pelos livros e pelo aprendizado, e é isso que eu carrego

comigo todos os dias.

— Deve ter sido maravilhoso crescer com alguém assim — Matias comentou, sua voz carregada de empatia.

— Foi — admiti, lutando para conter as lágrimas. — Mas ele morreu há alguns anos, em um acidente de carro. Foi um período muito difícil para mim e para minha mãe.

— Liz, eu sinto muito — ele disse, aproximando-se ainda mais e colocando uma mão reconfortante no meu ombro. — Perder alguém tão importante é mesmo devastador.

— Sim — admiti, limpando discretamente uma lágrima que escapou. — Vir aqui na livraria, ler e compartilhar histórias com outras pessoas... é a minha forma de honrá-lo.

Enquanto Matias me olhava com aqueles olhos cheios de compreensão, pensei que era bom ter alguém que entendia minha dor. Ele também havia passado por algo semelhante, depois de perder a mãe. Sabia o quanto era difícil lidar com o vazio deixado por alguém que amamos tanto.

Então, com um sorriso reconfortante, ele falou:

— Acho que seu pai ficaria muito orgulhoso de você. E é bonito ver como você mantém essa conexão com ele.

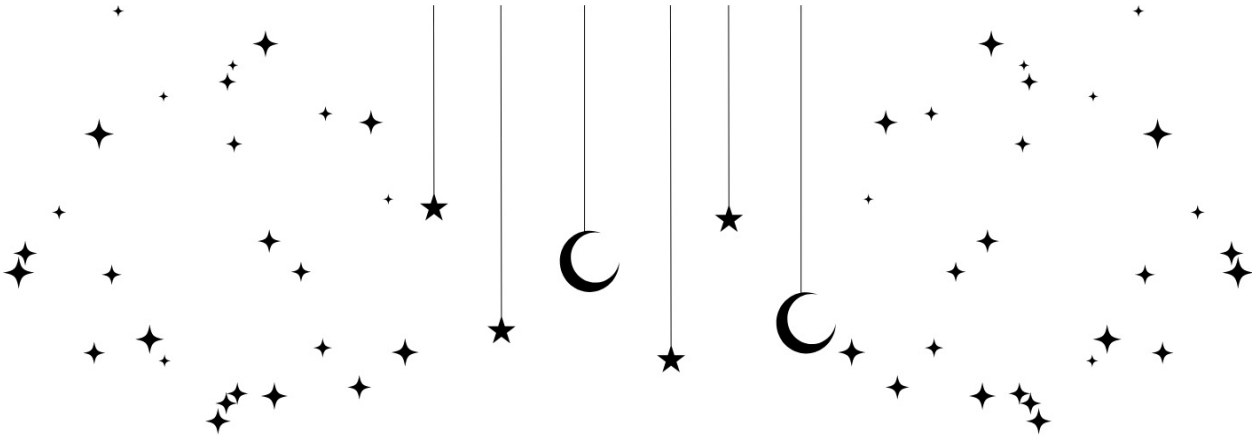
— Obrigada, Matias — respondi, sentindo-me um pouco mais leve, como se compartilhar aquela memória tivesse aliviado um peso no peito. — É bom poder compartilhar isso com alguém.

— Sempre que quiser falar sobre ele, ou qualquer coisa, estou aqui — disse ele, com sinceridade nos olhos. — E, se precisar de ajuda para organizar mais livros, também estou à disposição.

Ri, sentindo a tensão se dissipar um pouco.

— Vou lembrar disso. Agora, vamos terminar essa pilha antes que ela desmorone.

Matias voltou ao trabalho, mas não sem antes me dar um último olhar de compreensão e apoio. A cada dia, a amizade entre nós parecia se fortalecer, e eu me sentia grata por ter alguém como ele ao meu lado, especialmente em momentos como aquele.



CAPÍTULO 11

"Mesmo nos momentos mais sombrios, surge uma luz quando a gente menos espera."

— Encanto

Com tudo encaminhado dentro da livraria, era hora de focar na divulgação do evento. O sol brilhava forte naquela manhã, e Matias, sempre preparado, já tinha um plano em mente.

— Podemos nos dividir para distribuir os folhetos pela cidade e depois nos encontramos para almoçar juntos. Assim, cobrimos uma área melhor. — Matias sugeriu, enquanto dividia os folhetos que tínhamos mandado imprimir.

— Perfeito, então nos encontramos de frente ao "*Receitas da Vovó*" ao meio-dia, combinado?

— Combinado — respondeu ele, tirando um boné de dentro da mochila. — Percebi que não veio preparada para esse solzão. — Completou, ajustando o boné na minha cabeça com um sorriso despreocupado.

Toquei o boné, surpresa e agradecida pela gentileza.

— Obrigada. Você sempre pensando em tudo.

— Só cuidando da minha parceira de divulgação. — Ele respondeu com um sorriso, pegando seus folhetos e saindo em direção ao centro da cidade.

Segui para o lado oposto, distribuindo folhetos nos cafés, lojas e pontos de ônibus. Enquanto caminhava, pensava em como Matias estava sempre atento às necessidades dos outros. Isso me fazia gostar ainda mais dele. Ao parar em

uma livraria local, entreguei um folheto à atendente, que prometeu divulgar o evento para os clientes. A cidade parecia animada naquele dia, e eu me sentia parte de algo importante, algo que estava crescendo.

Quando o relógio marcou meio-dia, cheguei em frente ao "*Receitas da Vovó*", e Matias já estava lá, com um sorriso no rosto, entregando um último folheto para uma senhora que passava.

— Você foi rápida! — Ele comentou.

— Sou boa em caminhadas, apesar da minha aversão a esportes — brinquei, sentindo-me leve e satisfeita com nosso progresso.

— Bom, missão cumprida por enquanto. Vamos almoçar? — sugeriu ele, abrindo a porta do restaurante para mim.

Entramos e escolhemos uma mesa perto da janela. Enquanto esperávamos a comida, conversamos sobre os lugares que visitamos e as reações das pessoas ao ouvir sobre o evento. Matias, sempre atento, notou uma expressão pensativa no meu rosto e se inclinou um pouco, curioso.

— Em que está pensando, Liz?

Respirei fundo, hesitante em compartilhar, mas ao mesmo tempo sentindo que precisava desabafar.

— Estava pensando em como eu gostaria de participar de eventos como este com minha família — comecei, sentindo a tristeza ameaçando vir à tona. — Minha mãe e eu temos um relacionamento muito difícil e, depois que meu pai faleceu, as coisas só pioraram. Ela está sempre distante, e parece que nada do que eu faço é suficiente.

Matias permaneceu em silêncio, ouvindo atentamente. Seus olhos mostravam compreensão e empatia, e senti que podia continuar.

— Eu tento ser paciente, mas é difícil. Sinto que estamos sempre brigando ou simplesmente nos evitando. Às vezes, é como se fôssemos estranhas, ao invés de mãe e filha.

Matias pegou minha mão, apertando-a suavemente. O gesto foi reconfortante, mas também fez com que as lágrimas, que eu tanto tentava segurar, ameaçassem escapar.

— Eu sei que não sou um especialista, mas às vezes precisamos dar o primeiro passo para consertar as coisas — ele começou, sua voz calma e firme. — Lembre-se do que a Bíblia diz em Mateus 6:14-15: "*Pois, se perdoarem as ofensas uns dos outros, o Pai celestial também lhes perdoará. Mas se não perdoarem uns aos outros, o Pai celestial não lhes perdoará as ofensas.*"

Balancei a cabeça, reconhecendo as palavras, mas sentindo o peso delas.

— Eu sei dessa passagem — suspirei, frustrada com minha própria

dificuldade. — Mas é tão difícil perdoar quando me sinto tão magoada, quando a razão está comigo. Às vezes, parece impossível.

Matias apertou minha mão um pouco mais.

— O perdão não é fácil, mas é necessário para nossa própria paz — ele continuou, sua voz suavizando. — Talvez você possa começar tentando entender o que sua mãe está passando. Às vezes, as pessoas que mais nos magoam estão, na verdade, lidando com suas próprias dores de formas que não conseguimos ver.

Fiquei pensativa por um momento, absorvendo suas palavras. Matias sempre parecia ter o conselho certo, a palavra certa, e isso me tocava profundamente.

— Você está certo. — finalmente disse, tentando deixar que as palavras dele penetrassem em meu coração. — Talvez eu deva tentar falar com ela, não com acusações ou mágoas, mas com empatia e amor. Mesmo que seja difícil, mesmo que seja doloroso.

— Estou aqui para te apoiar, Liz — disse ele, seus olhos refletindo a sinceridade de suas palavras. — Você é uma pessoa incrível, e tenho certeza de que conseguirá encontrar um caminho para se reconciliar com sua mãe.

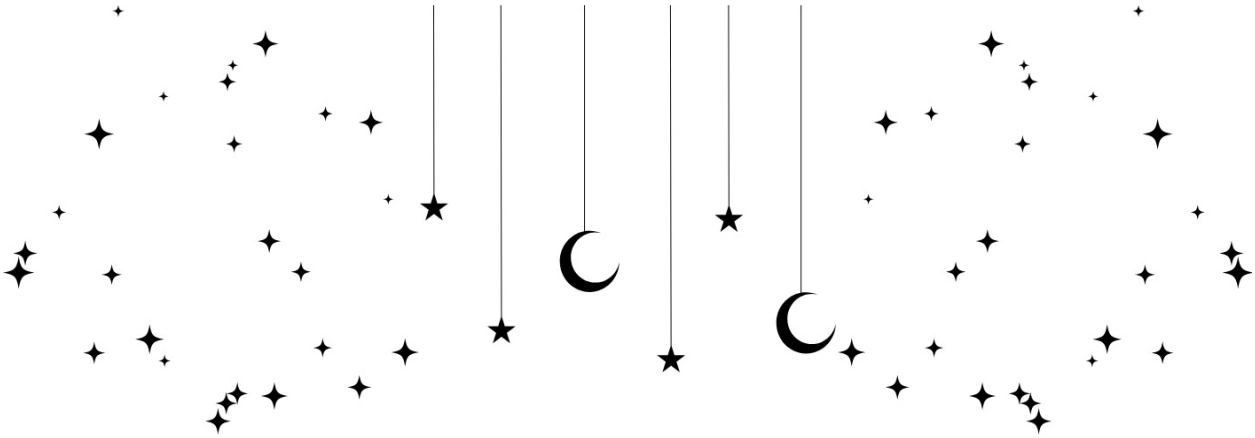
Olhei para Matias, sentindo uma onda de gratidão e carinho por ele. Seu apoio e palavras de sabedoria eram exatamente o que eu precisava naquele momento.

O calor reconfortante em seu toque me fez sorrir, sentindo-me grata por tê-lo ao meu lado.

— Obrigada, Matias. Sua amizade significa muito para mim — disse, com sinceridade, sentindo uma conexão crescente entre nós.

— E a sua para mim, Liz — ele respondeu, com um brilho nos olhos que me fez perceber que algo mais estava nascendo ali.

Quando a comida chegou, aproveitamos a refeição juntos, rindo e compartilhando histórias mais leves. Eu sabia que algo mais que um carinho de amigo estava crescendo em meu coração.



CAPÍTULO 12

"Amor é o mais precioso dos totens. Ele se revela de formas inesperadas."

— Irmão Urso

Na véspera do evento, fizemos um ensaio geral na livraria, certificando-nos de que tudo estava no lugar. O ambiente estava cheio de expectativas.

— Tudo parece estar pronto. — Disse, olhando ao redor, satisfeita com o trabalho feito.

— Graças a você — Matias respondeu, com um sorriso que fez meu coração bater um pouco mais rápido. — Eu teria me perdido sem a sua ajuda.

— E eu não teria me divertido tanto sem a sua — corei levemente.

No dia do evento, a livraria estava cheia de vida. Matias e eu corríamos de um lado para o outro, garantindo que tudo estivesse perfeito. A surpresa de Matias acabou sendo uma cabine de fotos divertida, onde as pessoas podiam se fantasiar como seus personagens literários favoritos e tirar fotos instantâneas.

— Isso é incrível, Matias! — exclamei, enquanto ele me entregava uma fantasia que incluía um cachecol vermelho e um par de chifres de fauno. — Onde você encontrou isso?

— Foi uma ideia de última hora. Mas achei que seria divertido. E você, senhorita “tudo sob controle”, vai participar também.

Com um suspiro resignado, coloquei a fantasia do “*Senhor Tumnus*", entrando no espírito da coisa. Tiramos várias fotos juntos, rindo das fantasias e

das poses ridículas.

No final do dia, sentamos exaustos, mas felizes, no sofá da livraria, observando as últimas pessoas deixarem o evento.

— Admito, foi uma loucura, mas eu simplesmente amei.

— disse, retirando a fantasia que acabei usando durante todo o evento.

— E você foi incrível em manter tudo organizado — ele respondeu, os olhos brilhando com admiração.

— Acho que realmente fazemos uma boa equipe — completei, sentindo-me contente e segura ao seu lado.

— Com certeza — ele disse, e então, com um brilho nos olhos, acrescentou: — Que tal um novo desafio para a próxima semana?

— Estou pronta — respondi, sabendo que, com Matias ao meu lado, cada dia poderia ser uma nova e emocionante aventura.



— Preparada para o desafio de hoje? — Matias perguntou, balançando uma sacola misteriosa no ar enquanto nos preparávamos para mais um dia de diversão na livraria.

— O que você tem aí? — perguntei, curiosa, semicerrando os olhos.

Com um gesto dramático, ele tirou uma caixa de dentro da sacola e a abriu, revelando um conjunto de tintas faciais coloridas.

— Pintura facial! — Ele anunciou com entusiasmo. — Vamos transformar os clientes da livraria em personagens de livros!

Ri alto, já imaginando as possibilidades. — Isso vai ser hilário! Mas não crie expectativas quanto aos meus talentos artísticos.

Armados com pincéis e paletas de cores, montamos uma estação de pintura facial na entrada da livraria. A princípio, os clientes estavam hesitantes, mas depois que Matias se transformou em um dragão verde brilhante, a fila começou a se formar rapidamente.

Uma menininha pediu para ser pintada como uma princesa, e quando

viu seu reflexo no espelho, seus olhos brilharam de alegria. Um senhor escolheu ser um pirata e saiu da livraria brandindo uma espada de brinquedo, arrancando risadas de todos.

— Você tem talento para isso! — disse a Matias, enquanto ele pintava um bigode de detetive em um garoto.

— E você fica ainda mais bonita quando sorri assim — ele respondeu, seus olhos fixos nos meus, fazendo meu coração acelerar.

No meio de toda a diversão, notei um jovem parado à margem da multidão, observando. Fiz sinal para que ele se aproximasse.

— Quer se juntar a nós? — perguntei, com um sorriso acolhedor.

Ele hesitou por um momento antes de dar um passo à frente. — Será que vocês podem me transformar em um cavaleiro? — perguntou, com um brilho de expectativa nos olhos.

— Claro! — respondi, pegando as tintas prateadas. — Vamos te deixar pronto para salvar o reino.

Enquanto pintava, o jovem, que se apresentou como Rafael, nos contou sobre seu amor por histórias de cavalaria e como sempre sonhou em ser um herói.

— Bem, hoje você é um — disse, terminando o desenho de uma armadura brilhante em seu rosto.

Quando mostrei o espelho, Rafael sorriu amplamente. — Obrigado. Isso realmente fez meu dia.

O próximo da fila, outro rapaz, pediu para Matias o transformar em um elfo. Com concentração, ele começou a desenhar o que supostamente seriam as feições de um elfo nobre.

O rapaz saiu agradecido, mas com uma expressão um tanto quanto confusa. Matias se virou para mim com um sorriso de satisfação. — O que achou do meu elfo?

Olhei para o jovem que se afastava, com as orelhas alongadas e uma expressão que mais lembrava um pequeno duende do que um majestoso elfo. Tentei segurar o riso antes de responder: — Acho que ele queria ficar parecido com o Legolas e não com o Dobby.

Matias soltou uma gargalhada, percebendo o que tinha feito. — Acho que me empolguei demais com os detalhes. Quem sabe na próxima vez eu consiga um elfo digno da Terra-média.

Nós dois rimos juntos enquanto assistíamos o "elfo" se afastar, satisfeito com sua nova identidade, mesmo que não fosse exatamente o que ele tinha imaginado.

No final do dia, após transformar dezenas de rostos e criar incontáveis

memórias, sentamos novamente no sofá da livraria, exaustos, mas realizados.

— Esse foi o melhor dia até agora — Matias disse, esfregando um pouco de tinta verde de seu rosto na minha bochecha, em um gesto brincalhão.

— Concordo — ri, enquanto tentava limpar a tinta da minha bochecha, apreciando a leveza do momento. Sentia a proximidade dele, o calor que emanava de seu corpo, e por um instante, o tempo parecia desacelerar ao nosso redor.

— Sabia que você tem o melhor sorriso do mundo?

Eu ri, balançando a cabeça.

— Você tem que parar de dizer essas coisas. Vai acabar me convencendo.

— Esse é o plano. — disse ele com uma piscadela.

O momento pareceu durar uma eternidade até que pigarreei, tentando disfarçar o rubor que começava a subir pelo meu rosto.

— Acho que... está ficando tarde — murmurei, desviando o olhar. — Clara deve estar me esperando em casa.

Matias pareceu perceber o mesmo que eu, e concordando com um aceno de cabeça, disse:

— Tem razão. Posso te levar para casa, se quiser.

O sol começava a se pôr, lançando uma luz dourada pelas janelas quando nos levantamos e começamos a organizar nossas coisas. Após me despedir de Seu Roberto, seguimos o caminho para o meu apartamento, conversando e relembrando as aventuras do dia.

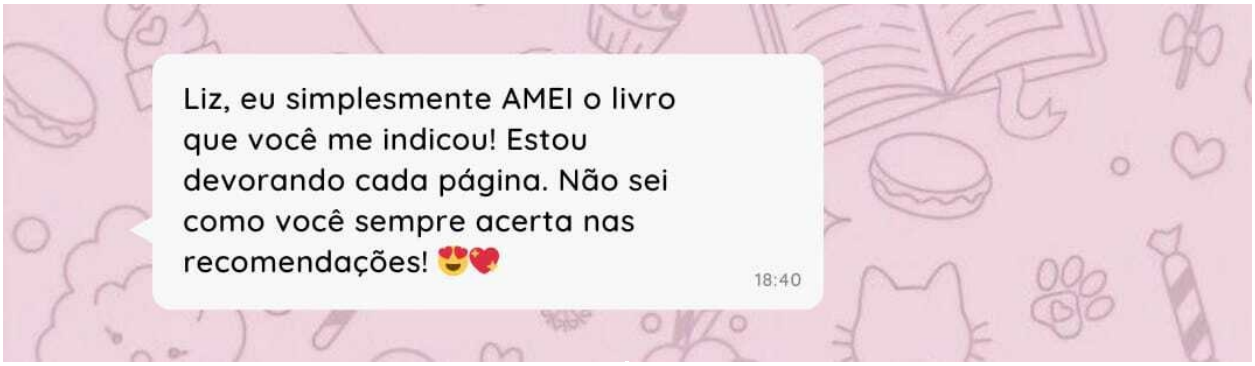
CAPÍTULO 13

"Os seus problemas você deve esquecer!
Isso é viver, é aprender!
Hakuna matata!"

— O Rei Leão

Ao adentrar meu apartamento, sigo direto para o banheiro. A promessa de um banho quente e relaxante me impulsiona. Depois de me sentir completamente renovada, coloco meu pijama e me jogo na cama, pegando o celular que havia passado o dia no modo silencioso. A tela se ilumina, mostrando várias notificações acumuladas.

Vejo algumas mensagens no grupo da faculdade. Em seguida, leio a de Júlia, uma colega, comentando sobre o livro que recomendei a ela semanas atrás.



Não consigo evitar um sorriso ainda maior ao ler isso. Saber que uma

recomendação minha fez alguém tão feliz é uma sensação incrível. Respondo rapidamente, prometendo mais sugestões literárias em breve.

Mas então, meu coração dá um pequeno salto ao ver outra notificação: uma chamada perdida da minha mãe.

Paro, meu dedo pairando sobre o botão de retorno. Conheço bem essa sensação. A tensão se instala, como sempre acontece quando penso em falar com ela. Não é o medo de uma briga, mas a certeza de que, de alguma forma, a conversa acabará deixando um vazio em mim.

Minha mente começa a vagar, trazendo à tona uma lembrança de alguns anos atrás. Naquela época, passei uma tarde deliciosa com alguns amigos em uma feira de artesanato. Nós rimos, experimentamos comidas diferentes, e eu até comprei uma pequena lembrança para minha mãe, uma delicada pulseira com pequenos pingentes que lembravam as coisas que ela sempre gostava. Quando cheguei em casa, mal podia esperar para compartilhar a experiência.

Entrei na cozinha com um sorriso largo, segurando a pulseira como se fosse um tesouro.

— Mãe, hoje foi tão divertido! Fui a uma feira com alguns amigos e tinha tanta coisa linda! Olha o que eu comprei para você — disse, com a esperança brilhando em meus olhos.

Ela levantou os olhos do que estava fazendo, com aquela expressão de indiferença.

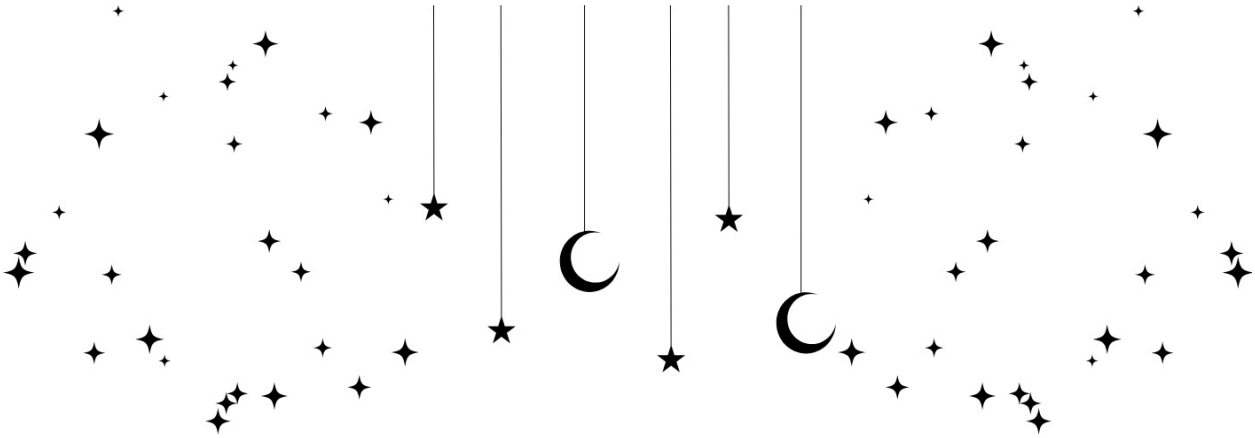
— Ah, é? — respondeu, sem emoção. — Que bom que se divertiu. Pode me ajudar com o jantar? Tenho um monte de coisa pra fazer ainda.

Senti meu sorriso desvanecer, sendo substituído por uma resignação amarga. Não importava o quanto eu tentasse compartilhar momentos, criar laços, sempre parecia que nada era suficiente para alcançar minha mãe.

De volta ao presente, suspiro, sentindo aquela familiar tristeza ameaçar a felicidade que ainda borbulha dentro de mim. Penso por alguns minutos se deveria ou não retornar a ligação. Talvez ela precisasse de algo, ou talvez fosse só mais uma conversa rápida e sem conexão real.

Mas hoje, algo dentro de mim se recusa a permitir que o dia termine de forma amarga. Coloco o celular de lado e me aninho nos lençóis, decidida a preservar a sensação boa que o dia com Matias me proporcionou.

— Não hoje, mãe... — murmuro para mim mesma, enquanto fecho os olhos, abraçando as lembranças boas e deixando de lado as que poderiam estragar meu humor. Hoje, escolho cuidar do meu próprio coração, mantendo intacta a alegria que senti.



CAPÍTULO 14

"Estou tão cansada de ser perfeita. Eu nunca vou ser boa o suficiente para ela nem para qualquer um."

— Red: Crescer é Uma Fera

Os dias que se seguiram após a tarde de pintura facial passaram rapidamente devido à correria da faculdade. A rotina se tornou um turbilhão de aulas, trabalhos e projetos a serem entregues antes do fim do semestre. Havia noites em que eu mal dormia, presa em leituras e redações intermináveis. A livraria e os momentos descontraídos com Matias pareciam distantes, quase como uma lembrança de um tempo mais tranquilo.

Após horas dedicadas a um trabalho final, finalmente consegui terminar tudo. Exausta, mas com um sentimento de dever cumprido, me joguei no sofá e liguei a televisão, tentando me desconectar de toda a pressão acadêmica. Estava prestes a pedir uma pizza quando a campainha tocou.

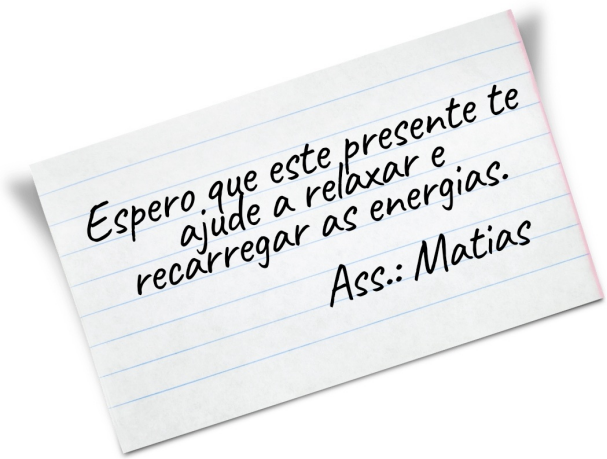
— Atende pra mim, por favor? — pedi, fazendo biquinho para Clara, que estava sentada no sofá ao meu lado, também exausta após um longo dia.

— Tá bom, não precisa fazer drama. — Ela riu, levantando-se com uma expressão de leve cansaço, mas sempre solícita. Foi até a porta, e eu ouvi o som da tranca sendo girada e uma voz masculina do lado de fora. Clara logo voltou com uma caixa embrulhada nas mãos.

— Quem era? — perguntei, sentando-me e observando enquanto Clara examinava o embrulho.

— Um entregador. Tem o seu nome aqui. — Ela ergueu uma sobrancelha, um sorriso brincalhão surgindo. — Não sabia que você tinha admiradores secretos, Liz.

— Porque não tenho. — Respondi, intrigada, enquanto pegava o pacote e abria o bilhete que o acompanhava.



Um calor reconfortante tomou conta de mim ao ler o bilhete, e não consegui evitar sorrir. Clara, percebendo minha reação, me lançou um olhar curioso.

— Matias, hein? Esse cara tá cuidando bem de você. O que será que ele mandou? — Ela perguntou, agora animada, enquanto se inclinava para espiar o conteúdo.

Desembrulhei a caixa com cuidado e encontrei um conjunto adorável de velas aromáticas e uma caixinha de chocolates artesanais. O aroma suave das velas já começava a preencher a sala, criando uma atmosfera relaxante.

— Uau, ele tem bom gosto. Isso é praticamente um kit de autocuidado! — Comentou Clara, pegando um dos chocolates e experimentando. — Olha, Liz, acho que o Matias tá bem interessado, viu?

Senti meu rosto corar, tentando esconder o sorriso que escapava.

— Ele é só um amigo incrível. Matias sabe que estou passando por um período estressante com a faculdade e quis me ajudar a relaxar — respondi, tentando disfarçar a esperança de que Clara pudesse estar certa. — Vou enviar uma mensagem agradecendo pelos presentes depois.

Clara deu uma risada suave, olhando para mim de canto.

— Amigo incrível, né? Vamos ver. — Ela piscou para mim e voltou a se sentar no sofá, pegando o controle remoto. — Mas olha, vamos aproveitar isso. Você merece uma noite relaxante.

Concordei com a cabeça.

— Vamos sim. Vou acender as velas e preparar uma bebida quente.

Enquanto eu organizava tudo, Clara escolheu uma comédia romântica para assistirmos. Em poucos minutos, o ambiente estava acolhedor e perfeito para uma noite tranquila. As luzes suaves das velas e o aroma calmante enchiam a sala, criando um refúgio do estresse diário.

Era difícil acreditar que alguém poderia se importar genuinamente assim e que momentos como este fossem tão fáceis de se ter. Depois de tudo pronto, fui sentar ao lado de Clara, que olhou para mim com um sorriso carinhoso e como se ouvisse meus pensamentos, disse: — Sabe, Liz, você se dedica tanto a tudo... Merece um mimo desses de vez em quando. Aceita. Relaxa.

Senti-me grata por ter uma amiga tão atenciosa. Puxei uma manta e me aconcheguei ao lado dela, permitindo que a calma da noite me envolvesse. Após alguns minutos, Clara me olhou de novo, desta vez com um sorriso mais brincalhão.

— Então, quando é que você vai admitir que gosta do Matias?

Senti um nervosismo leve se instalar.

— Eu... Eu não sei, Clara. Ele é especial, sim. Mas não quero apressar nada. Ainda estamos nos conhecendo, e... — minha voz falhou, sem saber como terminar.

Clara revirou os olhos, mas de um jeito afetuoso.

— Só não tenha medo, Liz. Se ele faz tanto por você, é porque se importa de verdade. Só quero que você seja feliz, seja qual for o ritmo disso tudo.

— Talvez eu deva conversar com ele sobre isso. — Admiti, finalmente, sentindo que talvez fosse hora de encarar o que meu coração estava tentando me dizer há algum tempo.

Mas, ao mesmo tempo, uma sombra de dúvida passou pela minha mente, trazendo à tona sentimentos que eu normalmente mantinha enterrados.

— A verdade é que eu realmente tenho medo, sabe? Medo de admitir que gosto dele e depois perder o Matias... Não sei se conseguiria lidar com isso. — Minha voz falhou, mas continuei, sentindo a necessidade de desabafar. — Ele é uma das pessoas mais importantes da minha vida, e se algo der errado, se ele perceber que eu não sou boa o suficiente... Eu não quero estragar tudo.

As palavras saíram carregadas de um peso que só agora eu percebia o quanto me afetava.

— Eu passei tanto tempo tentando ser perfeita, tentando agradar, e ainda assim... nunca foi o suficiente. Sempre tive que me esforçar para merecer qualquer tipo de carinho, qualquer atenção. — Meus olhos começaram a arder, mas eu lutei contra as lágrimas. — E se com o Matias for assim também? E se ele descobrir que eu não sou tudo o que ele pensa? Que eu sou... insuficiente?

Clara, que estava quieta até então, se aproximou e, com um toque gentil, segurou minhas mãos, oferecendo consolo.

— Liz... — ela começou, com uma doçura que me tocou profundamente. — Matias não é como sua mãe. Ele vê você, realmente vê quem você é, com todas as suas qualidades e falhas. E ele ainda está aqui, ao seu lado. Isso significa muito.

Clara manteve o tom calmo e firme, sem julgamentos, apenas sendo a amiga empática e acolhedora que sempre foi. Ela apertou minhas mãos com carinho, demonstrando que estava ali comigo, pronta para me apoiar em qualquer circunstância.

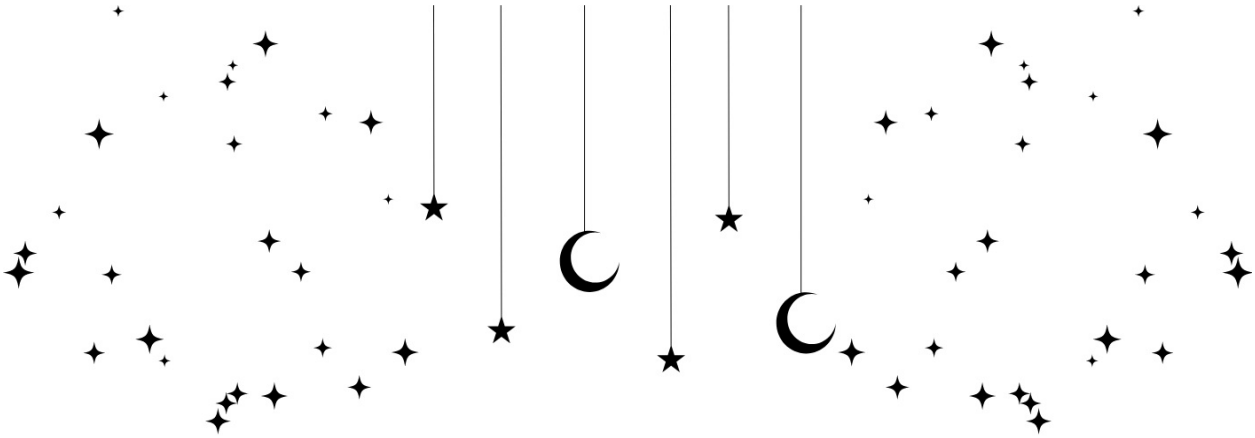
Balancei a cabeça, absorvendo as palavras dela, mas, ainda assim, a insegurança persistia.

— Eu sei... mas é difícil acreditar que alguém possa me aceitar completamente, do jeito que sou, sem querer mudar nada em mim. Não quero decepcioná-lo, Clara. Não quero ser mais um fracasso, mais uma expectativa que não consigo alcançar.

Ela apertou minhas mãos com mais força, seus olhos refletindo a compreensão e o apoio que eu tanto precisava.

— Você não vai decepcioná-lo, Liz. E, mesmo que as coisas não saiam como o esperado, isso não significa que você falhou. Você merece ser amada pelo que é, sem precisar carregar esse fardo de perfeição.

Clara tinha razão, mas as marcas da minha relação com minha mãe ainda estavam ali, cicatrizes que eu sabia que levariam tempo para sarar. E, apesar do medo, havia uma parte de mim que queria acreditar que, com Matias, as coisas poderiam ser diferentes. Que, talvez, eu pudesse ser eu mesma e, ainda assim, ser amada.



CAPÍTULO 15

"– É de coração?
– Do fundo dele."

— Up - Altas Aventuras

Na manhã seguinte, decidi me dar um tempo longe dos livros e fui até o parque da cidade. O lugar sempre foi um refúgio para mim, com o canto dos pássaros e o som suave do vento entre as árvores. Depois da loucura das últimas semanas, eu precisava de um momento para respirar, longe de todas as obrigações e prazos que pareciam nunca terminar.

Sentei-me em um banco perto do lago, com a Bíblia aberta no colo, mas minha mente estava distante, mergulhada nas dúvidas e inseguranças que haviam surgido durante a conversa com Clara. Fechei os olhos, permitindo que a tranquilidade do ambiente me envolvesse, e então fiz uma oração silenciosa.

"*Senhor, estou aqui hoje, trazendo diante de Ti todas as minhas inseguranças e medos. Tu sabes o quanto é difícil para mim acreditar que posso ser amada pelo que sou, sem precisar esconder minhas falhas ou tentar ser perfeita. Ajuda-me a confiar que o Teu amor por mim é suficiente e que eu não preciso carregar o peso de tentar agradar a todos.*

Guia meu coração, Pai, e me ensina a discernir o que é Teu para mim. Se for da Tua vontade que eu caminhe ao lado do Matias, que seja em Teu tempo e sob Tua direção. Não quero apressar nada, mas também não quero permitir que o medo me impeça de viver o que tens reservado para mim. Ajuda-me a

confiar no Teu plano, a descansar em Ti e a lembrar que sou amada, não por quem tento ser, mas por quem Tu me criaste para ser.

Entrego tudo em Tuas mãos, Senhor. Que eu possa sempre encontrar segurança e paz em Teu amor, sabendo que, mesmo nas minhas fraquezas, Tu és forte. Amém."

Ao finalizar minha oração, ouvi uma voz familiar que fez meu coração bater um pouco mais rápido.

— Pensativa?

Levantei os olhos, e lá estava Matias, com aquele sorriso que sempre conseguia me desarmar.

— Matias! — Respondi, sorrindo de volta. Fechei a Bíblia e me levantei para cumprimentá-lo. — O que te trouxe aqui tão cedo?

— Precisava de um respiro também. Parece que a gente pensa parecido, não é? — Ele brincou, sentando-se ao meu lado no banco. — Como você está? Parece bem mais tranquila do que da última vez.

— Sim, acho que finalmente estou conseguindo relaxar. O semestre está quase terminando, então as coisas estão se acalmando. — Respondi, olhando para o reflexo do sol no lago. Parecia quase surreal ter esse momento de paz depois de tanto caos.

Matias assentiu, e o silêncio que se seguiu foi confortável, como se não precisássemos de palavras para nos entender. Mas, depois de alguns minutos, ele voltou a falar, a voz mais séria, mas ainda suave.

— Liz, posso te perguntar uma coisa?

Virei-me para ele, curiosa.

— Claro, pergunte o que quiser.

— Estava pensando... Por que você escolheu estudar Psicologia? Sei que não é um curso fácil, e você se dedica tanto. O que te motivou a seguir esse caminho?

A pergunta me pegou de surpresa. Não era comum alguém perguntar sobre minhas motivações de forma tão direta. Fui tomada por uma enxurrada de pensamentos enquanto buscava uma maneira de responder. Respirei fundo e, quando comecei a falar, percebi que havia mais paixão nas minhas palavras do que eu imaginava.

— Sempre senti que Deus tinha um propósito maior para mim. Minha fé cristã me guia em tudo, e desde pequena, eu tinha esse desejo de ajudar as pessoas, de fazer algo significativo nas vidas delas. Meus pais sempre foram ativos na igreja e, desde cedo, me ensinaram a importância de seguir a Cristo. Quando cheguei na adolescência, reconheci a soberania de Jesus na minha vida e confessei com minha própria boca. — Pauso, refletindo sobre aquele momento

que mudou tudo. — Foi um momento de transformação, sabe? E agora, com a Psicologia, sinto que posso ser uma ferramenta de Deus para trazer luz e esperança a quem está perdido, a quem sofre. Cada aula, cada trabalho que parece impossível... Tudo isso me lembra que estou no caminho certo, que estou seguindo a vocação que Ele colocou no meu coração.

Enquanto falava, percebi que Matias não tirava os olhos de mim. Ele parecia absorver cada palavra, como se quisesse entender profundamente o que aquilo significava para mim. Quando terminei, vi que havia um brilho em seus olhos, algo entre admiração e... algo mais, que eu não conseguia identificar.

— É incrível ouvir você falar assim. — Ele disse, com a voz carregada de sinceridade. — Admiro muito a sua fé. Na verdade, acho que admirar é pouco. Parece que ela te dá uma força que poucos têm. Eu não cresci em um lar cristão, e por muito tempo, não fazia ideia do que significava ter uma fé assim. Foi só na adolescência que alguns amigos me convidaram para ir a um culto, e ali, algo mudou em mim. Conheci o Senhor e, desde então, sou o único cristão na minha casa. Às vezes é difícil, mas essa fé que encontrei me dá força para continuar, mesmo quando parece que estou sozinho nisso.

Suas palavras aqueceram meu coração de um jeito que eu não esperava. Nunca havia compartilhado algo tão profundo com Matias, e ouvir sobre a sua jornada de fé, tão diferente da minha, mas igualmente significativa, fez com que eu me sentisse ainda mais conectada a ele. Saber que ele compreendia e respeitava minhas motivações, apesar de virmos de mundos tão diferentes, era reconfortante.

— Obrigada, Matias — respondi, tocando levemente sua mão. — O Senhor é quem realmente me dá forças, mesmo quando tudo parece difícil. E é bom saber que você entende isso, que sente algo parecido.

Ele desviou o olhar para o lago, mas eu podia sentir que ele estava refletindo sobre algo. Então, Matias se virou novamente para mim, e percebi que havia uma seriedade em seus olhos que me deixou um pouco nervosa.

— Liz, tem algo que eu preciso te dizer...

Meu coração deu um salto. Observei-o, esperando que ele continuasse, mas ele parou, como se estivesse lutando para encontrar as palavras certas. Havia uma tensão no ar, algo que eu não conseguia identificar, mas que me deixava em um estado de expectativa quase dolorosa.

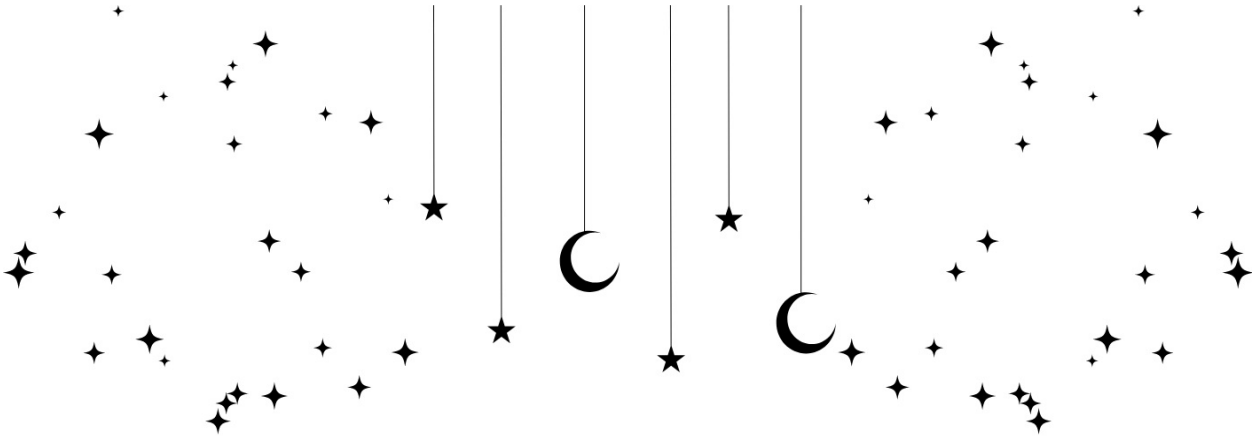
— Mas... — ele suspirou, esboçando um sorriso meio torto. — Ainda não é o momento certo. Só quero que você saiba que, quando eu puder falar, espero que você entenda.

Minha curiosidade ficou aguçada, mas havia algo no olhar dele que me fez perceber que, fosse o que fosse, Matias precisava de mais tempo. Eu sorri,

tentando passar confiança, mesmo que por dentro eu estivesse cheia de perguntas.

— Tudo bem, Matias. Eu vou esperar.

O sol já estava alto no céu, e nós ficamos ali, lado a lado, observando o lago, cada um imerso em seus próprios pensamentos. Parecia que estávamos construindo algo sem precisar de palavras. Sentia que, embora não soubesse exatamente o que o futuro nos reservava, havia algo especial no ar, algo que valeria a pena esperar, mesmo sem saber ao certo o que era.



CAPÍTULO 16

"Quanto maior o desafio que estamos dispostos a enfrentar, melhor será a vida que vamos viver."

— Wish: o Poder dos Desejos

Depois de semanas intensas de estudo e dedicação, o último dia de aula finalmente chegou. O alívio era palpável entre os estudantes, todos ansiosos pelas merecidas férias. No domingo à noite, Clara e eu celebramos com um jantar em nosso restaurante favorito, brindando ao fim de um semestre exaustivo.

— O que você planeja fazer neste período de férias? — perguntou Clara, enquanto se deliciava com uma garfada de massa. — É uma pena nossas férias não coincidirem, adoraria aproveitar com você.

— Estava pensando em visitar minha mãe — respondi, apertando levemente as mãos sobre a mesa, já antecipando como esse encontro poderia ser. Eu havia conversado com ela depois daquela chamada que acabei não retornando, e algo me pareceu diferente.

Clara me olhou surpresa.

— Tem certeza? Bom, é uma boa ideia, mas fico preocupada com você.

— Acho que está na hora de enfrentar essa situação — disse, pensando na conversa que tive com Matias sobre como o perdão é essencial para a cura.

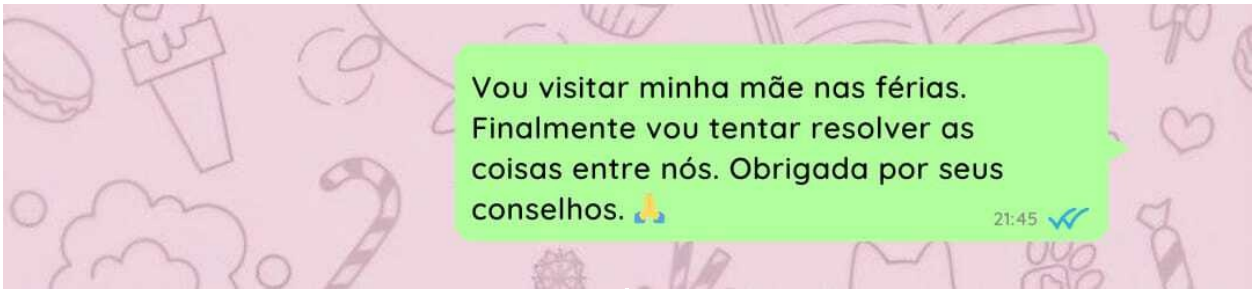
Clara sorriu, com aquele olhar de quem sempre acreditou em mim.

— Você é mais corajosa do que pensa, Liz. E sabe que, se precisar de

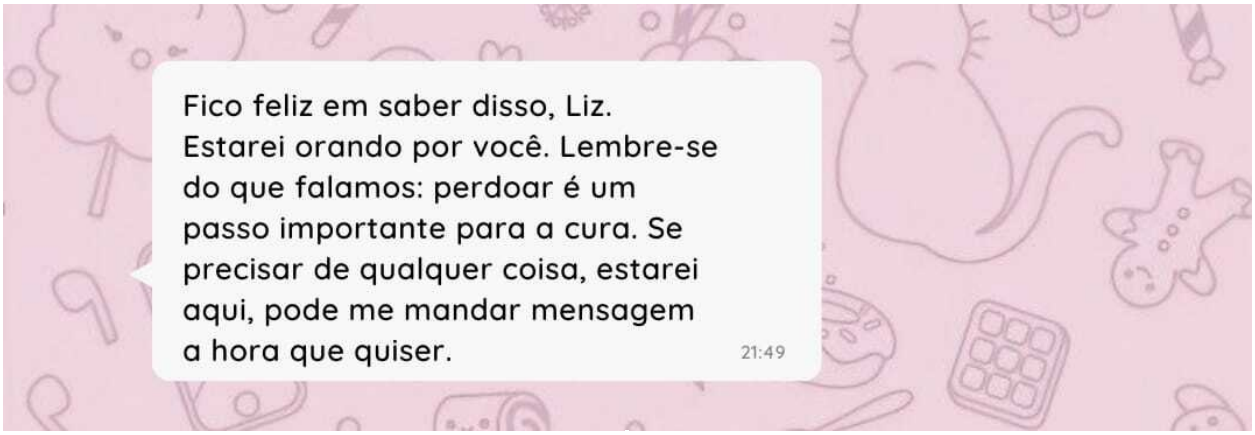
qualquer coisa, estou aqui para você — disse ela, com um tom encorajador que aqueceu meu coração.

— De verdade, Clara. Obrigada por tudo — respondi, sentindo-me genuinamente grata por ter uma amiga como ela.

Ao voltar para casa, meu coração estava mais leve. Saber que eu tinha o apoio de Clara e os conselhos de Matias me dava forças para enfrentar qualquer desafio. Antes de dormir, enviei uma mensagem para Matias, contando sobre minha decisão.



Poucos minutos depois, o celular vibrou com a resposta dele.



Sorri ao ler a mensagem, sentindo-me reconfortada. Matias sempre sabia o que dizer para me dar forças.

No dia seguinte, decidi que era hora de pôr o plano em prática. Havia se passado muito tempo desde nossa última conversa significativa, e eu sabia que minha mãe estava esperando por mim, mesmo que ela não admitisse. Tomei coragem e peguei o telefone.

— Oi, mãe — disse, quando ela atendeu após alguns toques.

— Liz! Como você está?

— Estou bem. As coisas na faculdade estavam uma loucura, mas finalmente terminei o semestre. Queria te ver. O que acha de eu ir para aí e passar alguns dias com você?

Houve uma breve pausa antes de ela responder, seu tom suavizando-se.

— Eu adoraria. Quando você pode vir?

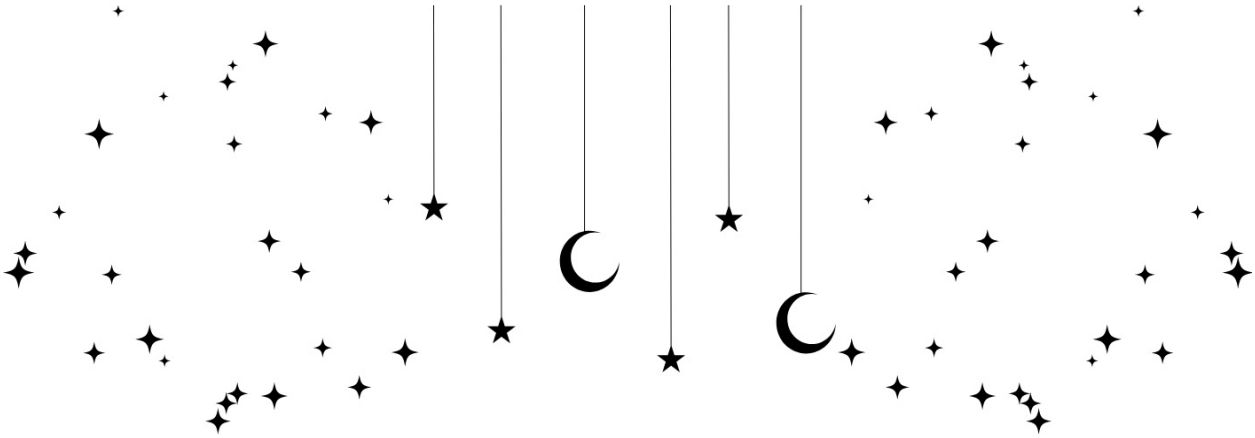
— Estava pensando em ir no final da semana. O que acha?

— Perfeito! Vou preparar tudo para te receber. Vai ser ótimo ter você aqui. Estava mesmo me sentindo muito sozinha nesta casa.

Desliguei o telefone sentindo uma mistura de nervosismo e esperança. Apesar das nossas diferenças, queria que essa visita fosse um passo para melhorar nossa relação. Fiz uma busca no site da rodoviária mais próxima e vi que só tinham passagens para sexta à tarde. Comprei a minha e, assim, fiquei com quatro dias para arrumar minhas coisas, certificando-me de levar tudo o que precisaria para a viagem.

Enquanto fazia as malas, fui tomada por pensamentos sobre como essa visita poderia ser. Queria que fosse um momento de cura, um tempo para realmente nos conectarmos. Sabia que não seria fácil, mas sentia que era necessário. Talvez, dessa vez, pudéssemos encontrar um caminho de volta uma para a outra, e quem sabe, construir uma nova relação, mais saudável e baseada no amor e no perdão.

A cada peça de roupa dobrada e guardada, uma pequena oração se formava em meus lábios, pedindo a Deus que me guiasse nessa jornada de reconciliação. Sabia que precisaria de muita força, paciência e, acima de tudo, amor. A visita não seria apenas uma tentativa de resolver o passado, mas também de construir um futuro diferente. Um futuro onde, talvez, eu pudesse finalmente encontrar paz com minha mãe e, quem sabe, comigo mesma.



CAPÍTULO 17

"Onde há vontade, há um jeito!"

— Shrek

Quando o dia da viagem chegou, acordei cedo, me despedi de Clara e peguei a estrada rumo à casa da minha mãe. O caminho era familiar, mas, a cada quilômetro percorrido, uma nova camada de emoções se sobrepunha à anterior. Esperava que essa visita nos aproximasse e nos ajudasse a entender melhor uma à outra.

O trajeto duraria algumas horas. Enquanto o ônibus avançava, observei pela janela a paisagem mudar gradualmente. Os altos prédios e a agitação constante da cidade foram sendo substituídos por pequenas fazendas, casas isoladas e, eventualmente, pequenas cidades com ruas movimentadas e lojas locais. A mudança de cenário parecia um reflexo das transições que eu esperava na minha relação com minha mãe.

Quando finalmente cheguei ao meu destino, desci do ônibus e senti a brisa fresca do fim de tarde acariciar meu rosto. Olhei ao redor e logo avistei minha mãe ao longe. Ela estava esperando ansiosamente, os olhos vasculhando a pequena multidão que se dispersava.

Assim que me viu, um sorriso iluminou seu rosto. Ela acenou vigorosamente e correu em minha direção, abrindo os braços para um abraço apertado.

— Ah, Liz, que saudade! — exclamou, segurando-me firme. Nunca a vi

tão... animada. Estranhei a intensidade daquela demonstração de afeto, mas respondi:

— Também senti sua falta, mãe — Tentei corresponder ao seu entusiasmo, mas uma parte de mim se perguntava o que estava por trás daquela mudança repentina de atitude.

Entramos no carro e seguimos em silêncio até a casa dela. O caminho estava cheio de memórias, pois cresci naquela cidade pequena. Cada esquina, cada loja e cada rua guardavam um pedaço da minha história. Enquanto passávamos por lugares familiares, uma onda de nostalgia me envolveu, trazendo à tona lembranças da infância.

— Vamos parar no mercadinho do senhor Antônio antes de irmos para casa. Preciso comprar umas coisas para o jantar — disse minha mãe, quebrando o silêncio e desviando o carro para uma rua lateral.

Chegamos ao mercadinho, uma pequena loja aconchegante com prateleiras de madeira cheias de produtos frescos. O sino sobre a porta tocou quando entramos, e logo avistamos o senhor Antônio atrás do balcão. Ele era um homem idoso, de sorriso fácil e olhos brilhantes, sempre disposto a conversar com os clientes.

— Dona Helena! Que surpresa boa! — exclamou o senhor Antônio ao nos ver. — E essa jovem aqui, não é a Liz? Quanto tempo, minha filha! Como você cresceu!

— Sim, sou eu mesma, senhor Antônio. É bom vê-lo novamente — respondi, sorrindo.

— É sempre um prazer rever os filhos desta cidade. Como estão as coisas por lá? — perguntou ele, enquanto minha mãe começava a pegar os itens de que precisava.

— Estou na faculdade agora, terminando o semestre — respondi, tentando soar despreocupada.

— Ah, que orgulho! Parabéns, Liz. A cidade sentiu sua falta — disse ele, piscando para mim. — E você, dona Helena, como está indo?

— Tocando a vida como dá, senhor Antônio. Liz veio passar uns dias comigo. Vamos aproveitar esse tempo juntas — respondeu minha mãe, pegando uma sacola de maçãs.

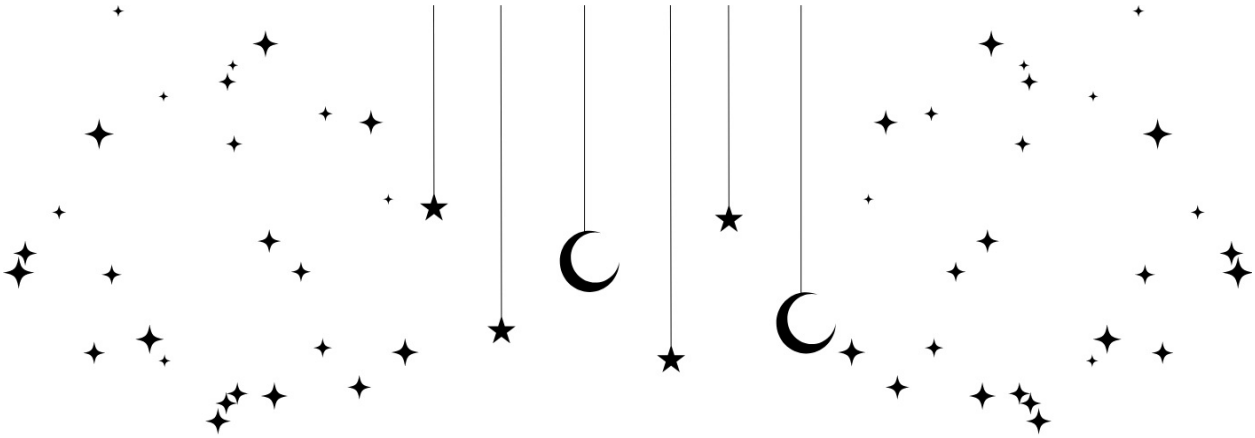
Depois de pegarmos todos os itens, nos despedimos do senhor Antônio e voltamos ao carro. Enquanto seguíamos para casa, o caminho conhecido despertava ainda mais lembranças em mim, e me vi refletindo sobre o quanto tudo parecia igual, mas ao mesmo tempo tão diferente.

Chegamos à casa onde cresci, uma construção de dois andares, agora pintada de branco, com uma varanda envolta por trepadeiras e flores coloridas. A

porta da frente era de madeira escura, desgastada pelo tempo, e ainda tinha a pequena janela com vidro manchado que eu adorava espiar quando criança.

O som familiar do portão rangendo ao ser aberto trouxe uma sensação de acolhimento, mas também um leve desconforto. Estar ali novamente era como revisitar um capítulo antigo da minha vida, um que eu esperava poder reescrever de maneira mais leve e cheia de compreensão.

Minha mãe destrancou a porta e me deu espaço para entrar primeiro. Respirei fundo antes de cruzar o limiar, sentindo o cheiro familiar de café recém-coado e bolo de fubá. Aquela era minha casa, mesmo que muitas vezes eu tivesse fugido dela emocionalmente. Agora, porém, eu estava de volta, e esperava que esta visita fosse o início de uma nova fase, um passo em direção ao perdão e à reconciliação.



CAPÍTULO 18

"Você é mais corajoso do que acredita, mais forte do que aparenta e mais esperto do que pensa."

— Ursinho Pooh

A sala de estar estava praticamente igual: o velho e confortável sofá, coberto por mantas de crochê, a lareira de tijolos à vista, e as prateleiras repletas de livros e fotos de família. Na parede, as marcas da minha altura ao longo dos anos ainda estavam lá, uma lembrança tangível do meu crescimento.

— Vou deixar suas malas no seu quarto — disse minha mãe, interrompendo meus pensamentos.

— Obrigada, mãe. Vou dar uma volta pela casa, rever alguns lugares.

Enquanto caminhava pelos corredores, cada passo trazia uma lembrança diferente. O corredor principal exibia fotos de família emolduradas, momentos congelados no tempo: aniversários, feriados, dias comuns que se tornaram especiais. Subi as escadas e entrei no meu antigo quarto, onde o papel de parede com desenhos de estrelas e luas ainda decorava as paredes.

A cama de solteiro, com a colcha de retalhos que minha avó havia feito, permanecia intacta, assim como a escrivaninha repleta de anotações e livros que eu costumava usar para estudar.

A falta do meu pai era palpável, mas não queria pensar nisso ainda. Eu queria aproveitar aquele momento de volta ao lar, mesmo que houvesse um vazio que se fazia presente em cada canto da casa.

Minha mãe apareceu na porta, observando-me com um sorriso.

— Está tudo bem, Liz? — perguntou ela, com um toque de preocupação na voz.

— Sim. Só estava lembrando de algumas coisas — respondi, retribuindo o sorriso.

— Vamos, vou te servir um pedaço de bolo. Podemos sentar e conversar um pouco.

Concordei e a segui até a cozinha. Os azulejos brancos e azuis e a grande mesa de madeira ainda faziam da cozinha o coração da casa. Sentei-me no mesmo lugar que costumava sentar quando era mais nova, e logo minha mãe trouxe uma bandeja com um pedaço de bolo de chocolate e uma pequena xícara de café, colocando-a na mesa com cuidado.

Começamos a conversar sobre coisas cotidianas, e o tempo passou rapidamente. A luz do dia começou a desvanecer, e eu, aos poucos, comecei a sentir o cansaço da viagem se intensificar, somado ao fato de ter acordado cedo para fazer os últimos ajustes antes de pegar a estrada. Em determinado momento, reprimi um bocejo, e minha mãe percebeu.

— Vá descansar um pouco. Eu vou preparar o jantar — disse ela, recolhendo a bandeja.

— Tem certeza? Posso ajudar com alguma coisa.

— Não se preocupe. Você deve estar cansada da viagem. Vá descansar, e quando tudo estiver pronto, eu te chamo.

Subi as escadas, o carpete macio amortecendo meus passos. Deitei-me na cama, tentando me readaptar àquele espaço tão familiar. O peso da viagem e das memórias começou a se acumular, e eu fechei os olhos por um momento, deixando a tranquilidade da casa me envolver.



Acordei algum tempo depois com um aroma delicioso vindo da cozinha, que logo chamou minha atenção. Levantei-me, sentindo-me um pouco

mais descansada, e desci para ver como minha mãe estava se saindo com o jantar.

— O que você está preparando? — perguntei ao entrar na cozinha.

— Estou fazendo seu prato favorito: lasanha — ela respondeu, virando-se para me olhar com um sorriso. — E uma salada fresca para acompanhar.

— Você sabe como me mimar — comentei, tentando aliviar a tensão que ainda pairava no ar. — Posso pelo menos preparar a mesa?

Apesar do tom leve da conversa, uma parte de mim permanecia desconfiada. Minha mãe raramente agia de forma tão amistosa, e sua gentileza repentina parecia fora de lugar.

— Claro. A mesa está posta, só precisa pegar os talheres e os pratos — disse ela, voltando sua atenção para a lasanha no forno.

Enquanto arrumava a mesa, o cheiro da lasanha invadia a cozinha, misturando-se ao aroma fresco da salada. Minha mãe parecia completamente absorta em sua tarefa, mas havia um brilho em seu olhar que me deixava inquieta.

— Liz, querida — começou ela. — Eu tenho algo que gostaria de compartilhar com você.

Parei por um momento, com a colher de servir suspensa no ar, e a encarei com curiosidade, mas também com um pouco de apreensão.

— O que foi, mãe?

Ela hesitou por um instante, como se estivesse escolhendo as palavras com cuidado.

— Eu voltei a frequentar a igreja — disse finalmente, seus olhos fixos em mim, avaliando minha reação. — Percebi que não dava para continuar vivendo da mesma maneira. Afinal, quem mais além de mim poderia tomar essa decisão tão importante?

Fiquei surpresa. Era uma mudança significativa. Quando meu pai faleceu, nossa rotina mudou drasticamente e, assim como nossa relação, a fé de minha mãe parecia ter evaporado junto com o luto.

— Sério? — perguntei, tentando esconder a surpresa. — Isso é ótimo, mãe. O que a fez voltar?

Ela suspirou, afastando um cabelo que escapou do coque desfeito.

— Acho que precisava de algo a mais, a solidão só estava piorando tudo, e o luto… bem, foi difícil.

— Eu entendo — respondi, sentindo a garganta seca. A dor da perda ainda era uma ferida aberta, pulsando a cada batida do meu coração. — Às vezes, eu também sinto falta do papai.

Seus olhos, sempre tão atentos a si mesma, agora se voltaram para mim.

— Eu não sabia como lidar com isso, Liz. E, honestamente, não soube como te ajudar a lidar também. Foi uma fase difícil e confusa para nós duas.

A culpa, como sempre, recaiu sobre mim. Eu era a criança, incapaz de lidar com a própria dor.

— Eu também não sabia como lidar — murmurei, a voz baixa. — Sair de casa foi a maneira que encontrei para escapar um pouco. Mas, às vezes, desejo que pudéssemos ter enfrentado isso juntas.

Um leve sorriso curvou seus lábios.

— Eu gostaria que tivéssemos feito isso. Agora, quero que saiba que estou tentando ser uma pessoa melhor, para você e para mim.

Uma nova esperança? Talvez. Mas a desconfiança era mais forte. Afinal, essa era a mesma mulher que sempre colocava suas próprias necessidades em primeiro lugar, que nunca admitia seus erros e que sempre encontrava uma maneira de fazer com que eu me sentisse culpada.

A pergunta pairou no ar, carregada de tensão. Seria possível acreditar em suas palavras? Ou seria mais uma de suas manipulações, mais uma tentativa de me trazer de volta para sua órbita?

Por um breve momento, permiti-me acreditar. Afinal, quem sou eu para negar à minha mãe a chance de redenção?

— Eu fico feliz em ouvir isso, mãe. Podemos começar de novo, certo?

— Com certeza. Agora vamos comer antes que a lasanha esfrie! — disse ela, mudando o clima e trazendo um sorriso ao meu rosto.

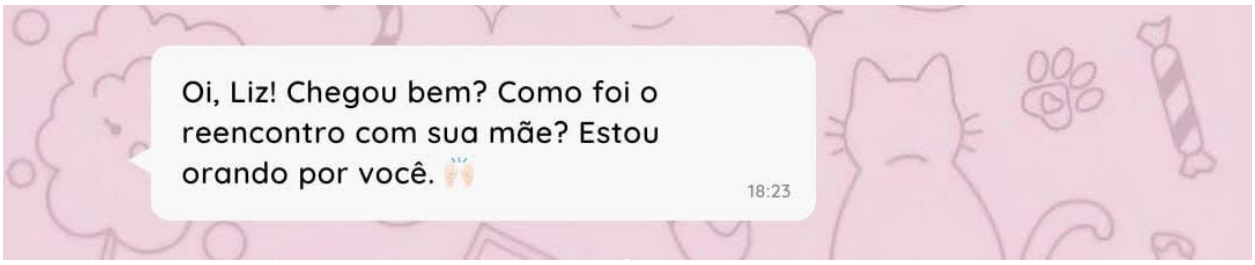
CAPÍTULO 19

"– Eu sabia que tinha feito uma boa escolha!
– De quê?
– Do meu mió amigo."

— Carros

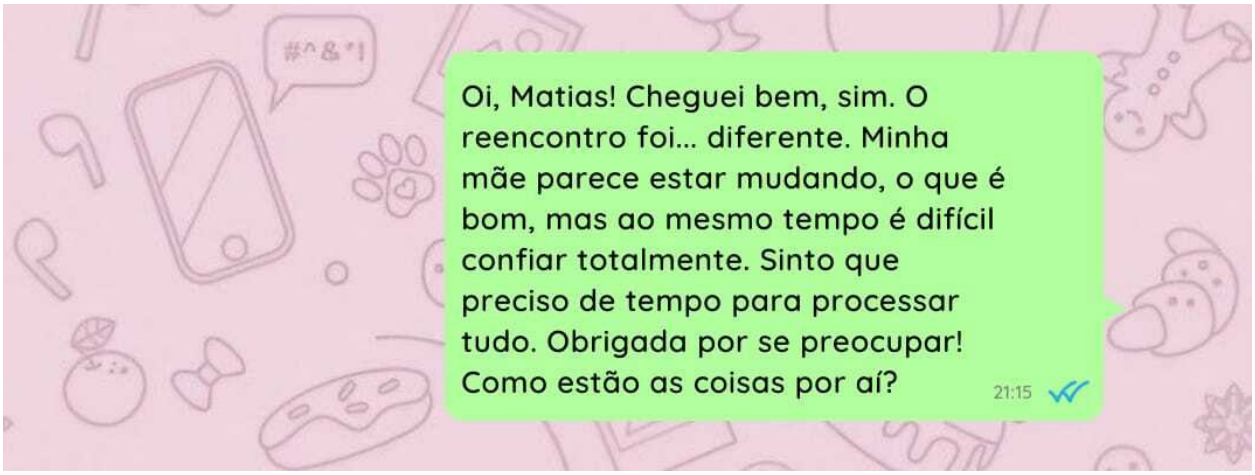
Depois do jantar, subi para o meu quarto sentindo um turbilhão de sentimentos. A conversa com minha mãe havia sido um passo importante, mas também me deixara pensativa. Precisava de um momento para processar tudo e, assim que me joguei na cama, peguei o celular para conferir as mensagens.

Havia uma de Matias, enviada algumas horas atrás:



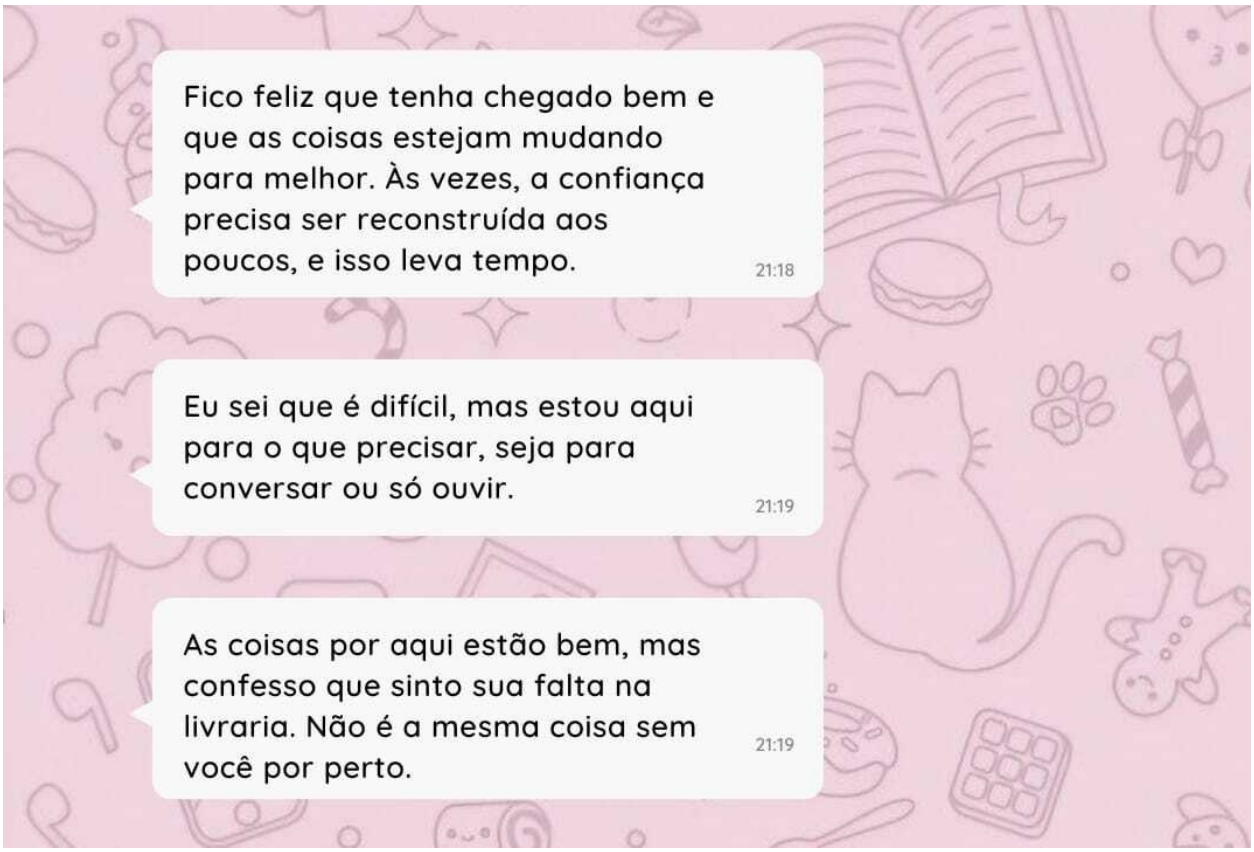
Sorri ao ler a mensagem. Matias sempre tinha um jeito de me fazer sentir cuidada, como se estivesse presente, mesmo de longe. Fiquei um momento observando a tela, pensando em como responder. Não queria sobrecarregá-lo

com meus problemas, mas, ao mesmo tempo, sentia que podia ser honesta com ele.

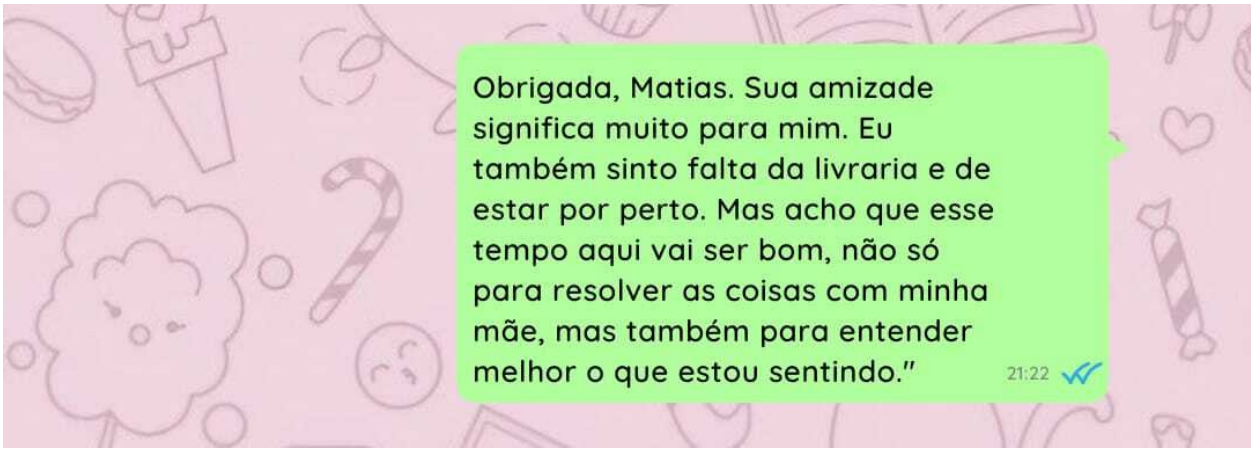


Enviei a mensagem e, enquanto esperava pela resposta, me peguei refletindo sobre o que havia escrito. Matias sempre me oferecia apoio incondicional, algo que eu nunca soube como retribuir adequadamente. Ele parecia entender minhas lutas, sem julgamento, apenas com a intenção de ajudar. Será que poderia haver algo mais entre nós? Era uma pergunta que eu vinha evitando, mas agora, sozinha nesse quarto que trazia tantas memórias, ela se tornava impossível de ignorar.

Antes que pudesse pensar muito mais sobre isso, o celular vibrou com a resposta dele:

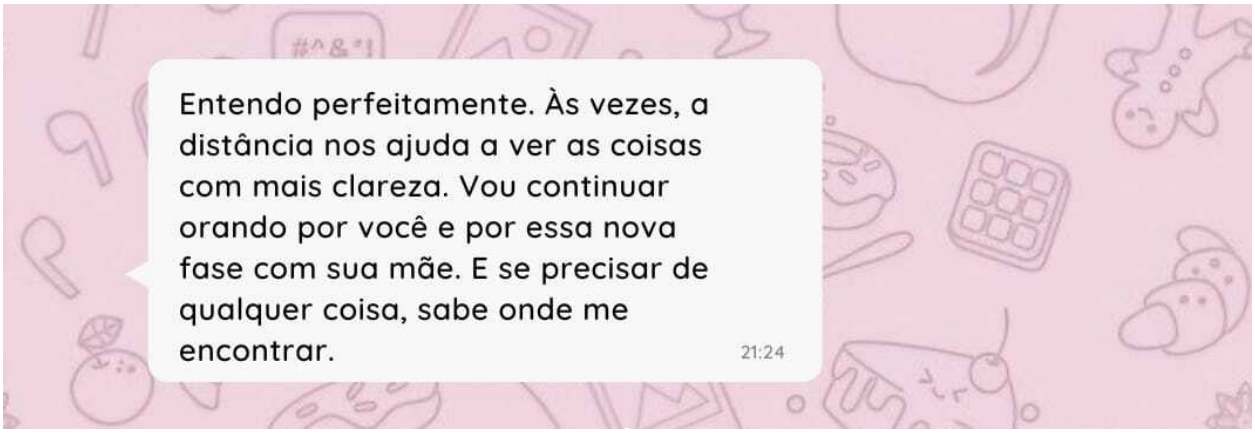


O último trecho da mensagem fez meu coração bater um pouco mais rápido. Era um comentário simples, mas carregava uma intimidade que não passou despercebida, tornando minhas emoções ainda mais conflitantes. Respirei fundo antes de responder:



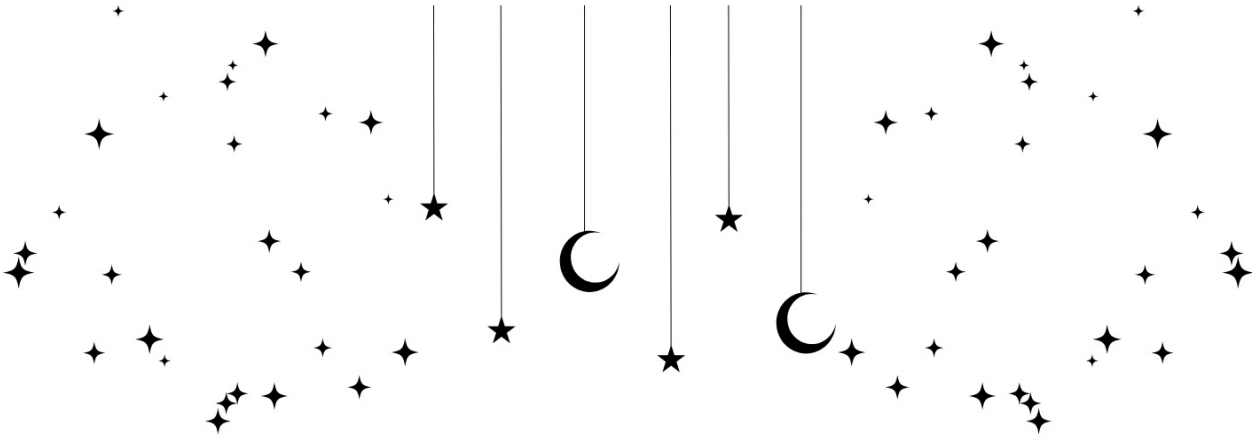
Enviei a mensagem e deitei-me na cama, observando o teto enquanto esperava por uma resposta. Sentia que essa conversa era o início de algo novo, um ponto de partida para explorar sentimentos que eu não tinha certeza de como nomear.

Quando o celular vibrou novamente, senti um frio na barriga. Abri a mensagem:



Sorri ao ler, sentindo uma onda de calor se espalhar pelo meu peito. E, enquanto guardava o celular, decidi que usaria esse tempo para pensar, não apenas sobre o relacionamento com minha mãe, mas também sobre o que Matias realmente significava para mim.

E, assim, fechei os olhos, deixando que o cansaço do dia me levasse para o sono, com o pensamento de Matias como a última coisa em minha mente.



CAPÍTULO 20

"Quando a vida te decepciona, qual é a solução? Simplesmente continue a nadar."

— Procurando Nemo

Acordei cedo, sentindo a brisa suave que entrava pela janela do meu quarto. O som dos pássaros cantando e o cheiro de grama fresca me atraíram para o pequeno jardim nos fundos da casa da minha mãe, um lugar que sempre fora um refúgio de paz para mim. Decidi que aquele seria o cenário perfeito para fazer meu devocional.

Peguei minha Bíblia e fui até o jardim. As flores estavam em plena floração, espalhando um aroma doce pelo ar. Encontrei um banco de madeira sombreado por uma árvore frondosa, onde me sentei e abri minha Bíblia. A leitura do dia era Isaías 55:9:

"*Assim como os céus são mais altos do que a terra, também os meus caminhos são mais altos do que os seus caminhos, e os meus pensamentos mais altos do que os seus pensamentos.*"

As palavras ressoaram profundamente dentro de mim, trazendo à tona memórias dolorosas e reflexões profundas. Lembrei-me de quando tinha 15 anos e recebi a notícia da morte do meu pai. Aquele dia ainda estava gravado em minha mente com detalhes nítidos.

Eu estava na escola, e a diretora veio me chamar na sala de aula. Havia

algo em seu olhar que me fez perceber que algo terrível havia acontecido. Quando cheguei à sala da diretora, minha mãe estava lá, desolada. Ao ver seu rosto marcado pelo sofrimento, senti um nó apertar em minha garganta. Ela me abraçou forte, e foi então que soube. Meu pai havia falecido em um acidente de carro naquela manhã.

Nos dias e semanas que se seguiram, fui consumida pela dor e pelo luto. Minha fé, que sempre havia sido uma parte importante da minha vida, foi profundamente abalada. Revoltei-me contra Deus, questionando por que Ele havia permitido que algo tão trágico acontecesse. Por que Ele havia levado meu pai embora tão cedo? Logo ele, o meu herói, meu confidente, meu melhor amigo.

Lembrei-me de como ele sempre tirava tempo para estar comigo, mesmo com sua agenda lotada. Aos sábados, tínhamos um ritual: passeios de bicicleta pela praça. Ele me ensinou a andar de bicicleta, segurando firmemente o guidão até que eu encontrasse meu equilíbrio. Seu riso ecoava no ar enquanto eu pedalava desajeitadamente, e ele sempre dizia: "*Estou aqui, Liz. Você consegue.*"

Ele era o tipo de pai que fazia questão de participar de todos os eventos escolares. Nunca esquecerei a vez em que ele cancelou uma reunião importante no trabalho para assistir à minha apresentação de balé. Estava nervosa, minhas mãos suavam e meu coração batia acelerado, mas ao vê-lo na plateia, aplaudindo e sorrindo orgulhoso, toda a ansiedade desapareceu. Naquele momento, soube que não importava o que acontecesse, ele sempre estaria lá para me apoiar.

Enquanto meditava sobre essas lembranças, fechei os olhos e quase pude sentir a presença do meu pai ao meu lado, como se estivesse revivendo aqueles momentos. Ele sempre sabia o que dizer para me acalmar, não importava o quão triste ou frustrada eu estivesse.

— Vamos nos sentar aqui um pouco, Liz — imaginei ele dizendo, enquanto indicava um banco de madeira sombreado por uma árvore frondosa. — Às vezes, tudo o que precisamos é de um momento de paz para encontrar a solução.

Eu quase podia sentir o calor do abraço dele, aquele que sempre me fazia sentir segura e protegida, como um escudo contra todas as minhas preocupações. Sua voz suave, carregada de amor e paciência, ecoava no ar.

— Não há problema que não possa ser resolvido, Liz. Apenas continue a nadar — ele sussurrava, suas palavras ecoando na minha mente como um mantra de esperança.

Depois do acidente, a casa parecia incrivelmente silenciosa. Todos os lugares que costumávamos frequentar juntos agora estavam cheios de memórias

dolorosas. A bicicleta que ele me ensinara a andar ficou encostada no canto da garagem, coberta de poeira.

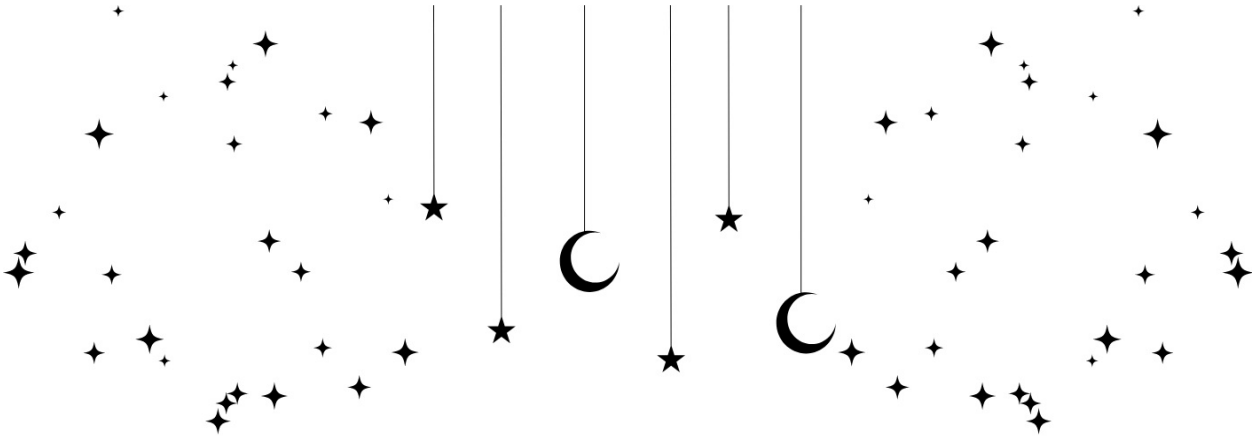
Sempre fui uma pessoa que gostava de ter tudo sob controle, e aceitar que havia coisas além do meu entendimento era um desafio constante. Senti um aperto no peito, lembrando-me de que ele não estava mais aqui para me abraçar e dizer que tudo vai ficar bem. Mas suas palavras ainda ressoavam em meu coração, lembrando-me de continuar nadando, não importa o quão turbulentas as águas possam ser.

Respirei fundo, tentando deixar a paz de Deus inundar meu coração. Sabia que, mesmo quando não entendia os caminhos de Deus, Ele ainda estava no controle. Precisava lembrar disso, especialmente nos momentos em que as dores do passado ameaçavam me consumir; elas não precisavam mais definir meu presente.

Depois de algum tempo, abri os olhos e fechei a Bíblia, sentindo-me um pouco mais leve. Levantei-me do banco e caminhei de volta para a casa, determinada a confiar mais no Senhor e a buscar a paz que só Ele poderia oferecer.

Enquanto atravessava o quintal, já com o sol começando a aquecer o dia, decidi que iria aproveitar esse tempo para buscar clareza. Clareza sobre minha relação com minha mãe, sobre as marcas que o luto deixou em mim, e sobre o que Matias poderia significar em minha vida.

Eu estava pronta para enfrentar essas questões, uma de cada vez, confiando que os caminhos de Deus são sempre mais altos que os meus.



CAPÍTULO 21

"Sim, o passado pode machucar. Mas, do modo como vejo, você pode fugir dele ou aprender com ele."

— O Rei Leão

O café da manhã foi silencioso, quase tranquilo demais. Os raios de sol invadiam a cozinha, iluminando as xícaras de café e o pão na mesa, mas o clima entre minha mãe e eu ainda estava carregado com tudo o que não tínhamos dito. A quietude, que antes trazia paz, agora só intensificava o desconforto, como se as palavras não ditas pairassem no ar, prontas para explodir a qualquer momento. Depois de comer, senti uma necessidade irresistível de me afastar.

Decidi explorar o sótão, um lugar que não visitava há anos. A escada rangia sob meu peso, cada passo ecoando na casa como um lembrete do que estava por vir. Ao abrir a porta do sótão, fui recebida pelo cheiro de madeira envelhecida e poeira, uma combinação que imediatamente trouxe de volta lembranças da minha infância, quando o sótão era um lugar onde eu me escondia do mundo lá fora.

Comecei a mexer nas caixas, cada uma repleta de pedaços do nosso passado: brinquedos antigos, roupas que já não serviam, cartas esquecidas. Quando finalmente encontrei um velho álbum de fotos, algo dentro de mim quebrou. Ao folhear as páginas amareladas pelo tempo, meus olhos se detiveram em uma foto específica: meu pai e eu, sorrindo durante um passeio de bicicleta.

A felicidade em nossos rostos era inconfundível, mas agora tudo o que eu sentia era uma dor profunda, uma saudade quase insuportável.

Meu coração apertou-se com a lembrança daquele dia, da risada dele ecoando pelo ar, da segurança que seu abraço me proporcionava. Fechei os olhos, tentando afastar a dor, mas as lágrimas vieram de qualquer maneira, silenciosas, implacáveis.

Foi nesse momento que minha mãe entrou no sótão. Seus passos eram leves, quase hesitantes, como se ela soubesse que estava invadindo um espaço sagrado. Ela olhou para a foto que eu segurava, e eu vi um lampejo de tristeza em seus olhos, um reflexo do que ela também estava sentindo.

— Lembra desse dia? — perguntei, minha voz embargada pela emoção.

Ela olhou para a foto, e por um momento, vi sua máscara de força quase se desmanchar. Um suspiro escapou de seus lábios, carregado de um peso que eu não conseguia compreender completamente.

— Claro que lembro, — respondeu ela, a voz baixa, quase um sussurro. — Foi um dos dias mais felizes dele.

Os segundos se arrastavam, cada um mais pesado que o outro. Mas eu sabia que não podia mais evitar. Precisava confrontar essa dor, essa mágoa que vinha corroendo minha alma há tanto tempo.

— Mãe, por que nunca conversamos sobre tudo o que aconteceu? — perguntei, minha voz trêmula, quase temendo a resposta.

Ela hesitou, seu olhar ainda fixo na foto. Quando finalmente falou, sua voz estava carregada de emoção, mas também de uma defensiva que só serviu para aumentar minha frustração.

— Liz, é difícil para mim também, — começou ela, tentando manter a compostura. — Cada vez que falo sobre ele, a dor volta. Eu tentei seguir em frente, mas não sabia como lidar com tudo isso.

As lágrimas começaram a escorrer pelo meu rosto enquanto ouvia suas palavras. Era como se ela estivesse tentando justificar o injustificável, e isso me enchia de uma dor que eu mal conseguia suportar.

— Eu precisei de você, mãe, — falei, minha voz cheia de amargura, sem conseguir mais segurar tudo aquilo dentro de mim. — Eu precisei tanto de você, por tanto tempo. Sempre quis ter você como minha amiga, alguém com quem eu pudesse contar, mas você sempre esteve distante, ocupada demais consigo mesma. Eu perdi você muito antes de perder o papai. E quando ele se foi, foi como se eu tivesse ficado completamente sozinha. Mesmo depois disso, você agia como se nada tivesse mudado, como se eu não tivesse o direito de me sentir assim. E ainda me cobrava presença, como se você mesma tivesse sido uma mãe presente.

Ela fechou os olhos, tentando conter as lágrimas que agora escorriam pelo seu rosto. Quando finalmente falou, sua voz estava quebrada, carregada de dor, mas ainda tentando se justificar.

— Eu estava tão consumida pela minha própria dor, — disse ela, a voz trêmula. — A morte do seu pai me destruiu de uma maneira que você não pode imaginar. Eu fiz o melhor que pude, Liz. Juro que fiz.

Minhas palavras saíram em um impulso, carregadas de mágoa e de uma dor que eu vinha guardando por toda a vida.

— O seu melhor nunca foi suficiente para mim, — soltei, quase como um grito sufocado. — Eu me senti sozinha a minha vida toda, mãe. Você nunca esteve realmente lá para mim. Sempre ocupada demais com seus problemas, suas necessidades. Eu precisei de você tantas vezes, mas tudo o que você fazia era me criticar, me cobrar, como se fosse minha obrigação cuidar de você, quando eu mesma precisava dos seus cuidados.

Ela me olhou com lágrimas nos olhos, e por um momento, todo o seu escudo de força pareceu desmoronar.

— Liz, eu sinto muito. Eu realmente sinto, — disse ela, as lágrimas agora caindo livremente. — mas você não entende... eu sempre fui assim. Sempre tive dificuldades para me conectar, para ser a mãe que você merecia. Mas quando ele se foi... eu simplesmente não consegui lidar. Tentar ser forte para você, quando eu mesma estava desmoronando, foi impossível.

As memórias de minha infância passaram diante de meus olhos como um filme sombrio, tudo que eu fazia parecia insuficiente, cada erro era amplificado e cada sucesso, ignorado. Eu tentava ser a filha perfeita, acreditando que, se conseguisse agradá-la, talvez ela pudesse ser uma mãe mais amorosa. Mas cada esforço parecia em vão, alimentando em mim uma insegurança que eu carregava até hoje, tornando-me incapaz de acreditar que alguém pudesse realmente me amar sem reservas.

— Talvez se você tivesse falado sobre isso comigo, não teríamos ficado tão distantes, — respondi, minha voz agora apenas um sussurro. — Talvez se você tivesse mostrado que também precisava de mim, poderíamos ter nos apoiado. Mas você se fechou e me deixou de fora. E agora, você quer que eu simplesmente deixe tudo isso para trás?

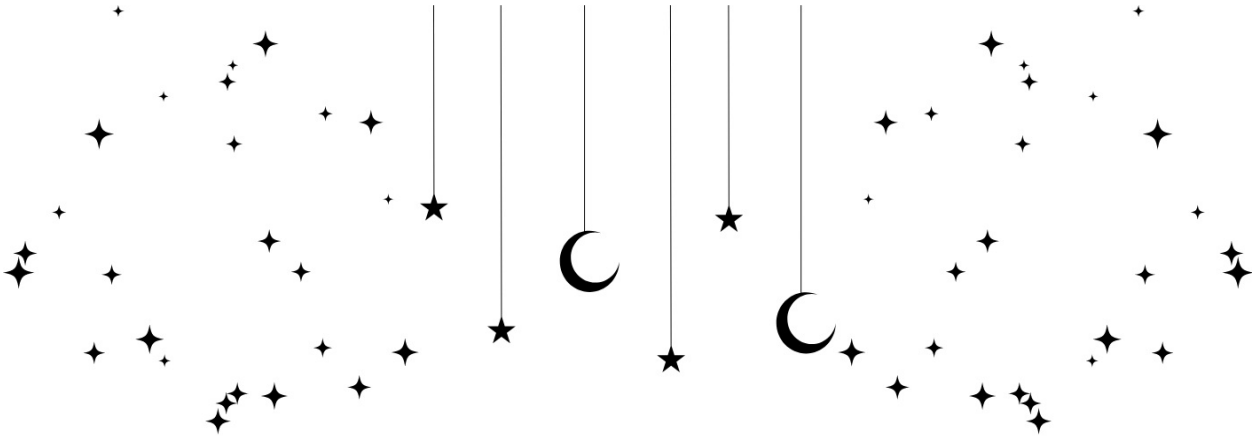
Minha mãe me olhou nos olhos, lágrimas escorrendo pelo rosto, mas ainda havia uma rigidez em sua expressão, como se ela estivesse lutando contra o próprio instinto de manter o controle. Ela parecia tão humana naquele momento, tão quebrada quanto eu, e ainda assim, eu não conseguia sentir a compaixão que eu sabia que deveria ter.

— Eu sei que falhei, Liz, — admitiu ela, sua voz quebrando no final. —

Mas estou aqui agora, tentando consertar as coisas. Podemos, por favor, tentar deixar o passado para trás e começar de novo? Eu preciso de você, e quero que você precise de mim também.

As palavras dela cortaram fundo, mas ao invés de aliviar a dor, apenas a intensificaram. Eu queria acreditar que ela estava sendo sincera, que havia uma chance de reconstruir algo do que foi perdido. Mas havia tanto medo, tanto ressentimento acumulado que era difícil enxergar qualquer esperança nesse pedido de reconciliação. Eu sabia que, para seguir em frente, precisaria enfrentar esses fantasmas, mas a ideia de abrir meu coração novamente para quem tanto me feriu era aterrorizante.

Eu precisava decidir: ficar presa ao passado que me aprisionava ou dar um passo em direção ao perdão e à cura, por mais doloroso que fosse. O ar ao nosso redor parecia carregar o peso dessa escolha, enquanto eu buscava dentro de mim a força para responder.



CAPÍTULO 22

"Nem todo super-herói tem superpoderes."

— Os Incríveis

Depois da intensa conversa no sótão, senti que precisava respirar. A casa, repleta de memórias, de repente parecia pequena demais para conter a turbulência dentro de mim. Minha mente era um turbilhão de emoções — dor, raiva, arrependimento e uma tristeza profunda que eu não conseguia simplesmente afastar. Decidi que precisava sair, caminhar, sentir o ar fresco no rosto e tentar acalmar o coração.

Peguei meu casaco, saí pela porta da frente e comecei a andar pelo bairro. Meus passos eram automáticos enquanto minha mente vagava pelas lembranças dolorosas que haviam sido reavivadas. As ruas estavam tranquilas, o sol já alto no céu, mas nada disso parecia penetrar a nuvem de pensamentos que pairava sobre mim.

Eu sabia que precisava desabafar, conversar com alguém que pudesse me ouvir sem reservas, alguém que não julgasse meus sentimentos. Antes que me desse conta, já estava com o telefone na mão, discando o número de Matias.

O telefone tocou algumas vezes até que ele atendeu, sua voz imediatamente aquecendo meu coração.

— Liz? Como você está?

Aquela simples pergunta fez minhas emoções, até então contidas com tanto cuidado, começarem a desmoronar. Respirei fundo, tentando conter as

lágrimas que insistiam em voltar.

— Matias... — comecei, a voz embargada. — Eu... Eu precisava conversar com alguém. Acabei de ter uma conversa muito difícil com a minha mãe e, sinceramente, não sei o que pensar.

Ele não precisou de mais explicações. Conhecendo meu passado, ele entendeu o peso que aquelas palavras carregavam.

— Sinto muito que você esteja passando por isso, Liz — respondeu ele, a voz suave, mas firme. — Quer me contar o que aconteceu?

Contei-lhe tudo, desde o momento em que encontrei a foto do meu pai até a dolorosa conversa que se seguiu no sótão. Cada palavra que saía da minha boca parecia trazer um pouco de alívio, como se compartilhar o fardo diminuísse o peso que eu carregava. Matias ouviu pacientemente, sem me interromper, permitindo que eu expressasse tudo o que estava guardado dentro de mim.

Quando finalmente terminei, houve um breve momento de quietude entre nós, como se ele estivesse absorvendo tudo o que eu havia dito. Eu estava prestes a perguntar o que ele achava, quando ele começou a falar.

— O que você passou foi extremamente difícil, e é totalmente compreensível que esteja se sentindo assim agora. Você tem todo o direito de sentir essa dor e essa confusão. Não tente se forçar a superar tudo tão rápido.

Aquelas palavras foram um bálsamo para a minha alma, mas ele não parou por aí.

— Quero que saiba que, mesmo no meio de toda essa dor, você não está sozinha. Deus está com você, e Ele entende tudo o que você sente, mesmo quando parece que ninguém mais entende. Você não precisa carregar isso sozinha.

Senti as lágrimas voltarem aos meus olhos, mas dessa vez não eram apenas de tristeza. Também sentia alívio, a sensação de ser compreendida e apoiada.

— Obrigada, Matias — sussurrei, a voz embargada. — Eu precisava ouvir isso.

Ele fez uma pausa e, com uma suavidade que acalmou meu coração, perguntou:

— Posso orar por você, Liz?

Hesitei por um momento, sentindo a emoção subir à garganta novamente, mas finalmente assenti, mesmo que ele não pudesse ver.

— Sim, por favor.

Matias começou a orar, sua voz baixa e reverente. Cada palavra parecia penetrar diretamente no meu coração, trazendo uma paz que eu não sentia havia muito tempo.

— Senhor, eu Te agradeço pela vida da Liz e pelo coração dela, que é tão cheio de amor e fé. Sei que ela está passando por um momento muito difícil agora, mas eu Te peço, Senhor, que a fortaleça. Que o Teu Espírito Santo a encha com Tua paz, aquela paz que excede todo entendimento. Que ela sinta Tua presença ao lado dela, guiando cada passo, cada decisão e curando cada ferida que ainda está aberta.

Ele fez uma pausa, deixando as palavras ressoarem.

— Senhor, também Te peço que traga reconciliação e cura entre a Liz e a mãe dela. Que este seja o começo de um novo capítulo, no qual elas possam se entender, se perdoar e encontrar consolo uma na outra. E, acima de tudo, que elas possam encontrar em Ti a força necessária para continuar, mesmo nos momentos mais difíceis. Em nome de Jesus, amém.

Quando ele terminou, senti como se uma corrente de ar fresco tivesse passado por mim, levando consigo parte do peso que eu carregava. Não era uma solução mágica para todos os meus problemas, mas era um lembrete poderoso de que eu não estava sozinha e de que, apesar de tudo, ainda havia esperança.

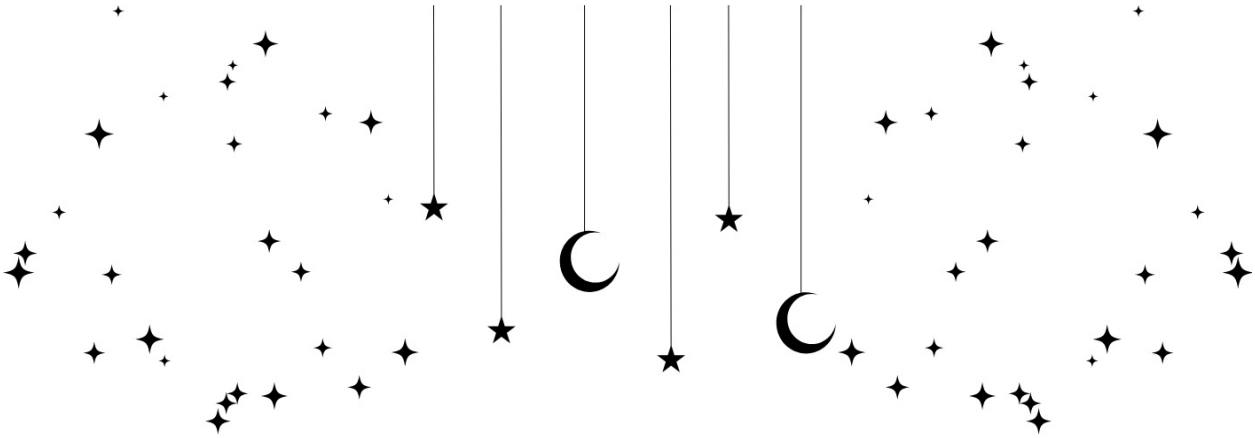
— Obrigada, Matias — repeti, desta vez com mais firmeza. — Você não sabe o quanto isso significa para mim.

— Você é muito importante para mim, Liz — respondeu ele com suavidade. — Estarei aqui sempre que precisar, tá bom?

Eu sorri, mesmo sabendo que ele não podia ver.

— Eu sei, e sou muito grata por isso.

Enquanto caminhava de volta para casa, ainda com o telefone na mão e o sol aquecendo meu rosto, senti que, de alguma forma, tinha dado um passo importante.



CAPÍTULO 23

"A vida só tem de previsível a sua imprevisibilidade."
— Ratatouille

As folhas das árvores balançavam suavemente com a brisa do fim da manhã enquanto eu caminhava por uma rua pouco movimentada. Estava tão nervosa que acabei andando mais do que pretendia. Meus pensamentos giravam em torno da discussão com minha mãe. O peso das palavras que trocamos parecia se acumular em meus ombros, e eu não conseguia afastar a sensação de que algo fundamental havia mudado entre nós.

Por mais que a dor estivesse presente, algo no fundo do meu coração dizia que aquela discussão era necessária. Às vezes, a ferida precisava ser exposta para que começasse a cicatrizar.

Distraída com minhas reflexões, o rosto de Matias surgiu em minha mente. Sua voz calma e suas palavras de conforto ainda ecoavam em meus ouvidos. Ele havia se tornado uma figura tão importante na minha vida em tão pouco tempo. Matias estava sempre presente, me ouvindo, me apoiando, sem nunca me julgar. Era como se, ao seu lado, o peso das minhas preocupações se tornasse um pouco mais leve.

Sorri ao lembrar de como ele sabia exatamente o que dizer para me acalmar. Era estranho perceber o quanto eu estava me permitindo depender dele, mas, ao mesmo tempo, era reconfortante saber que eu tinha alguém assim ao meu lado.

A rua estava vazia, e isso fez com que eu baixasse a guarda. Meus pensamentos continuavam a vagar. Será que esse sentimento poderia ser chamado de amor? Ou era apenas a gratidão de ter alguém que finalmente entendia minha dor, alguém com quem eu não precisava me esconder? Cada gesto dele parecia genuíno, mas eu ainda me perguntava se eu merecia tanto cuidado.

Enquanto minha cabeça se perdia nesses devaneios, algo estridente rompeu o silêncio, me trazendo de volta à realidade. O som metálico e agudo me fez olhar ao redor, tentando entender de onde vinha. Antes que eu pudesse processar completamente, meus olhos captaram o movimento. Um carro vinha em minha direção, rápido demais para o que a rua permitia. O motorista parecia estar tentando desviar de algo—talvez um animal—mas tudo aconteceu rápido demais para que eu pudesse entender completamente.

Meu corpo reagiu antes que minha mente pudesse processar. Um instinto de sobrevivência me fez tentar pular para o lado, mas meus pés pareciam presos ao chão. Em um instante, senti o impacto brutal. O mundo ao meu redor explodiu em um borrão de dor e confusão.

Senti-me ser lançada para o ar, como uma boneca de pano, antes de bater com força no asfalto. A dor foi imediata e avassaladora, se espalhando por todo o meu corpo como fogo. Minha visão começou a escurecer, e eu mal conseguia respirar, como se o ar tivesse sido arrancado dos meus pulmões.

Enquanto estava caída ali, o som do motor do carro, dos pneus arranhando o asfalto e dos gritos distantes se misturavam em um eco surdo. O céu acima parecia desfocado. Meus pensamentos começaram a ficar confusos, embaralhados entre o pânico e a dor.

"*Então é assim que tudo termina?*", pensei, quase incapaz de acreditar na realidade do que estava acontecendo. Tudo parecia tão surreal, tão distante. Uma parte de mim se agarrava à vida com desespero, enquanto outra parte parecia aceitar que talvez aquele fosse o fim.

Tentei pensar em minha mãe, em como tudo havia ficado entre nós, mas a dor era tão intensa que mal conseguia manter um pensamento claro. E então, de repente, Matias veio à minha mente—seu sorriso, seu olhar cheio de carinho. Havia tanto que eu ainda queria dizer a ele, tanto que eu ainda não havia entendido sobre o que sentia.

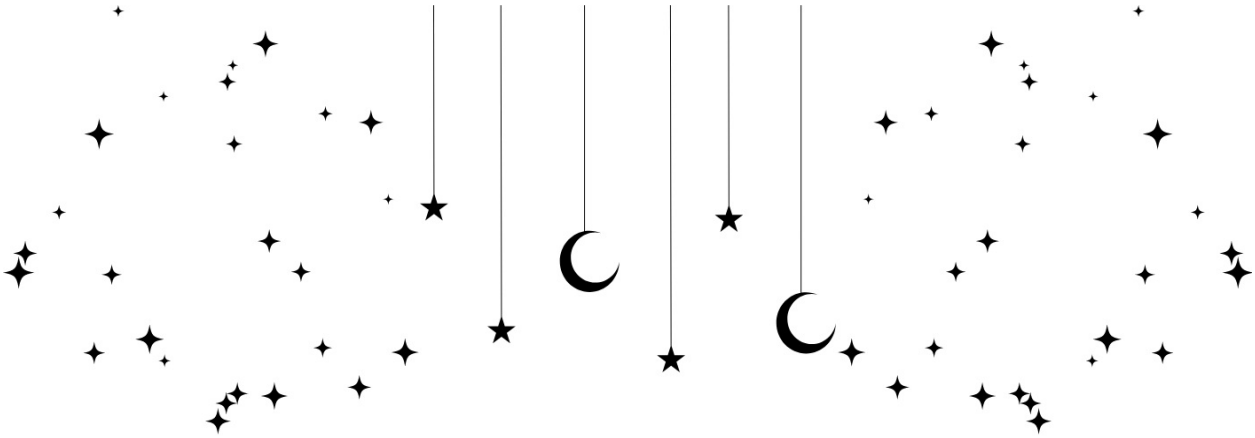
As lágrimas brotaram dos meus olhos, misturadas com o gosto metálico do sangue em minha boca. Uma tristeza profunda tomou conta de mim, um lamento silencioso por tudo o que poderia ter sido, por tudo o que eu ainda queria viver.

Meu corpo começou a ceder ao peso da escuridão, e antes que eu

perdesse a consciência, uma única oração se formou em minha mente, simples e desesperada.

"*Deus, por favor, não me deixe morrer aqui.*"

Então, tudo se apagou. O mundo ficou em silêncio, e eu fui engolida pela escuridão completa, sem saber se voltaria a acordar.



CAPÍTULO 24

“Remende a união por orgulho separada.”

— Valente

Eu me sentia flutuando em um mar de escuridão. Sons distantes e abafados ecoavam em minha mente, mas eram impossíveis de decifrar. Tudo estava embaçado, como se eu estivesse presa em um sonho do qual não conseguia acordar. Um desconforto profundo pesava sobre mim, mas era difícil entender o que estava acontecendo.

Pouco a pouco, fragmentos de consciência começaram a emergir. Uma dor aguda atravessava meu corpo, e uma sensação de peso oprimia meu peito. Mas, mais do que a dor física, era o medo que me invadia, um medo primordial, como se algo terrível tivesse acontecido, e eu estivesse apenas começando a perceber.

Então, ouvi uma voz. Abafada e distante, mas carregada de desespero.

— Liz... por favor... não me deixe... — Era a voz da minha mãe.

Ela estava tão próxima, mas ao mesmo tempo tão distante, como se estivesse do outro lado de um abismo. Cada palavra dela era uma corda lançada em minha direção, tentando me puxar de volta à superfície.

— Liz, eu sinto muito... sinto tanto... me perdoa, filha... — A voz dela era entrecortada, carregada de uma dor que eu nunca tinha ouvido antes. Era uma súplica, uma oração desesperada que rasgava a escuridão em que eu estava imersa.

Eu queria responder, queria dizer que estava ali, que podia ouvi-la, mas as palavras não vinham. Meu corpo não respondia, como se estivesse preso em algum lugar entre o mundo real e esse lugar nebuloso em que eu me encontrava.

A voz dela continuava, agora entre lágrimas: — Liz, eu falhei com você tantas vezes. Eu fui uma mãe terrível. Queria tanto te proteger, mas acabei te machucando. Não me deixe, por favor, não me deixe sem ter a chance de consertar tudo...

Aquelas palavras eram como facas, cortando através da névoa que me envolvia. Eu nunca tinha ouvido minha mãe falar assim, nunca tinha percebido a dor e a culpa tão claras em sua voz. Era como se, de repente, todas as barreiras que ela havia erguido ao longo dos anos tivessem desmoronado, deixando exposta uma vulnerabilidade que eu nunca soube que existia.

— Eu te amo, Liz. Sempre te amei, mesmo quando não soube demonstrar. Por favor, não vá embora... — A voz dela estava quebrada, e eu podia sentir o desespero em cada palavra.

De repente, uma memória invadiu minha mente. Eu era pequena, chorando após uma discussão com minha mãe. Escondia-me no quarto, desejando que ela viesse me buscar, que me abraçasse e dissesse que tudo ficaria bem. Mas ela nunca veio. Agora, ela estava aqui, ao meu lado, pedindo por algo que eu sempre quis: um pedido de desculpas, uma declaração de amor.

A dor no meu corpo começou a aumentar, como se eu estivesse sendo lentamente trazida de volta à superfície. Mas, junto com a dor, veio uma determinação, uma vontade de lutar, de não deixar aquele momento ser o fim. Eu precisava voltar, precisava dizer que a perdoava, que também a amava, apesar de tudo.

"*Por favor, Liz, volte para mim... precisamos de uma chance para recomeçar...*" As palavras ecoavam na minha mente, e, com um esforço tremendo, comecei a tentar me mover, a tentar abrir os olhos.

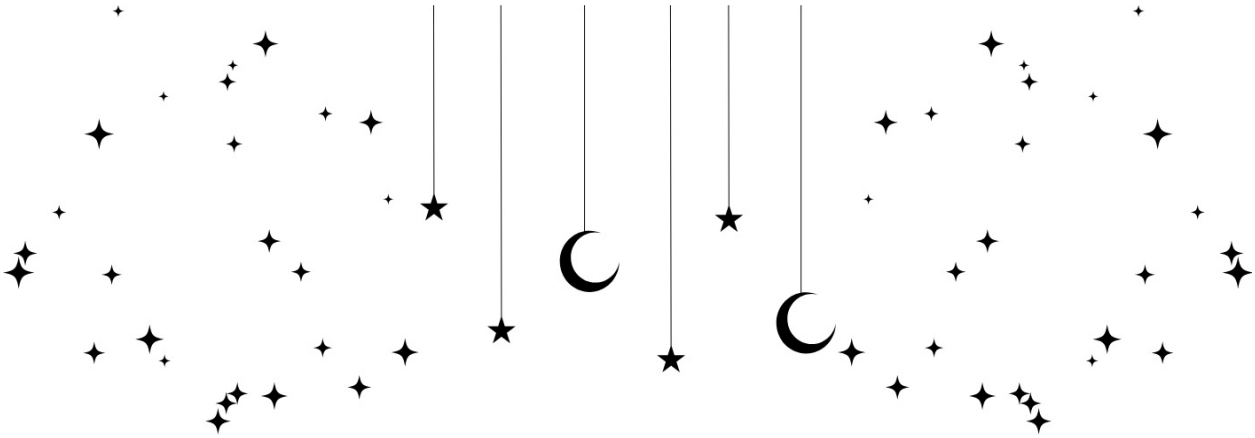
Mas a escuridão ainda me envolvia, e, por mais que eu lutasse, parecia que estava presa. Senti minha consciência flutuar, ameaçando me puxar de volta para aquele lugar onde tudo era vazio e sem forma.

No entanto, a voz da minha mãe era uma âncora, segurando-me, impedindo-me de ir embora. "*Eu sinto muito, Liz... eu sinto muito...*" E então, com um último esforço, me agarrei a essas palavras, a essa promessa de redenção, e me permiti afundar novamente na escuridão, mas desta vez com a esperança de que, quando eu acordasse, poderia finalmente ter a mãe que sempre desejei.

Enquanto a escuridão me envolvia mais uma vez, uma prece silenciosa ecoou em minha mente. "*Deus, se ainda houver tempo, por favor, me dê mais*

uma chance. Eu preciso dela, e ela precisa de mim."

E então, tudo ficou em silêncio novamente.



CAPÍTULO 25

“Agora eu sei quem eu sou. Sou seu filho.”
— Po, Kung Fu Panda 2

Eu estava presa em um abismo sem fim. A escuridão me envolvia por todos os lados — sem ar, sem som, apenas o vazio absoluto. A sensação de afogamento era intensa, como se estivesse sendo lentamente sugada para dentro de um redemoinho de sombras. Não havia nada para me agarrar, nada que pudesse me ancorar à realidade. Só restava a escuridão e a desesperança que ela trazia consigo.

Então, de repente, como um milagre, um raio de luz rompeu a névoa. Era uma luz suave, mas poderosa, que rasgava a escuridão ao meu redor. Meus olhos, antes cegos pelo vazio, começaram a se abrir lentamente, ajustando-se à claridade que me envolvia. Quando finalmente consegui focar, vi que estava em um lugar que nunca tinha visto antes — um jardim de uma beleza indescritível.

As flores ao meu redor eram mais vibrantes do que qualquer coisa que eu já conhecera. Suas cores brilhavam como se tivessem sido pintadas diretamente do céu. Cada pétala parecia pulsar com vida, emanando uma luz própria. O céu acima de mim não era azul, mas um vasto mar de estrelas cintilantes, como se a noite tivesse descido para abraçar o jardim em um espetáculo celestial.

No centro daquele paraíso, vi uma figura familiar, mas ao mesmo tempo diferente. Era meu pai. Seu rosto era o mesmo que eu guardava nas minhas

memórias — os mesmos olhos gentis, o sorriso confortante que eu tanto amava. Mas havia algo nele que parecia diferente, algo que eu não conseguia entender de imediato.

Sem pensar, corri em sua direção. Meus pés descalços afundavam na grama macia enquanto meu coração disparava no peito.

— Pai? — sussurrei, minha voz quase falhando, como se estivesse enferrujada pelo tempo e pela distância.

Ele sorriu para mim, aquele sorriso que sempre me trouxe conforto, que sempre me fez sentir segura.

— Minha querida Liz — disse ele, sua voz tão suave quanto eu lembrava, mas havia um toque de algo mais profundo, algo que me fez tremer por dentro. — Venha, sente-se.

Obedeci sem hesitar. Sentei-me ao lado dele, sentindo uma paz que há muito tempo não experimentava. Ele tomou minhas mãos nas suas, e foi então que notei as marcas. As mãos dele, que eu tanto conhecia, agora carregavam cicatrizes profundas, como feridas que haviam se curado, mas nunca desaparecido completamente. As marcas brilhavam levemente, como se emanassem uma luz própria, de uma intensidade que eu não conseguia explicar.

— O que são essas marcas, pai? — perguntei, minha voz trêmula e cheia de medo e curiosidade.

Ele me olhou com olhos cheios de amor, mas também com uma profundidade de sabedoria que eu nunca havia visto antes.

— São marcas de amor, minha filha. Marcas de um amor tão grande que transcende a compreensão humana.

Suas palavras ecoaram dentro de mim, despertando algo que eu não conseguia nomear. Senti um nó na garganta, e as lágrimas que eu segurava há tanto tempo começaram a rolar silenciosamente pelo meu rosto.

— Pai, eu sinto tanto a sua falta...

Ele apertou minhas mãos com mais força, e o calor do seu toque pareceu aquecer todo o meu ser.

— Eu nunca estive longe, Liz. Sempre estive com você, em cada passo que você deu, em cada momento de dor e alegria. Eu te guiei mesmo quando você não sabia, e continuo ao seu lado agora.

As lágrimas se intensificaram, e me permiti chorar como não fazia há muito tempo.

— Eu me sinto tão perdida, pai. Tantas coisas aconteceram, tantas dores e confusões... Eu não sei como continuar.

Ele acariciou meu rosto, limpando minhas lágrimas com seus dedos marcados.

— Lembre-se, Liz, que as cicatrizes que carregamos são testemunhas do amor e da luta. Elas mostram que, apesar de tudo, sobrevivemos, que somos fortes o suficiente para suportar as tempestades da vida. E você, minha querida, é mais forte do que imagina.

Eu queria acreditar naquelas palavras, queria me agarrar à esperança que ele me oferecia. Mas a dor e a confusão ainda eram tão grandes, tão avassaladoras.

— E se eu não for forte o suficiente, pai? E se eu falhar?

Seu olhar se suavizou ainda mais, mas havia uma profundidade serena em seus olhos, como se ele carregasse o peso de uma verdade eterna. Ele sorriu, um sorriso cheio de ternura e compreensão, mas também de uma certeza que parecia ultrapassar o tempo e o espaço.

— Liz, não se trata de nunca falhar. Na vida, todos tropeçamos em algum momento, enfrentamos tempestades que parecem grandes demais para suportar. Mas ouça, minha filha, quando você passar pelas águas profundas, eu estarei com você; e quando atravessar rios, eles não te afogarão. Quando caminhar pelo fogo, não se queimará; as chamas não a consumirão.

As palavras dele ecoaram dentro de mim, ressoando como uma verdade antiga, algo que sempre esteve lá, mas que eu só agora começava a entender.

— Liz, eu te conheço pelo nome. Você é minha. Não importa o quanto se sinta fraca, o quanto ache que não pode seguir em frente, eu estarei ao seu lado. Mesmo que o mundo tente te afogar com suas dores e incertezas, eu sou tua força. E mesmo quando você falhar, mesmo quando tudo parecer desmoronar, eu estarei ali, te segurando, te levantando, porque você é preciosa para mim, é honrada, e eu te amo com um amor que nunca falha.

As lágrimas voltaram a rolar pelo meu rosto, mas desta vez, havia uma nova esperança. Suas palavras não eram apenas consolo; eram uma promessa, uma aliança eterna.

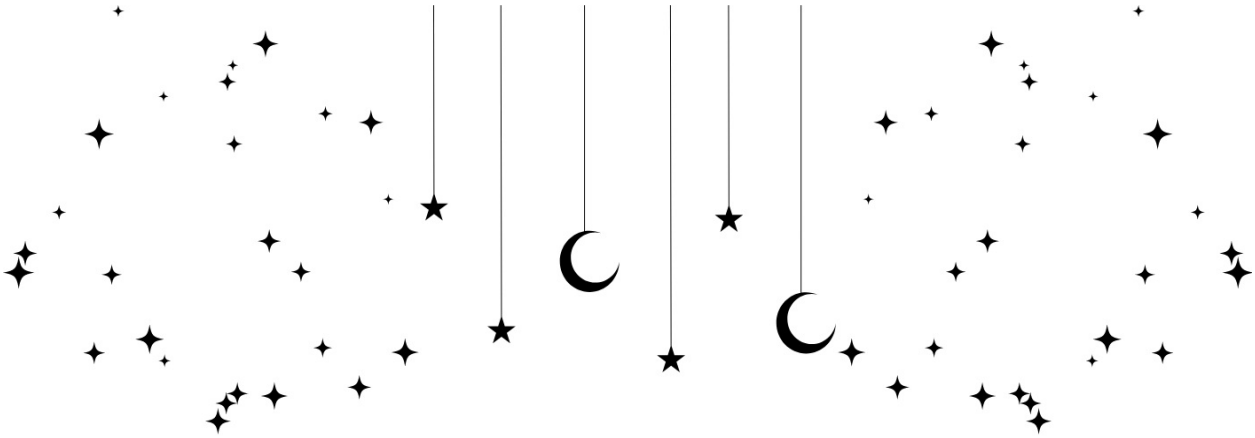
Suas palavras ressoaram dentro de mim como uma verdade antiga e sagrada. A escuridão que antes me envolvia parecia se dissipar, substituída por uma luz suave e acolhedora. Senti uma paz indescritível me envolver, uma paz que vinha não da ausência de problemas, mas da certeza de que eu não estava só.

Meu pai me puxou para um abraço apertado, e naquele momento, todas as minhas preocupações e medos pareciam se dissolver. Eu estava segura, eu era amada, e isso era o suficiente.

Enquanto ele me segurava, o jardim ao nosso redor começou a desvanecer, as cores vibrantes se misturando em uma luz branca suave. Eu sabia que estava voltando, mas agora, com a certeza de que, mesmo nas tempestades mais escuras, há sempre uma luz, sempre um guia, sempre um amor que nunca

falha.

E com essa certeza, deixei-me ser levada de volta, pronta para enfrentar o que viesse, sabendo que, de alguma forma, tudo ficaria bem.



CAPÍTULO 26

"Se a fase é ruim
E são tantos problemas que não têm fim
Não se esqueça que ouviu de mim
Amigo, estou aqui!"

— Toy Story

A consciência voltou lentamente, acompanhada por uma dor aguda na minha cabeça. Tentei me mexer, mas meu corpo parecia de chumbo. A luz fluorescente no teto do hospital era irritante. Sentia uma bandagem apertada em torno da cabeça e um tubo inserido na minha narina. Eu estava fraca e confusa, e minhas pernas doíam intensamente. O peso das pálpebras era quase insuportável, mas, com esforço, consegui abrir os olhos.

Meu olhar percorreu o quarto até encontrar uma figura familiar. Matias estava ali, sentado em uma poltrona ao lado da minha cama. Sua cabeça estava inclinada para o lado, os olhos fechados em um sono que parecia tão exausto quanto eu me sentia. Suas mãos, ainda segurando um livro aberto, repousavam em seu colo. Reconheci a capa imediatamente: "*As Crônicas de Nárnia*". Um sentimento de calor invadiu meu peito. Mesmo no meio de tudo isso, ele havia permanecido ao meu lado.

Virei a cabeça, sentindo a dor latejar por todo o corpo, mas fui recompensada por uma nova onda de lembranças que surgiram como flashes de uma vida que eu quase tinha perdido.

"*Você precisa voltar logo, Liz*" a voz de Clara ecoou em minha mente. Sentia sua mão quente e reconfortante sobre a minha. "*A Nina está sentindo sua falta... e eu também. Quem mais vai fazer a melhor lasanha da cidade para mim? As coisas não são as mesmas sem você, sabe? Eu preciso que você esteja aqui para contar nossas histórias, rir das piadas sem graça e... bem, para a vida ter um pouco mais de cor.*"

Lentamente, outra voz emergiu. Desta vez, era Caleb, com seu tom sempre brincalhão, mesmo em meio à seriedade do momento. "*Olha, eu vou te confessar uma coisa, Liz,*" ele disse, enquanto segurava minha mão, "*Se você voltar, eu prometo... prometo assistir todos os filmes da saga Crepúsculo com você. E você sabe que isso é uma grande coisa vindo de mim! Então, por favor, acorde logo. Preciso de alguém para rir das cenas mais toscas comigo.*"

Um sorriso fraco quase surgiu em meus lábios ao lembrar dessas palavras. Caleb, sempre o divertido, tentando aliviar a tensão do momento com suas promessas exageradas. Mas o carinho em sua voz era inconfundível, e aquilo me puxava de volta, como uma âncora em uma tempestade.

Então, a memória mais forte se formou: minha mãe. Sua voz estava trêmula, quase irreconhecível, cheia de uma vulnerabilidade que eu raramente tinha visto nela.

"*Senhor,*" ela sussurrou, "*eu sei que errei, que fui falha como mãe... mas, por favor, não leve minha filha. Dê a ela uma chance de voltar, de viver. Eu prometo ser diferente. Eu prometo tentar ser a mãe que ela merece. Não a tire de mim agora... não assim.*"

As palavras saíam com dificuldade, carregadas de um peso que eu nunca tinha sentido antes. E, naquele momento, mesmo em meio à escuridão em que eu estava, pude sentir o quanto ela realmente se importava, o quanto ela lamentava. Era uma dor que ia além do que palavras poderiam expressar.

Finalmente, Matias. A lembrança dele lendo para mim estava tão vívida quanto o quarto ao meu redor. Sua voz, baixa e calmante, narrando as aventuras de Nárnia, era como uma melodia que me guiava de volta à vida.

"*Liz,*" ele sussurrou, sua voz cheia de uma ternura que fazia meu coração se aquecer, "*eu preciso que você volte. Precisamos terminar aquela conversa, lembra? Eu ainda tenho algo muito importante para te dizer, algo que não pode esperar. Então, por favor... não me deixe agora. Volte para mim.*"

Senti uma onda de emoção ao lembrar dessas palavras. Meu coração batia mais forte, a urgência de voltar para ele, de ouvir o que ele tinha a dizer, me dava a força que eu precisava.

Com um esforço que parecia sobre-humano, minha mão se moveu levemente sobre o lençol, tentando alcançar a dele. O pequeno gemido que

escapou de meus lábios foi suficiente para despertar Matias. Seus olhos se abriram lentamente e, ao me ver acordada, ele piscou várias vezes, como se não acreditasse no que estava vendo.

— Liz? — Ele se inclinou para frente, a voz carregada de surpresa e alívio. O livro caiu de suas mãos, mas ele não parecia notar. — Você está... você está acordada?

Tentei sorrir, meus lábios mal se movendo, mas a alegria que senti foi inconfundível.

— Oi, — sussurrei, minha voz rouca, mas forte o suficiente para que ele entendesse.

Matias segurou minha mão com as suas, o calor de seu toque me ancorando na realidade.

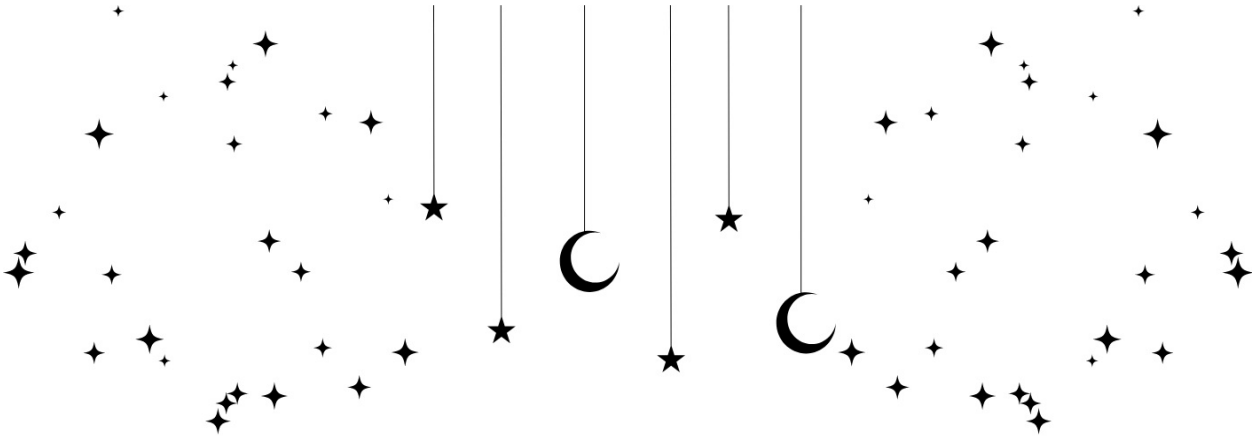
— Você voltou. — ele murmurou, e eu vi lágrimas brilhando em seus olhos. — Graças a Deus, você voltou.

— O que aconteceu? — perguntei, confusa, tentando lembrar o que havia ocorrido.

Matias respirou fundo antes de responder, sua expressão suavizando enquanto me olhava.

— Você foi atropelada. Sofreu um traumatismo craniano e precisou passar por algumas cirurgias — Ele fez uma pausa, apertando levemente minha mão. — Você também fraturou a perna esquerda. Mas você está aqui, e isso é o que importa.

A emoção transbordava em seu rosto, e, naquele momento, tudo parecia fazer sentido. Eu estava de volta. Eu estava viva.



CAPÍTULO 27

“Amar é colocar as necessidades de alguém acima das suas.”

— Frozen

O ambiente estava carregado de emoções não ditas, mas também de um conforto que só a presença de Matias poderia proporcionar. Ele segurava minha mão com firmeza, como se temesse que eu pudesse desaparecer a qualquer momento. Seus olhos estavam fixos nos meus, e eu podia ver o alívio misturado à preocupação em sua expressão.

— Liz — começou ele, a voz baixa e trêmula, como se estivesse escolhendo cuidadosamente cada palavra —, eu... não faço ideia de como expressar o que estou sentindo agora. — Ele respirou fundo, como se precisasse de coragem para continuar. — Quando recebi a notícia do seu acidente, o chão pareceu desaparecer debaixo dos meus pés. Pensei... pensei que ia te perder. — Sua voz falhou um pouco, e ele apertou minha mão com mais força. — O medo que senti foi diferente de qualquer coisa que já havia experimentado.

Fiquei olhando para ele, meu coração batendo mais forte, não só pela grandiosidade do que ele estava dizendo, mas pela intensidade dos sentimentos que ele expressava.

— Matias… — murmurei, tentando reconfortá-lo, mas ele me interrompeu suavemente.

— Deixa eu terminar, Liz. Eu preciso dizer isso... — Seus olhos

encontraram os meus com uma profundidade que me fez perder o fôlego. — Passei tantas noites acordado, orando por você, pedindo a Deus para te proteger e te trazer de volta. E, nessas orações, percebi algo que estava aqui dentro há tanto tempo, mas que eu não tive coragem de admitir.

Ele fez uma pausa, como se estivesse tentando encontrar as palavras certas, e eu pude ver a luta interna dele. Finalmente, ele continuou:

— Eu queria te dizer tudo naquele dia no parque. Eu estava pronto, sabe? Mas, no último segundo, hesitei. Fiquei com medo de que, ao admitir o que sentia, eu pudesse mudar o que nós temos, a nossa amizade. Fiquei com medo de perder isso, de te perder... — Ele fechou os olhos por um momento, tentando manter a compostura, e quando os abriu novamente, havia uma determinação suave em seu olhar. — Mas quase te perder de verdade me fez perceber que não posso continuar guardando isso pra mim. Preciso que você saiba, mesmo que isso mude tudo.

Matias se inclinou mais perto, sua voz agora tão baixa que parecia um sussurro. — Liz, eu te amo. Acho que sempre amei, desde o dia em que você esbarrou em mim na livraria. Só que demorei a perceber o quão profundo é isso e o quanto você significa para mim. Você é mais do que minha amiga, você é... tudo. E não estou te dizendo isso para te pressionar ou esperar que você corresponda da mesma forma. Eu só... precisava ser honesto com você, porque a ideia de nunca te dizer isso me assombra.

Senti uma onda de emoção me invadir. Lágrimas começaram a se formar nos meus olhos enquanto ele falava, cada palavra carregada de um carinho e sinceridade que eu nunca tinha sentido antes.

— Não importa como você se sinta, Liz — ele continuou, e eu podia ver a vulnerabilidade em seu olhar, o medo de ser rejeitado, mas também a determinação de estar ao meu lado, independentemente da resposta. — Estarei aqui para você. Vou ficar ao seu lado, como sempre fiquei. Se você não estiver pronta para isso, ou se não sentir o mesmo... está tudo bem. Isso não muda o que sinto, e não muda o fato de que vou continuar te apoiando, te cuidando e... orando por você, como sempre fiz.

As palavras dele me envolveram como um manto, trazendo uma sensação de calor e segurança. Havia algo tão puro e sincero no que ele estava dizendo, que meu coração, ainda frágil e machucado, começou a se abrir, lentamente.

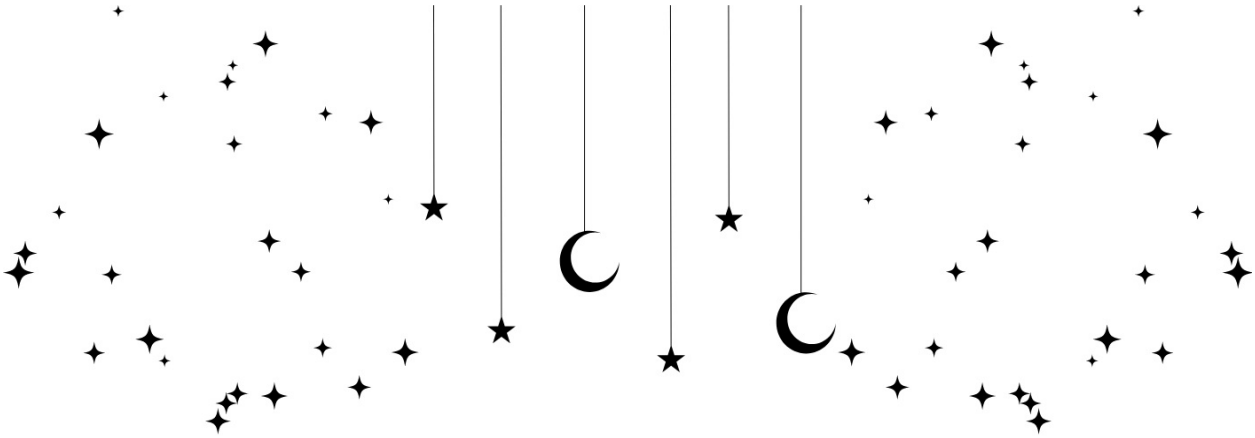
— Matias... — Minha voz saiu como um sussurro, e eu apertei sua mão em retorno, sentindo o quão real e presente ele estava ali, ao meu lado. — Eu não sei o que dizer. Tudo o que aconteceu... estou tão confusa, tão perdida, mas... — Respirei fundo, tentando encontrar as palavras. — Só de te ouvir dizer tudo

isso, de saber que você está aqui... isso já significa tanto para mim.

Ele sorriu, um sorriso pequeno, mas cheio de esperança. — E é tudo o que eu preciso, Liz. Não precisa dizer mais nada. Eu só queria que você soubesse. — Ele levou minha mão até seus lábios e a beijou suavemente, o toque tão leve e cheio de ternura que fez meu coração se aquecer.

O clima no quarto era delicado, como se estivéssemos à beira de algo novo, algo que poderia mudar nossas vidas para sempre. Eu sabia que havia uma longa jornada pela frente, mas naquele momento, a presença de Matias, sua declaração e o carinho que ele demonstrava me deram uma força que eu não sabia que tinha.

Ainda tinha muito a processar, mas saber que ele estaria lá, esperando pacientemente, me dava uma nova esperança.



CAPÍTULO 28

“Vejo enfim a luz brilhar, para o alto me conduz e ela pode transformar de uma vez o mundo inteiro."

— Enrolados

Os dias passaram como uma névoa lenta e reconfortante, cada um trazendo consigo pequenas vitórias e lembranças do amor e da presença daqueles que eu mais amava. À medida que minha consciência foi voltando plenamente, as visitas tornaram-se mais frequentes, e os rostos ao meu redor, mais familiares e calorosos. Era como se, mesmo dentro daquele hospital, a vida estivesse começando a pulsar de novo.

Minha recuperação era um processo gradual, e cada movimento era uma conquista. Nas primeiras semanas, tudo o que eu conseguia fazer era observar o mundo ao meu redor, absorvendo as mudanças que ocorriam como pequenas, mas importantes, notas de esperança.

Minha mãe estava lá todos os dias. Havia algo diferente em seu comportamento, uma suavidade que antes eu não associava a ela. Não havia mais aquela tensão constante, aquele olhar crítico que me fazia sentir sempre aquém. Em vez disso, eu percebia seu olhar cheio de preocupação e carinho. Ela trazia flores para o meu quarto e às vezes ficava em silêncio, apenas segurando minha mão. Quando falava, sua voz era mais suave, e os assuntos giravam em torno de coisas que eu gostava — algo simples, como o clima ou uma receita nova que ela havia tentado. O tempo que passávamos juntas parecia diferente,

como se houvesse uma tentativa genuína de reconexão.

Um dia, durante uma dessas visitas, ela se aproximou de mim, trazendo uma revista que eu gostava de ler. Ao entregá-la, ela olhou nos meus olhos e disse, quase como um sussurro:

— Liz, eu sei que as coisas não foram fáceis para você... e nem para mim. Mas eu quero que saiba que estou tentando melhorar. Eu percebi muitas coisas, coisas que demorei muito para entender. E uma delas é o quanto você significa para mim.

Suas palavras, apesar de simples, carregavam um peso de sinceridade que fez meus olhos marejarem. Eu sabia que isso não apagava o passado, mas era um começo.

Clara e Caleb também estavam sempre por perto, como pilares inabaláveis de apoio e amizade. Clara trazia sua alegria contagiante, enchendo o quarto com risadas e histórias engraçadas sobre o que estava acontecendo fora do hospital. Ela era uma luz constante, lembrando-me do mundo lá fora que ainda esperava por mim.

— Liz, você precisa sair daqui logo! — Clara brincou um dia, enquanto pintava minhas unhas. — Eu juro, a Nina está enlouquecendo de saudades, e eu também estou morrendo por um pedaço daquela lasanha maravilhosa que você faz.

Caleb sentava ao meu lado e falava sobre tudo o que estava acontecendo, como se quisesse manter-me conectada ao mundo lá fora. Mas o que mais me marcou foi o dia em que ele, com um sorriso torto, disse:

— Liz, quando você sair daqui, eu prometo que vamos assistir a todos os filmes que você quiser, mesmo que isso me mate de tédio. Mas só porque é você.

Aquela promessa, embora brincalhona, era uma prova de sua amizade inabalável e da conexão profunda que compartilhávamos. Eu sabia que ele estava disposto a qualquer coisa para me fazer feliz e tudo o que eles diziam provava que minhas lembranças eram reais.

E então, havia Matias. Ele estava lá todos os dias, sem exceção. Sua presença era uma constante, uma âncora que me mantinha firme, mesmo nos dias mais difíceis. Ele conversava com minha mãe com uma facilidade que eu nunca tinha visto antes, e vê-los interagir era estranho, mas de um jeito bom. Como se, de alguma forma, Matias estivesse ajudando a construir uma ponte entre nós.

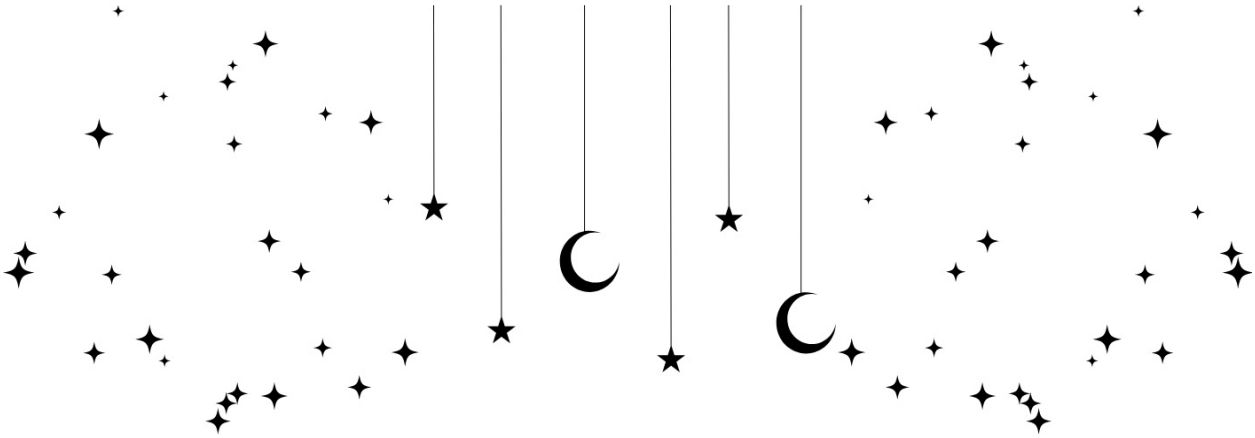
Ele me trazia livros, flores, e às vezes apenas sua presença reconfortante. Eu o via frequentemente conversando com os médicos, certificando-se de que tudo estava indo conforme o planejado. E à noite, ele

sempre lia para mim. O som de sua voz era como uma melodia suave, carregando-me para fora do quarto de hospital e levando-me para mundos de fantasia e aventura.

Finalmente, depois de semanas de recuperação, veio o dia que todos estávamos esperando. Os médicos disseram que eu estava pronta para ir para casa. A notícia foi recebida com sorrisos, abraços e lágrimas de alívio. Minha mãe parecia quase emocionada ao receber a notícia, e eu podia ver um novo brilho nos olhos dela.

— Vamos levá-la para casa, Liz — disse ela, segurando minha mão com um aperto firme e carinhoso. — E vamos começar de novo, juntas.

Matias estava ao meu lado, segurando minha outra mão, e quando nossos olhos se encontraram, eu sabia que, independentemente do que viesse a seguir, eu não estaria sozinha. Eu tinha minha mãe, meus amigos, e eu tinha Matias. E isso era mais do que eu poderia pedir.



CAPÍTULO 29

“Chegará um dia em que você olhará ao redor e perceberá que a felicidade está onde você está.”

— Moana

O dia em que voltei para o apartamento que dividia com Clara foi repleto de emoções. Por um lado, havia o conforto familiar de estar de volta ao meu próprio espaço, cercada pelas minhas coisas, minha rotina, e, obviamente, Clara. Por outro, havia uma sensação persistente de que algo havia mudado profundamente dentro de mim — e não apenas por causa do acidente.

Minha mãe insistiu em passar alguns dias conosco, para garantir que minha recuperação fosse completa. Foi uma decisão que inicialmente me deixou apreensiva, mas que, ao longo do tempo, se mostrou uma bênção inesperada. Ela se esforçou para estar presente, cuidando de mim com uma ternura que eu nunca tinha experimentado antes. Havia momentos em que ainda sentia uma certa distância, como se estivéssemos tentando recuperar o tempo perdido, mas agora eu sabia que ela estava tentando de verdade. E isso fazia toda a diferença.

As visitas ao apartamento aumentaram consideravelmente depois que voltei. Não havia um dia em que a campainha não tocasse, trazendo amigos e irmãos da igreja que vinham me desejar melhoras. O grupo de jovens apareceu em peso, enchendo a sala com risos e palavras de encorajamento. Trouxeram flores, comidas caseiras, e até mesmo alguns presentes — pequenos mimos que me lembravam o quanto eu era querida.

— É tão bom ver você de volta em casa! — disse Amanda, uma das líderes do grupo de jovens, enquanto me entregava um buquê de flores. — Estamos todos orando por você. E, pelo visto, nossas orações foram atendidas.

Seu Roberto também veio me visitar. Ele trouxe uma torta que a esposa havia feito, dizendo que tinha certeza de que me ajudaria a recuperar as forças.

— Liz, senti sua falta na livraria — disse ele com um sorriso caloroso. — Aquele lugar não é o mesmo sem sua presença.

Esses pequenos gestos de carinho encheram meu coração de gratidão. Foi reconfortante ver como a comunidade se uniu para me apoiar, e percebi que, embora o acidente tivesse sido uma experiência traumática, ele também havia me mostrado o quanto eu era amada.

Com o passar dos dias, minha força voltou aos poucos. As manhãs eram mais fáceis, e as noites eram preenchidas com conversas e risadas. Minha mãe, Clara e Matias se revezavam em me fazer companhia, e em nenhum momento me senti sozinha. Clara, com sua energia inesgotável, transformou o apartamento em uma espécie de ponto de encontro, sempre cheio de vida.

— Eu sempre soube que você era forte, Liz — disse Clara, uma noite, enquanto estávamos sentadas no sofá, saboreando chá. — Mas agora eu sei que você é invencível.

Minha mãe, ao ouvir isso, sorriu de forma suave e melancólica. Estávamos nos aproximando cada vez mais, e embora ainda houvesse muito a ser trabalhado entre nós, já havíamos dado os primeiros passos em direção a uma nova fase em nosso relacionamento.

— Vou sentir falta dessas noites com vocês — disse ela um dia, quando sua partida começou a se aproximar. — Mas é hora de eu voltar para casa e deixar você seguir com sua vida.

Nos despedimos com carinho, uma promessa de manter contato constantemente. Ela me abraçou de maneira firme, algo que já não me causava estranheza, e pude sentir a sinceridade em suas palavras quando disse:

— Estou muito orgulhosa de você. Vamos manter contato, e eu prometo que vou tentar ser a mãe que você merece.

Com a volta de minha mãe para casa, tudo começou a retomar sua normalidade. Eu estava de volta à minha rotina, embora a palavra "normal" agora tivesse um novo significado para mim. Cada dia era um presente, cada interação com aqueles que eu amava, uma bênção. Eu me sentia grata por ter uma segunda chance de fazer as coisas de forma diferente, de viver de maneira mais plena e consciente.

E então, numa tarde aparentemente comum, Clara entrou no apartamento com um sorriso tão radiante que iluminou todo o ambiente.

— Liz! Você não vai acreditar! — Ela quase gritou, pulando de excitação.

Eu olhei para ela, confusa, mas a felicidade dela era tão contagiante que logo me peguei sorrindo também.

— O que foi, Clara? Me conta!

Ela estendeu a mão, mostrando o anel brilhante em seu dedo. O anel de noivado. Fiquei boquiaberta.

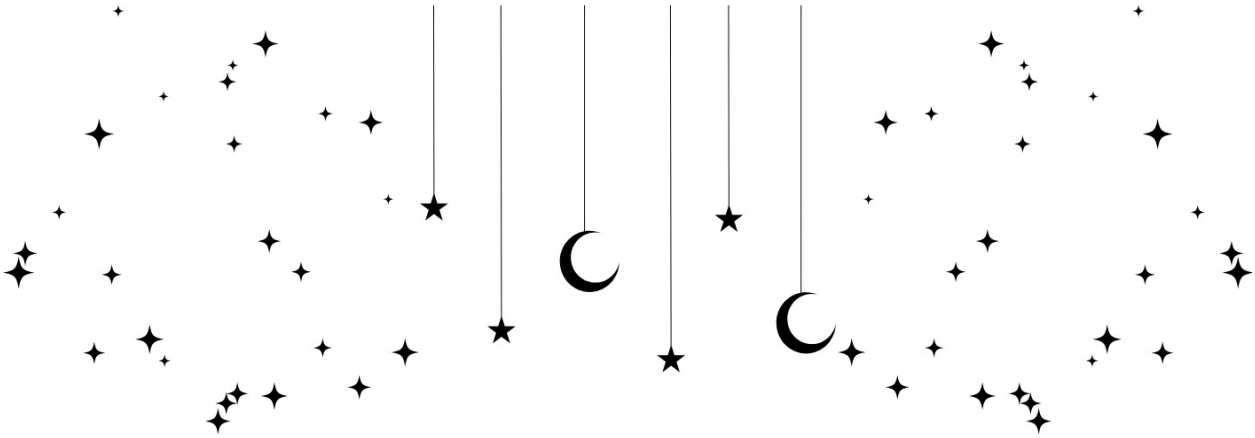
— Caleb me pediu em casamento! — ela disse, mal conseguindo conter a alegria. — E sabe o que mais? Eu quero que você e o Matias sejam nossos padrinhos!

Por um momento, o mundo parou. Eu olhei para Clara, processando a notícia. Então, sem conseguir me segurar, pulei do sofá e a abracei com todas as minhas forças.

— Clara, isso é incrível! Claro que eu aceito! Ah, meu Deus, eu estou tão feliz por vocês!

A ideia de ser madrinha no casamento de Clara e Caleb me encheu de uma felicidade indescritível. Ver Clara tão feliz, depois de tudo o que havíamos passado, era a maior das recompensas. E saber que Matias também faria parte desse momento ao meu lado só tornava tudo ainda mais especial.

— Então, está decidido — Clara disse, sorrindo e enxugando uma lágrima de alegria. — Vamos começar a planejar o casamento mais incrível de todos!



CAPÍTULO 30

“Quando eu olho para você, estou em casa. Eu me sinto em casa.”

— Procurando Nemo

Os dias que se seguiram ao pedido de casamento de Caleb foram uma correria. Clara estava radiante, e sua alegria era contagiante. Ela se jogou de cabeça nos preparativos do casamento, transformando cada momento em uma experiência cheia de vida e cores.

— Quero que seja algo íntimo, mas cheio de personalidade — ela me disse enquanto estávamos na mesa da cozinha, cercadas por amostras de tecidos, convites e flores. — Algo que reflita quem nós somos, entende? Nada muito grande, mas cheio de detalhes que fazem a diferença.

As cores que Clara escolheu eram tão vibrantes quanto ela: tons de coral, turquesa e dourado. Havia uma alegria palpável em cada detalhe, desde os arranjos florais até os pequenos detalhes nas mesas. Clara fez questão de que cada elemento do casamento refletisse a essência dela e de Caleb — um casal que transbordava vida e alegria.

— Não quero nada muito formal — ela disse um dia, enquanto discutíamos as opções para a cerimônia. — Quero que as pessoas se sintam à vontade, como se estivessem em casa.

O casamento estava a menos de uma semana de acontecer, e parecia que, a cada dia, surgia uma nova tarefa para ser resolvida. Como madrinha, eu

me sentia na obrigação de ajudar em tudo, e Matias, claro, estava sempre por perto, pronto para ajudar também.

Desde o dia em que ele se declarou para mim no hospital, nosso relacionamento parecia ter voltado a um ritmo normal. Ele não me pressionava, e a dinâmica entre nós seguia sem grandes mudanças. Mas, dentro de mim, havia uma batalha silenciosa acontecendo. Eu pensava, cada vez mais, em como seria retribuir os sentimentos dele. No entanto, com a notícia do casamento de Clara, todos esses pensamentos foram empurrados para depois. Ela precisava de mim, e eu mergulhei de cabeça em ajudá-la com os preparativos, adiando a conversa que precisávamos ter.

— Acho que agora entendo o que significa ser padrinho de casamento — disse Matias, me observando enquanto eu equilibrava um vaso de flores numa das mesas da recepção. — Não é só sobre ficar bonito na cerimônia, mas sobre se envolver em todas as missões impossíveis antes do grande dia.

— É uma preparação mental e física — concordei, rindo, enquanto ajeitava as flores. — Mas, sinceramente, estou amando cada segundo disso. Clara é tão animada e apaixonada por cada detalhe, que é impossível não se envolver também.

Estávamos no local da cerimônia, um belo jardim ao ar livre que o casal havia escolhido a dedo. Hoje, nossa missão como padrinhos era ajudar com a decoração das mesas e organizar o espaço para a festa. Havia caixas de flores, velas e outros itens espalhados por todos os lados, e o trabalho parecia interminável.

Matias se aproximou de mim com um sorriso travesso, segurando uma fita dourada em mãos.

— Acho que essa cor vai combinar com você — brincou, segurando a fita como se fosse me "medir".

— Ah, não... Nem pense nisso — protestei, rindo, enquanto ele tentava amarrar a fita em volta do meu pulso.

— Fique quieta, é para o bem da decoração — ele disse, contendo o riso. — E para o bem da minha diversão.

— Você está me distraindo do trabalho — respondi, tentando parecer séria, mas falhando miseravelmente. — Clara vai nos matar se não terminarmos isso hoje.

Ele soltou uma gargalhada e deu um passo para trás, observando-me com um sorriso caloroso no rosto.

— Está bem, você venceu... Por enquanto. Mas não se esqueça de que sou o padrinho favorito deles, então tenho um pouco mais de folga — brincou, piscando.

— Se você é o favorito, eu sou a madrinha responsável — rebati, erguendo uma sobrancelha. — Alguém precisa garantir que tudo fique perfeito.

Ele olhou para mim por um momento, seus olhos brincando com os meus de maneira que me fez sentir uma onda de calor no peito.

— Falando em perfeição — ele começou, pegando uma das velas e examinando-a —, você acha que algum casamento pode ser perfeito?

Parei por um momento, surpresa pela pergunta, e o encarei.

— Não sei se existe algo como um casamento perfeito — respondi, pensativa. — Mas acredito que pode ser cheio de amor, cumplicidade e... bom, de imperfeições que o tornam especial. O que você acha?

Matias sorriu, parecendo satisfeito com minha resposta, e colocou a vela de volta no lugar.

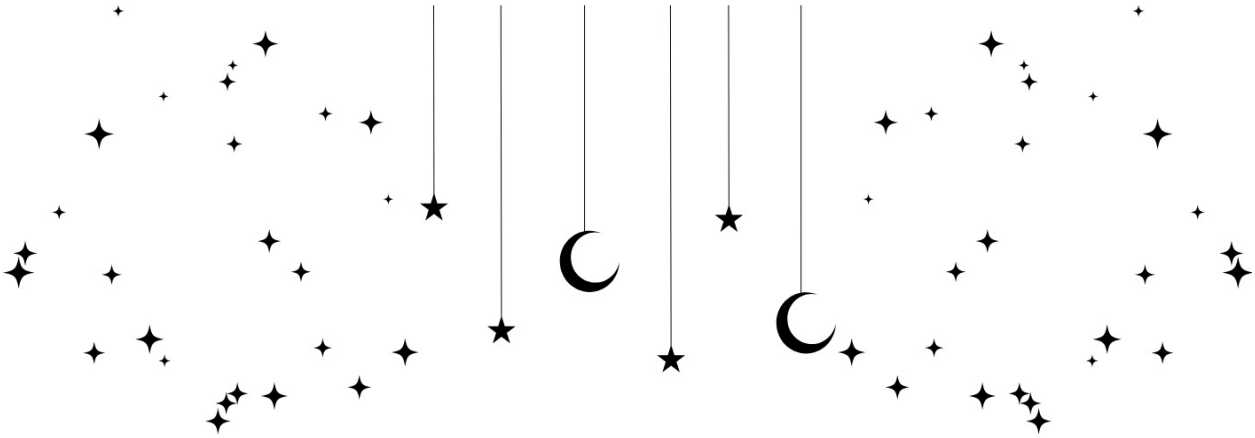
— Concordo com você. Acho que as imperfeições podem ser o tempero da vida a dois. Na verdade, talvez seja isso que torne tudo mais verdadeiro — ele disse, pegando outra caixa e caminhando até a mesa ao lado.

Observei Matias enquanto ele se afastava, suas palavras ecoando em minha mente. "As imperfeições podem ser o tempero da vida a dois." De algum jeito, ele sempre conseguia encontrar beleza naquilo que eu tentava esconder — nas minhas inseguranças, nos meus medos, nas barreiras que eu ergui em torno do meu coração.

A pergunta que ele fez sobre casamentos perfeitos parecia inofensiva, mas despertou em mim uma enxurrada de reflexões. Eu sempre soube que relacionamentos exigiam mais do que apenas momentos felizes. Havia sacrifícios, desafios, mas também aquela sensação profunda de que, ao lado da pessoa certa, tudo valia a pena.

Eu não tinha dúvidas que o amor que ele havia demonstrado era algo raro. Ele não me pressionava, nem exigia uma resposta. Estava apenas ali, ao meu lado, me amando em silêncio, dando-me o espaço e o tempo que eu precisava. E, enquanto ele arrumava as mesas e ria comigo sobre coisas triviais, percebi que não precisava mais de tempo. A resposta estava dentro de mim o tempo todo, só que eu não havia permitido que ela viesse à tona por medo do que isso significaria.

Eu o amava. E talvez, não houvesse mais motivos para fugir desse sentimento.



CAPÍTULO 31

"Ao lado do seu amor, você encontrará o encanto. A noite tece seu feitiço mágico quando quem você ama está próximo."
— A Dama e o Vagabundo

O grande dia chegou mais rápido do que eu esperava. O local da cerimônia, um jardim de inverno repleto de plantas e flores, parecia saído de um sonho. A luz do sol filtrava-se através das folhas, criando um ambiente acolhedor e mágico. Clara estava deslumbrante em seu vestido de renda leve, o sorriso iluminando seu rosto.

Enquanto Clara se preparava para caminhar até o altar, ela me puxou de lado, os olhos brilhando de emoção.

— Liz, obrigada por estar comigo em cada momento — ela sussurrou. — Não poderia ter feito isso sem você.

— Eu não perderia isso por nada — respondi, sentindo meus olhos se encherem de lágrimas. — Clara, você é a pessoa mais incrível que eu conheço, e ver você tão feliz me enche de alegria.

A cerimônia em si foi exatamente como Clara queria — íntima e cheia de significado. Caleb, emocionado, quase não conseguiu terminar seus votos, e Clara teve que segurar as lágrimas enquanto dizia o quanto ele era importante para ela. A troca de alianças foi marcada por sorrisos e olhares cúmplices, e quando o celebrante finalmente os declarou marido e mulher, houve uma explosão de aplausos e gritos de alegria.

A festa, que se seguiu, foi uma extensão perfeita daquela atmosfera mágica. As cores vibrantes das decorações contrastavam com a simplicidade do ambiente, criando um equilíbrio perfeito. Todos pareciam estar envolvidos em uma bolha de felicidade, dançando e rindo sob o céu estrelado. E em meio a essa alegria, havia algo que eu precisava fazer.

Observei Matias por alguns minutos, vendo-o interagir com os outros convidados. Ele parecia relaxado, mas havia algo nos seus olhos que denunciava um nervosismo subjacente, como se estivesse esperando por algo. Tomei uma decisão. Esse era o momento.

— Matias — chamei, aproximando-me dele enquanto ele se afastava da pista de dança para pegar uma bebida. — Podemos conversar?

Ele me olhou com uma mistura de surpresa e curiosidade, assentindo enquanto me seguia para um canto mais tranquilo do jardim. O som da música e das risadas parecia se dissipar à medida que nos afastávamos, deixando-nos em um silêncio acolhedor.

— Claro, Liz. O que aconteceu?

Eu respirei fundo, sentindo meu coração acelerar. Estar ali, ao lado dele, com todas as emoções que eu vinha guardando, era quase esmagador. Mas eu sabia que era o momento certo.

— Matias, eu... — comecei, hesitando por um instante. — Eu estive pensando muito sobre tudo o que aconteceu. Sobre o que você disse no hospital. E sobre nós.

Ele franziu a testa, os olhos fixos nos meus, mas não disse nada. Esperei por uma reação, qualquer coisa, mas ele apenas me observava, paciente.

— Quando você se declarou para mim, eu fiquei assustada — admiti, sentindo meu rosto esquentar. — Eu tive medo de não ser suficiente e ainda mais de buscar em você o que só Cristo pode me dar.

Matias continuou em silêncio, mas eu podia ver a intensidade nos seus olhos, como se ele estivesse aguardando cada palavra.

— Eu passei tanto tempo tentando me proteger, tentando não me machucar de novo... Eu achava que, se eu admitisse esses sentimentos, estaria me expondo a uma dor que talvez eu não pudesse suportar. E então, fiquei tão focada em manter meu coração fechado que quase não percebi o quanto você se tornou importante para mim. — Respirei fundo, sentindo uma lágrima solitária descer pela minha bochecha. — Mas agora eu vejo que... não quero perder você, Matias. Eu te amo, e isso me assusta tanto quanto me faz feliz.

Matias deu um passo à frente, com o rosto tomado por uma ternura que fazia meu coração pulsar de uma maneira nova, mais intensa.

— Liz, eu também tive medo. Medo de te pressionar, de te afastar, mas

eu sabia que precisava ser honesto sobre o que sinto por você. Eu sabia que precisava confiar em Deus, assim como confio que Ele nos guiaria, independentemente da sua resposta.

Ele pegou minhas mãos com uma delicadeza que contrastava com a força em suas palavras.

— Eu já encontrei a suficiência e a perfeição em Cristo, Liz. Ele é a minha rocha, o meu tudo, e é justamente por isso que eu posso te amar de maneira plena e verdadeira. Eu te amo não apesar das suas falhas, mas por causa delas. Porque em cada uma delas, eu vejo uma mulher virtuosa, que reconhece suas imperfeições e busca se aperfeiçoar em Deus. E amar alguém, para mim, significa caminhar junto com essa pessoa, crescer ao lado dela, e, acima de tudo, buscar a felicidade em fazer o outro feliz.

Seus olhos brilharam com uma sinceridade que me envolveu como um abraço, enquanto ele continuava.

— O amor que eu sinto por você não compete com o amor de Deus. Pelo contrário, ele é um reflexo desse amor, um dom que Ele nos deu para que pudéssemos crescer juntos, fortalecer um ao outro e caminhar lado a lado, com Ele guiando nossos passos. Não se trata de uma escolha entre o amor terreno e o amor divino, mas de vivê-los em harmonia, permitindo que um fortaleça o outro.

O toque de Matias em minhas mãos era familiar e reconfortante, mas algo havia mudado — havia uma corrente de eletricidade, uma tensão que fazia o ar ao nosso redor vibrar de expectativa. Meus olhos se encontraram com os dele, e, por um momento, o mundo parecia ter parado. Não havia mais o som das pessoas ao redor, apenas o ritmo dos nossos corações batendo em uníssono. Era como se, naquele instante, tudo estivesse finalmente no lugar.

Eu sorri, as lágrimas acumulando nos meus olhos, e senti o peso de todas as palavras que ainda não tinham sido ditas. Matias me puxou para mais perto, o abraço caloroso e protetor, seu coração batendo contra o meu. Era o tipo de momento que a gente vê em filmes, o tipo de sensação que eu sempre imaginei, mas nunca tinha vivido até agora.

Ele inclinou-se ligeiramente, seus olhos focados nos meus lábios, como se estivesse ponderando algo. Meu coração acelerou, e eu soube que aquele poderia ser o momento — o momento que mudaria tudo, que marcaria um novo começo.

Mas, antes que qualquer coisa pudesse acontecer, fomos interrompidos pelo som de uma voz familiar. Alguém se aproximava apressado, e, em um segundo, aquele instante foi desfeito.

— Ei, Liz, Matias! — era Rafaela, uma das amigas de Clara, que surgiu sorridente. — Clara está procurando vocês para tirarem algumas fotos juntos!

Acho que já está todo mundo esperando.

Eu dei um passo para trás, tentando recuperar o fôlego e colocar meus pensamentos no lugar. Matias sorriu, um pouco constrangido, mas a ternura em seus olhos permaneceu intacta.

— Vamos lá então — ele disse, a voz tranquila, mas com um brilho de entendimento no olhar.

Eu assenti, sentindo meu rosto corar um pouco, e seguimos Rafaela de volta ao grupo. Havia uma sensação de expectativas não cumpridas, mas ao mesmo tempo, algo profundo e real tinha sido estabelecido entre nós.

Enquanto caminhávamos de volta para o grupo, meu coração ainda batia rápido, tentando se ajustar àquela quebra de expectativa. Matias estava ao meu lado, silencioso, mas a tensão entre nós permanecia. A presença de Amanda e os demais convidados nos puxou de volta para o ambiente alegre da festa, onde risadas e música preenchiam o ar. Era como se o momento de antes tivesse ficado suspenso, esperando uma nova oportunidade para se concretizar.

Assim que nos reunimos com Clara e Caleb, a alegria da celebração tomou conta de nós. Tiramos fotos, rimos, e celebramos com eles cada momento especial daquele dia. No entanto, minha mente continuava voltando àquele quase-beijo, àquele instante interrompido que ainda parecia pairar entre Matias e eu.

Quando a festa começou a diminuir e os convidados começaram a se dispersar, eu me encontrei ao lado de Matias novamente. O céu estava claro, repleto de estrelas, e a brisa suave da noite nos envolvia em um clima tranquilo e íntimo. A música agora soava de longe, como um fundo distante, e os risos haviam diminuído, dando espaço ao silêncio confortável entre nós.

— Está tudo tão lindo hoje — comentei, olhando para o céu estrelado.

Matias estava ao meu lado, olhando na mesma direção. — Está mesmo. Mas acho que tem algo mais lindo aqui do que as estrelas — ele disse, com um tom suave, mas brincalhão.

Virei-me para ele, surpresa pela leveza de suas palavras. Seus olhos estavam fixos em mim, com aquele brilho tranquilo, mas profundo, que sempre me deixava sem palavras. Eu sabia o que ele queria dizer, e, naquele momento, todas as barreiras que eu havia erguido durante tanto tempo pareciam desmoronar.

Respirei fundo, o coração acelerado novamente, e dei um passo mais perto de Matias, sentindo o chão sob meus pés desaparecer um pouco. Ele estendeu a mão para tocar o meu rosto, seu gesto delicado, como se não quisesse

quebrar a magia daquele momento.

— Liz — ele murmurou, a voz grave e suave ao mesmo tempo, fazendo meu coração bater ainda mais rápido. — Eu tenho esperado por isso... por nós. Mas só se você estiver realmente pronta.

A sinceridade em suas palavras me desarmou. Eu estava pronta. Pela primeira vez, sentia isso com uma clareza absoluta. O amor de Matias era genuíno, paciente, e refletia a verdade do amor que aprendi a cultivar em Deus — um amor que não exigia pressa, mas que agora estava pronto para ser vivido em plenitude.

Olhei para ele, sentindo uma onda de emoções inundar meu coração. — Estou pronta.

Sem mais palavras, ele inclinou-se, lentamente, os olhos nunca deixando os meus, como se quisesse ter certeza de que aquele era o momento certo. E eu sabia que era. Quando nossos lábios se tocaram, foi suave, como uma promessa, mas também cheio de tudo o que havíamos reprimido por tanto tempo. O beijo era delicado, mas profundo, uma conexão que ia além do físico. Sob o céu estrelado, sentíamos que Deus nos abençoava com aquele momento — não era apenas um beijo; era o início de uma nova fase.

Quando nos afastamos, o olhar de Matias estava tão cheio de ternura que senti uma nova onda de calor percorrer meu corpo. Ele não disse nada, mas seu sorriso falava mais do que palavras poderiam. Eu sabia que a espera havia valido a pena. Nosso relacionamento, construído em bases sólidas, finalmente tinha encontrado sua expressão no momento certo.

Pensando nisso acabei soltando uma risada.

— O que foi? — ele perguntou, curioso.

— Pelo visto, você foi mesmo um presente de Deus para a minha vida.

Ele franziu a testa, claramente sem entender onde eu queria chegar.

— Eu andei pesquisando o significado do seu nome, e descobri que "Matias" significa "presente de Deus".

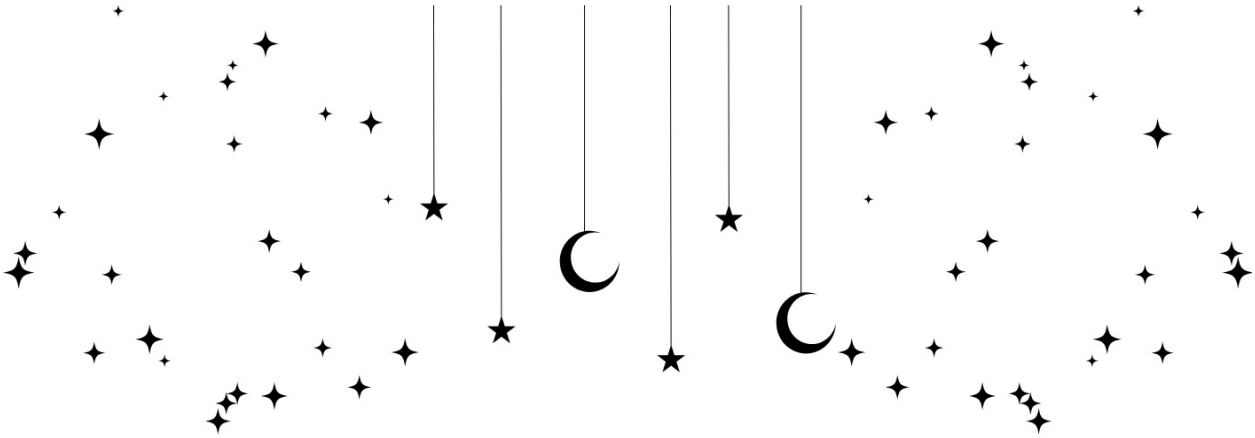
Ele ponderou por um momento, absorvendo minhas palavras. O sorriso que surgiu em seu rosto foi um dos mais sinceros que já vi, seus olhos brilhando com surpresa e emoção.

— Um presente de Deus... — ele repetiu, balançando a cabeça com um sorriso ainda maior. — E pensar que eu só queria ser alguém especial para você.

— Você é muito mais do que isso, Matias — respondi, meu tom sério. — Você é a resposta para muitas das minhas orações. E agora, estou pronta para ver aonde esse presente vai nos levar.

Ele me puxou para mais perto novamente, e seu abraço foi ainda mais caloroso e protetor do que antes.

— Eu também estou pronto, Liz — ele sussurrou no meu ouvido, sua voz carregada de emoção. — Pronto para começar essa nova fase ao seu lado, como presente de Deus... e como alguém que te ama profundamente.



EPÍLOGO

Deitada no chão de concreto liso, sinto a imensidão do céu estrelado se abrir sobre mim. Estamos no topo do Farol Santander[3], e a vista de São Paulo se estende ao nosso redor como um mar de luzes vibrantes, enquanto o céu acima brilha com uma serenidade que contrasta com o ritmo frenético da cidade lá embaixo. A brisa noturna é fresca, acariciando meu rosto enquanto respiro fundo, deixando que a paz desse momento preencha todo o meu ser.

Matias se aproxima e, sem dizer uma palavra, deita-se ao meu lado. O concreto sob nós é frio, mas não desconfortável, e o toque dele, ao entrelaçar seus dedos nos meus, traz calor. O som distante da cidade é quase imperceptível aqui em cima — não é um silêncio absoluto, mas uma quietude que parece acolher nossas reflexões.

— Já pensou em quantas estrelas existem? — Matias sussurra, a voz dele tão suave quanto o vento que nos envolve. — É impossível contar todas, mas cada uma tem o seu lugar, assim como cada um de nós.

Olho para o céu novamente. As estrelas parecem ainda mais distantes do que quando as vejo do chão, mas também mais próximas em significado. Sinto-me pequena diante delas, mas conectada. Como se cada uma dessas luzes fosse um ponto fixo na vasta tapeçaria de Deus, do qual fazemos parte.

— Sabe, quando criança, eu pensava que o céu estrelado era o teto da casa de Deus — continuo, a lembrança trazendo um sorriso aos meus lábios. — Como se cada estrela fosse uma janela pela qual Ele observava todos nós.

Matias sorri, e posso ver o brilho suave das luzes da cidade refletido nos olhos dele.

— É uma forma bonita de pensar. E faz sentido, porque Ele está sempre olhando por nós. Mesmo quando não podemos ver.

As palavras dele tocam algo profundo dentro de mim, e sinto uma onda de emoção se formar, preenchendo meus olhos com lágrimas que não são de tristeza, mas de uma compreensão mais profunda. Cada estrela no céu parece sussurrar: "*Você não está sozinha. Nunca esteve.*"

Fecho os olhos, deixando que a escuridão se misture com as luzes das estrelas atrás das pálpebras. As memórias dos últimos meses passam diante de mim: a dor do luto, a reconciliação com minha mãe, o amor de Matias, cada momento uma parte da jornada que me trouxe até aqui, até este lugar, sob este céu.

Quando abro os olhos, a cidade ainda brilha lá embaixo, mas o que parece mais claro, mais brilhante, é o céu acima. A sensação de ser pequena, quase insignificante, desaparece. Sei que, assim como as estrelas têm seu lugar no céu, eu tenho o meu lugar nesta história. E, assim como o universo é vasto, também é o amor de Deus.

Matias aperta minha mão, trazendo-me de volta ao presente. Ele vira o rosto para me olhar, seus olhos refletindo o brilho das estrelas e das luzes da cidade.

— O que você está pensando? — ele pergunta, a voz dele cheia de carinho.

Sorrio, virando-me para ele.

— Que, assim como o céu estrelado, o amor de Deus é vasto, infinito. E que, mesmo em meio à escuridão, Ele sempre está lá, nos guiando.

Matias inclina a cabeça, os olhos castanhos dele fixos nos meus.

— E que cada estrela — continuo, a voz agora baixa, quase um sussurro — é como uma promessa de que não estamos sozinhos. Que tudo coopera para o nosso bem, mesmo quando não entendemos o porquê.

Ele sorri, e sei que ele entende. Juntos, olhamos novamente para o céu. A vastidão acima de nós, iluminada pela luz suave das estrelas, é uma lembrança silenciosa do cuidado de Deus. Sob esse céu estrelado, e com a cidade vibrando suavemente lá embaixo, envolta no amor divino, sei que tudo ficará bem.

AGRADECIMENTOS

Ao olhar para trás e ver tudo o que foi necessário para que "Sob o céu estrelado" se tornasse realidade, meu coração transborda de gratidão.

Primeiramente, agradeço a Deus, foi nEle que encontrei as palavras, a inspiração e o propósito para cada página escrita, e para Ele é toda honra e glória.

Ao meu melhor amigo e também meu amor, Marcelo Monteiro. À minha amiga Sarah Zuanazzi. Vocês embarcaram nessa jornada comigo, ouvindo minhas ideias, revisando meus rascunhos, me dando palavras de incentivo e mensagens de carinho, mas, principalmente, acreditando em mim, mesmo quando eu não acreditava.

E, por fim, a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram para que "*Sob o céu estrelado*" pudesse chegar às mãos dos leitores. Sua generosidade e apoio foram fundamentais, e sou eternamente grata por cada um de vocês.

SOBRE A AUTORA



Andressa Sousa é uma escritora cearense cuja fé em Cristo é a força motriz por trás de sua escrita. Ela acredita firmemente no poder curativo das palavras e busca inspirar e tocar os corações de seus leitores através de suas histórias.

Criadora de conteúdo literário no perfil @encantoelivros no Instagram, Andressa compartilha sua rotina de leituras e reflexões. "*Sob o Céu Estrelado*" é sua primeira obra.

NOTAS

[1] "Aquieta Minh’alma" - Canção do Ministério Zoe. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=ANfpF0pNob4.

[2] Série de televisão americana de comédia dramática.

[3] O Farol Santander, com seus 161 metros de altura, é um dos prédios mais altos do país e abriga um centro dedicado à cultura, turismo, lazer e gastronomia.